

Em relação às dimensões há diferenças segundo os animais, e no mesmo animal mas em órgãos diferentes. O comprimento é, em média, de 3 micra, podendo ir a 12 no músculo costureiro do homem. A espessura vai de 15 micra a 150.

As fibras são, em geral, estreitas nas aves e nas larvas das Insectas. No homem e nos mamíferos são mais estreita na língua que no músculos dos membros. A cor é vermelha, dizendo *Arlhne* que isto não é devido ao sangue, porque a cor persiste estando vazios os capilares. Admite-se, entretanto, que ela é devida a uma combinação da substância muscular com uma fração pro-porção de hemoglobina, apresentando à análise espectral todos os caracteres da oxiemoglobina.

A coloração dos músculos varia consideravelmente segundo o estado de saúde ou de moléstia, segundo as espécies animais, segundo os músculos na mesma espécie, segundo a idade.

Os músculos estriados são incoloros durante a vida embrionária, tornando-se progressivamente vermelhos.

As fibras estriadas trilíneas e comprimidadas dão o suco muscular que se coagula. Este coágulo compreende uma parte sólida que se retrai — a miosina, e uma líquida — o soro muscular.

A coagulação da miosina parece dar-se nas mesmas condições que a da fibrina do sangue. O fenómeno da rigidez cadavérica é explicado pela coagulação da miosina.

Se examinarmos ao microscópio uma fibra muscular estriada, tirada de um animal vivo, ou pouco depois de morto e conservada em líquido neutro, observaremos uma dupla estriação. Transversalmente observar-se-á uma alternância de faixas claras e escuras. São as estrias propriamente ditas. Além destas existem linhas longitudinais perpendiculares às primeiras. São as estrias longitudinais. Estas são retinhas e paralelas e muito abundantes nos músculos que trabalham muito. Certos reativos exageram estas estriações — álcool, ácido crômico, etc. E assim a fibra estriada resulta da associação de um grande número de fibrilas. As estrias transversais persistem depois da morte e se accentuam pela acção da água, ácido clorídrico diluído, potassa, soda, suco gástrico, etc.

As fibras estriadas, uma vez dissociadas e coradas, podem servir para o estudo das faixas claras e escuras. Há nelas uma membrana envolvente — o sarcolema e núcleos numerosos abaixo da membrana e alojados em lacunas da substância contrátil. A resistência do sarcolema à acção dos reativos é considerável. O ácido acético, a água fervendo não a modificam, posto que estes reativos alterem profundamente o conteúdo da fibra. Um certo número de reações permite afirmar que o sarcolema não é formado, nem por uma substância elástica, nem por uma substância conjuntiva, e constitui um invólucro de célula análogo à cápsula das vesículas auditivas. Quanto aos núcleos dixeram que nas fibras estriadas das rãs, dos batráctios em geral, e peixes, estão esparsos na espessura das fibras. Esta disposição se acha em certos músculos de mamíferos. No coelho existem músculos estriados tendo cor vermelha e músculos estriados de cor branca. Os feixes dos vermelhos contêm núcleos na espessura, como os músculos das rãs. Os feixes dos músculos brancos só as possuem na superfície. Nas lebres, todos os músculos são vermelhos, mas também se encontram as duas modalidades de localização nuclear. No homem se encontram os dois tipos.

Os discos se encontram assim — um disco delgado, uma faixa clara, um semi-disco espesso, uma estria de *Hensen*, um semi-disco espesso, uma faixa clara, um disco delgado. Deixemos de lado estas minúcias, pois a nomenclatura é muitíssimo variada, com uma série bastante longa de nomes próprios, sendo conhecidas mais de 30 denominações para a estria média da faixa clara. As fibras estriadas se agrupam formando feixes e estes formam os músculos cuja acção depende do poder da vontade.

Os músculos estriados já são encontrados na faringe dos moluscos gastrópodos, nos cornos branquiais dos celétopodos, bem como na totalidade da musculatura dos artrópodos. Nos vertebrados são abundantes.

As teorias da contração muscular são inúmeras. Fegem do ponto, pois nosus especuladores devem ser sob o ponto de vista estática e não dinâmico. Passemos agora ao estudo da célula nervosa. É do exodermia que se origina o elemento nervoso, e já nos acalafos e elenóforos *Fritz Miller* des-cobriu estes elementos. E, assim, já nos filozórios o sistema nervoso é constituído por células nervosas, de tal modo dispostas que formam, pela sua seriação, um verdadeiro anel nervoso, segundo *Hertzog*. As células nervosas são também encontradas nos chamados cérebros ambulacraes de *Fritz Miller* nos equinodermas; nos gânglios de outros invertebrados; nos vertebrados; nos centros cérebro-espinaes.

A célula nervosa é constituída por massa protoplásmica, parecendo não ter invólucro. Contem um núcleo, às vézes mais de um, e um nucleolo. As células do grande simpático do coelho, por exemplo, possuem dois nucleolos.

A célula nervosa passa por ter sido descoberta por *Valentin* em 1836. É cheia de prolongamentos. Os leucitos constituídos por estes elementos são colocados por *Muller* em seu terceiro grupo — Tecidos formados por células parciais ou totalmente transformadas em fibras. Os prolongamentos foram sobretudo estudados por *Deiters*. Distingue-se um longo prolongamento que se continua com uma fibra nervosa, e outros prolongamentos, de ordinário múltiplos — os prolongamentos protoplásmicos. O primeiro — prolongamento de *Deiters*, é também chamado cilindro-eixo, axónio de *Kölliker*; apresenta geralmente contornos nítidos, regulares, lisos; os protoplásmicos tem contornos irregulares, aspecto granuloso, emilito numerosos ramúsculos colaterais — os dendritos de *His*.

A célula nervosa com todos os prolongamentos dá-se o nome de neurónio de *Waldayer*. O sistema nervoso é então considerado como uma superposição de neurónios.

Atendendo à direcção em que cada prolongamento pode funcionar, distinguem ainda os autores os prolongamentos celulares pelas seguintes expressões: — o prolongamento de *Deiters* é celulíngeo; conduz os estímulos nervosos da célula de que procede, para os elementos onde termina; o prolongamento protoplásmico é celíngeo, conduzindo o estímulo dos elementos com os quais se acha em contacto para o corpo celular da que depende.

As células nervosas pelos seus prolongamentos podem ser — multipolares, bipolares e unipolares. As primeiras são encontradas em toda a extensão do eixo cérebro-espinal dos vertebrados, nos cornos anteriores da medulla, na periferia do cérebro onde oferecem um corpo celular cônico, ou em forma de pirâmide de cuja base parte um prolongamento de *Deiters*, e dos lados e do vértice — os prolongamentos protoplásmicos, com suas ramificações dendríticas. Existem no cérebro, sendo denominadas células de *Purkinje*. As células bipolares encontram-se nos gânglios espinaes dos peixes plagiostomos, no gânglio acústico e nos gânglios cérebro-espinaes das rãs, nos gânglios nervosos do homem, bem como nos elementos sensitivos periféricos — membrana olfactiva, retina, gânglio de *Schwann* do acústico, etc.

As células verdadeiramente unipolares não existem nos mamíferos. São encontradas, entretanto, nos salamandras e nas lombríngas.

Alguns autores ainda dividem as células nervosas em células de cilindro-eixo longo, como as células de *Purkinje* do cérebro, e células de cilindro-eixo curto.

A fibra nervosa oferece três elementos — o filamento central ou cilindro-eixo, a bainha de mielina e a bainha de *Schwann* ou neurilema de *Bichat*. O cilindro-eixo é o elemento essencial da fibra nervosa, continução do prolongamento de *Deiters*. Quanto aos outros elementos eles podem faltar. Assim — há fibras mielínicas e fibras sem mielina ou de *Rennack*. As fibras mieli-

Em relação às dimensões há diferenças segundo os animais, e no mesmo animal mas em órgãos diferentes. O comprimento é, em média, de 3 milia, podendo ir a 12 no músculo costureiro do homem. A espessura vai de 15 milia a 150.

As fibras são, em geral, estrietas nas aves e nas larvas das lagostas. No homem e nos mamíferos são mais estrietas na língua que no músculo dos membros. A cor é vermelha, dizendo *Kilmer* que isto não é devido ao sangue, porque a cor persiste estando vazios os capilares. Admite-se, entretanto, que ela é devida a uma combinação da substância muscular com uma fração porção de hemoglobina, apresentando à análise espectral todos os caracteres da oxihemoglobina.

A coloração dos músculos varia consideravelmente segundo o estado de saúde ou de moléstia, segundo as espécies animais, segundo os músculos na mesma espécie, segundo a idade.

Os músculos estriados são incolores durante uma grande parte da vida embrionária, tornando-se progressivamente vermelhos.

As fibras estriadas trituradas e comprimidas dão o suco muscular que se coagula. Este coágulo compreende uma parte sólida que se retrai — a miosina, e uma líquida — o soro muscular.

A coagulação da miosina parece dar-se nas mesmas condições que a da fibrina do sangue. O fenómeno da rigidez cadavérica é explicado pela coagulação da miosina.

Se examinarmos ao microscópio uma fibra muscular estriada, tirada de um animal vivo, ou pouco depois de morto e conservada em líquido neutro, observaremos uma dupla estriação. Transversalmente observar-se-á uma alternância de faixas claras e escuras. São as estrias propriamente ditas. Além destas existem linhas longitudinais perpendiculares às primeiras. São as estrias longitudinais. Estas são retinhas e paralelas e muito abundantes nos músculos que trabalham muito. Certos reativos exageram estas estriações — álcool, ácido crômico, etc. E assim a fibra estriada resulta da associação de um grande número de fibrillas. As estrias transversais persistem depois da morte e se accentuam pela acção da água, ácido clorídrico diluído, potassa, soda, suco gástrico, etc.

As fibras estriadas, uma vez dissociadas e coradas, podem servir para o estudo das faixas claras e escuras. Há nelas uma membrana envolvente — o sarcolema e núcleos numerosos abaixo da membrana e alojados em lacunas da substância contrátil. A resistência do sarcolema à acção dos reativos é considerável. O ácido acético, a água fervendo não a modificam, posto que estes reativos alterem profundamente o conteúdo da fibra. Um certo número de reações permite afirmar que o sarcolema não é formado, nem por uma substância elástica, nem por uma substância conjuntiva, e constitui um invólucro de célula análogo à cápsula das vesículas auditivas. Quanto aos núcleos ditimos que nas fibras estriadas das rãs, dos batráceos em geral, e peixes, estão esparsos na espessura das fibras. Esta disposição se acha em certos músculos de mamíferos. No coelho existem músculos estriados tendo cor vermelha e músculos estriados de cor branca. Os feixes dos vermelhos contêm núcleos na espessura, como os músculos das rãs. Os feixes dos mioceros brancos só as possuem na superfície. Nas lebres todos os músculos são vermelhos, mas também se encontram as duas modalidades da localização nuclear. No homem se encontram os dois tipos.

Os discos se sucedem assim — um disco delgado, uma faixa clara, um semi-disco espesso, uma estria de *Hensen*, um semi-disco espesso, uma faixa clara, um disco delgado. Deixemos de lado estas minúcias, pois a nomenclatura é muitíssimo variada, com uma série bastante longa de nomes próprios, sendo conhecidas mais de 30 denominações para a estria média da faixa clara. As fibras estriadas se agrupam formando feixes e estes formam os músculos cuja acção depende do poder da vontade.

Os músculos estriados já são encontrados na faringe dos moluscos gastrópodos, nos corações branquiais dos cefalópodos, bem como na totalidade da musculatura dos artrópodos. Nos vertebrados são abundantes.

As teorias da contração muscular são inúmeras. Fogen do ponto, pois nossas especulações devem ser sob o ponto de vista estática e não dinâmica.

Passemos agora ao estudo da célula nervosa. É do exodermia que se origina o elemento nervoso, e já nos aculetos e ctenóforos *Fritz Müller* descobriu estes elementos. E, assim, já nos filozoários o sistema nervoso é constituído por células nervosas, de tal modo dispersas que formam, pela sua seriação, um verdadeiro anel nervoso, segundo *Hertwig*. As células nervosas são também encontradas nos chamados cérebros ambulatórios de *Fritz Müller* nos equinodermas; nos gânglios de outros invertebrados; nos vertebrados; nos centros cérebro-espinais.

A célula nervosa é constituída por massa protoplásmica, parecendo não ter invólucro. Contém um núcleo, às vezes mais de um, e um nucleolo. As células do grande simpático do coelho, por exemplo, possuem dois núcleos.

A célula nervosa passa por ter sido descoberta por *Valentin* em 1836. É cheia de prolongamentos. Os tecidos constituídos por estes elementos são colocados por *Malthus Dural* em seu terceiro grupo — Tecidos formados por células parciais ou totalmente transformadas em fibras. Os prolongamentos foram sobretudo estudados por *Delers*. Distingue-se um longo prolongamento que se continua com uma fibra nervosa, e outros prolongamentos, de ordinário múltiplos — os prolongamentos protoplásmicos. O primeiro — prolongamento de *Delers*, e também chamado cilindro-eixo, axônio de *Killiker*, apresenta geralmente contornos nítidos, regulares, lisos; os protoplásmicos têm contorno irregular, aspecto granuloso, emfindido numerosos ramusculos laterais — os dendríticos de *His*.

A célula nervosa com todos os prolongamentos dá-se o nome de neurônio de *Waldeyer*. O sistema nervoso é então considerado como uma superposição de neurônios.

Atendendo à direcção em que cada prolongamento pode funcionar, distinguem ainda os autores os prolongamentos celulares pelas seguintes expressões: — o prolongamento de *Delers* e celulíngio; conduz os estímulos nervosos da célula de que procede, para os elementos onde termina; o prolongamento protoplásmico é celulíngio, conduzindo o estímulo dos elementos com os quais se acha em contacto para o corpo celular da que depende.

As células nervosas pelos seus prolongamentos podem ser — multipolares, bipolares e unipolares. As primeiras são encontradas em toda a extensão do eixo cérebro-espinal dos vertebrados, nos cornos anteriores da medulla, na periferia do cérebro onde oferecem um corpo celular cônico, ou em forma de pirâmide de cuja base parte um prolongamento de *Delers*, e dos lados e do vértice — os prolongamentos protoplásmicos, com suas ramificações dendríticas. Existem no cérebro, sendo denominadas células de *Partridge*. As células bipolares encontram-se nos gânglios espinais das peixes plagioglossos, no gânglio acetico e nos gânglios cérebro-espinais das rãs, nos gânglios nervosos do homem, bem como nos elementos sensitivos periféricos — membrana olfactiva, retina, gânglio de *Scarpa* do acetico, etc.

As células verdadeiramente unipolares não existem nos mamíferos. São encontradas, entretanto, nas salamandras e nas lombrigas.

Alguns autores ainda dividem as células nervosas em células de cilindro-eixo longo, como as células de *Partridge* do cérebro, e células de cilindro-eixo curto.

A fibra nervosa oferece três elementos — o filamento central ou cilindro-eixo, a bainha de mielina e a bainha de *Schwann* ou nevriloma de *Bichat*. O cilindro-eixo é o elemento essencial da fibra nervosa, continuação do prolongamento de *Delers*. Quanto aos outros elementos eles podem falar. Assim — há fibras mielínicas e fibras sem mielina ou de *Rennack*. As fibras miel-

nicas se apresentam sob duas modalidades: umas, nas quais a mielina é recoberta pela membrana de Schwann, encontram-se nos nervos periféricos; outras, onde se não encontra a citada membrana — as fibras dos centros nervosos. A membrana de Schwann é extremamente delgada, hialina, transparente, difícil de ver. É nitida nos nervos que sofrem a degeneração walleriana, em nos talos nervosos tratados, a princípio, pelo ácido osmítico e depois pela potassa. Pode-se comparar a membrana de Schwann no sarcolema. Alinixo da membrana de Schwann e ao nível da parte média do segmento interaxilar, achase uma pequena massa protoplásmica e, no centro, um núcleo com um núcleo brilhante.

A mielina é uma substância tendo a consistência de uma gelatina transparente e ligeiramente amarelada à luz difusa, branca à luz directa. É solúvel no álcool ferendo e no éter. Fica preta sob a influência do ácido osmítico. Sua composição química é pouco conhecida, sabendo-se que é matéria graxa fosforada, contendo lecitina e cerebriina. A mielina não é distribuída de modo uniforme; ela se divide em segmentos separados por fendas obliquas — as incisuras de *Lantermann*. De espaço a espaço a fibra apresenta estrangulamentos — os estrangulamentos de *Ranvier*, sem que a membrana de Schwann deixe de ser continua, não existindo aí mielina.

O cilindro-eixo não é homogêneo; apresenta estrutura. É formado por um feixe de fibrilhas dedicadas em uma substância hialina líquida ou semifluida segundo vários autores. O nitrato de prata cora o cilindro-eixo em preto e o cloreto de ouro em violeta.

As fibras mielínicas dos centros nervosos não possuem membrana de Schwann, nem estrangulamentos, nem, por consequência, segmentos anelares.

As fibras nervosas sem mielina podem ser também de duas modalidades — fibras amilínicas de cilindro-eixo nu, e as fibras de *Ranvier*.

Estas últimas se encontram em todos os nervos ao lado das fibras mielínicas; é, entretanto, na parte terminal dos nervos orgânicos que abundam.

(O candidato consulta o relógio).

Como a hora já vai muito adiantada deixo de citar algumas minúcias anatómicas para entrar em assunto que julgo muito importante — a crítica à teoria dos neurônios de *Waldayer*. É estudo moderníssimo. Estudando a estrutura fibrilar das células ganglionares e estudando as ramificações finas dos nervos, encontramos uma série de fatos que não podem ser postos em concordância com a doutrina, pelo menos na sua forma primitiva. Já na época do apogeu da teoria dos neurônios citavam-se fatos contrários. Tais discordâncias eram principalmente vistas no sistema nervoso dos celenteros, onde as células ganglionares possuem prolongamentos homogêneos que se não distinguem em axônios e dendrites, e formam verdadeiras redes. *Bellie* chamou principalmente a atenção dos pesquisadores para a larga frequência dessas redes nervosas, mostrando mesmo a frequência de tais redes na periferia dos animais de sistema nervoso centralizado. *Dogiel* descreveu na retina células ganglionares formando rede — as chamadas células horizontais — onde se observam fibrilhas passando de um território celular para outro; há verdadeiras ligações, que também se observam no plexo simpático das paredes intestinais.

Não foram, porém, as anastomoses que formaram o ponto de partida da oposição à teoria dos neurônios. Ocuparam lugar de destaque os trabalhos de *Abduh*, que, com o auxílio do cloreto de ouro demonstrou fatos que ainda não sofreram contestação. Seus neuro-fibrilas são consideradas como elementos condutores. *Bellie*, baseado em pesquisas próprias e com métodos seus procurou dar força à opinião de que a substância especificamente nervosa não é formada por indivíduos celulares e sim pelas substâncias especificamente nervosas (*Sooti o limpato, annunciando a terminação do tempo*).

Lamento não ter podido terminar este assunto...

(*)

PROFESSOR EUCLIDES ROXO



ILHO do engenheiro João Baptista Guimarães Roxo e de D. Francisca de Medeiros Guimarães Roxo, nasceu em Aracaju, a 10 de dezembro de 1890. Fez o curso primário com o pai e ingressou no Internato do Colégio Pedro II em 1904, tendo sido um dos mais brilhantes alunos que por ali passaram, o que lhe valeu todos os prêmios anuais e o grande prêmio "Pantheon". Bem cedo começou a praticar a profissão à qual se dedicaria, mais tarde, definitivamente: tinha alunos particulares dentro do próprio Internato. Ingressou na Escola Politécnica onde colou grau de engenheiro civil com a turma de 1916, da qual foi escolhido orador. Ainda universitário, já lecionava como professor substituto no Colégio Pedro II onde pouco depois viria a ocupar a Cátedra de Matemática. Grande era o amor que ele dedicava a este tradicional estabelecimento de ensino. Obteve, por concurso, a Cátedra de Matemática na antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação, onde ensinou a várias gerações de professores.

Foi o ardoroso reformador do Ensino da Matemática no Brasil, tendo colaborado nas Reformas Francisco Campos e Capanema. Introduziu em ambas os métodos que sempre preconizou e que estão contidos em seu livro "A Matemática na Educação Secundária".

Foi membro do Conselho Nacional de Educação e Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde. Pertencia a várias associações culturais, entre as quais a Associação Brasileira de Educação. Ultimamente era Presidente da Comissão Nacional do Livro Didático.

Na profissão de engenheiro trabalhou, por pouco tempo, em algumas empresas particulares. A vocação para o magistério absorveu, porém, todas as outras atividades; e depois de 36 anos de professorado, costumava confessar que começava cada aula com um prazer renovado.

Deixa o Prof. Euclides Roxo várias obras no campo da Matemática, bem como alguns trabalhos de contribuição à solução dos nossos problemas de ensino. Citaremos as seguintes: "Lições de Aritmética", "A Matemática na Educação Secundária", "Unidades e Medidas", "Curso de Matemática" (1.ª, 2.ª, 3.ª série). Em colaboração com os professores Thibe e Mello e Souza: "Matemática Ginasial". Com os professores Haroldo Lisboa da Cunha, Roberto Peixoto e Cesar Dacoroso Netto: "Matemática" (2.º ciclo) (1.ª, 2.ª e 3.ª série).

(*) Notas biográficas coligidas por seu filho Engenheiro Suelto Roxo.

MINISTRO CÂNDIDO LOBO



Ministro Cândido Lobo

raram rápida e brilhante carreira na magistratura.

Nomeado juiz de Direito em 1933, Desembargador da Corte de Apelação em 1939 e recentemente Ministro do Tribunal Superior de Recursos, galgou assim o antigo aluno deste Internato um dos últimos e mais cubiçosos postos da carreira que abraçou por vocação e merecimento.

Muitas das sentenças e acórdãos da sua autoria estão reunidos em seis volumes de cerca de 700 páginas cada um.

Ao preencher a ficha de membro da Associação dos Antigos Alunos do Internato o ministro Cândido Lôbo declarou que foram seus colegas de turma no Colégio os seguintes antigos alunos: Philadelpho Azevedo, atual Ministro da Suprema Corte de Haya; Ministro Frederico Barros Barreto, Brigadeiro Alvaro Hecksher, atual comandante da 3.^a Zona Aérea (Recife); Advogados Alfredo Valdetaro da Silva e Carlos de Almeida, médico J. J. Velho da Silva, dr. José Augustinho

Marques Porto, atual Curador de Órfãos em São Paulo, engenheiro Civil Otávio Valdetaro Coimbra, Carlos M. de Figueiredo, embaixador do Brasil na Finlândia, etc...

Como se verifica todos esses antigos alunos do Internato da turma do Ministro Cândido Lôbo exercem as mais elevadas funções nas carreiras que abraçaram.

DR. ANTÔNIO IBIAPINA

Bacharelou-se na turma de 1923, concluindo então o curso que iniciou em 1919. Já no ano seguinte, em 1924, matriculou-se na Faculdade de Medicina, que frequentou até 1929.

Atraído pelo magistério, vê-se Livre-Docente da cadeira de Fisiologia, em 1937, na Escola de Medicina e Cirurgia. Dentro de um biênio é Professor Catedrático de tão importante especialidade na mesma Escola.

O Professor Ibiapina juntara aos títulos que conquistara, publicações de alto interesse e valor: *Dispensários — Modelo* (1938); *Início e Evolução de Tuberculose Pulmonar no Adulto* (1945), etc.

Livre-Docente de Fisiologia da Faculdade Fluminense de Medicina, em 1949, galgou daí o mais alto degrau de uma bela carreira: com a tese *Pneumoperitônio no Tratamento da Tuberculose Pulmonar* — concorreu à cadeira de Fisiologia da Faculdade Nacional de Medicina, concurso em que foi classificado em 1.º lugar.

Recebeu, assim, justo prêmio de seus esforços, pelo que o homenageia envaldeadamente *INTERMATO*.

PRÓXIMOS HOMENAGEADOS

Esta seção agora introduzida nesta revista servirá para homenagear os antigos alunos do Colégio, que, honrando as tradições da Casa, exercem posição de real relevo nos mais variados ramos da atividade pública.

Felizmente os que se encontram nessa condição não constituem número reduzido.

Por este motivo "Internato" não podia de uma só vez alcançar o objetivo visado. Diante disto a seção será permanente e, em todos os novos números, vários serão os antigos alunos aos quais será prestado o merecido tributo.

Dentre os que serão homenageados no próximo número podemos desde já citar o Brigadeiro Armando Trompowski, Ministro Barros Barreto, dr. E. Miranda Jordão, professores Mauricio Medeiros, Quintino do Vale, J. B. de Melo e Sousa, Murilo Braga, dr. Ovidio Paulo de Meneses Gil, e muitos outros.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II

SÓCIOS FUNDADORES

A

- FRANCHES, Dr. Carlos Alberto Dunahue (1927-30). Rua Alberto Campos, 115. Tel. 27-3924.
ARRANCHES NETO, Dr. João Dunahue de (1927-31). Rua Odílio Baccelar, 27. Tel. 46-0421.
AGUIAR, Rubello Freire de (1921-25). Rua Prudente de Moraes, 805, c/8. Tel. 47-2358.
ALBUQUERQUE, Cpt. Oswaldo Soares de (1927-30). Av. Amaro Cavalcanti, 1233.
ALCANTARA, Adhemar Setiro de (1940-43). Rua Magalhães Couto, 14, c/2, apto. 101.
ALMEIDA, Prof. Antonio Colleta de (1933-37). Rua Dr. Octavio Kelly, 40, c/2, apto. 1, Tel. 38-8986.
AMARAL FILHO, Dr. Ubaldino do (1895-1898). Praia do Flamengo, 344, 4.º andar.
ANANIAS, Linbergh (1941-46). Rua Amadas, 25. Tel. 28-2904.
ANDRADE, Renato Toledo (). Rua Andrade Perleone, 27, cpto. 501, Tel. 23-6614.
ANDRÉA, Prof. Julio Queiroz Soares de (). Rua Barão de Petrópolis, 39-A.
ANDRZEWSKI, João (1935-1940). Rua Barata Ribeiro, 270, appto. 306.
ARAÚJO, Prof. Murillo (1908-11). Rua Barão de Janguribe, 36.
ARAÚJO, Dr. Carlos Alberto de Souza (1925-28). Rua Correção de Maria, 126, c/31, Tel. 29-6222.
ASSIS, Darcy de (1941-47). Rua São Luis Gonzaga, 190.
AZEVEDO, Aluisio (1916-20). Rua Desembargador Burle, 116. Tel. 26-7084.
AZEVEDO, Dr. Arnaldo Cunha de (1902-1908). Rua Marechal Ttaumaturgo de Azevedo, 89, appto. 101, Tel. 28-4775.
AZEVEDO, Ministro José Philadelphino de Barros (1905-10). Av. Princesa Isabel, 11, Tel. 37-2348.
AZEVEDO FILHO, Prof. Leodegênio Amaranite de (1942-47). Rua Humaitá, 229, appto. 611.

B

- BARBOSA, Gal. Julio Ceetano Horta (1894-1896). Rua Constante Ramos, 64. Tel. 27-4217.
BARRADAS, Dr. Raul Alfredo de Amorim (1933-1938). Rua Silveira Martins, 136, ap. 1, Tel. 42-7134.
BARRETO, Ministro Frederico Barros (). Av. Epitácio Pessoa, 1840, Tel. 26-9090.
BARROS, Athina Onofre de (1910-1922). Rua Souto Carralho, 43. Tel. 29-6077.
BARROS, Jomir Gusmano de (1933-1935). Rua General Bruce, 896.
BARROS, Prof. Nelson de (1932-1936).
BARROS, Paulo Alcântara de (1937-1942). Rua Aires Saldanha, 24, ap. 702. Tel. 27-5861.
BARROSO, Tarciso (1943-1947). Rua Duque de Caxias, 1021 — Ceará.
BASTOS, Eduardo Carlos Travres (1928-1943). Rua Guanambianga, 141.
BELLO, Dr. Benjamim Vieira (1913-1918). Av. Maracaná, 1509. Tel. 38-2881.
DITTECOURT, Dr. Carlos Machado (1895-1897). Rua Aires Saldanha, 36. Tel. 27-5544.
BRUHNS, Dr. Angelo (1908-1911). Rua Paulino Fernandes, 30. Tel. 42-1604.

C

- CABRAL, Dr. Paulo da Silva (1924-1927). Rua Boretha Ribeiro, 23, ap. 54. Tel. 37-2701.
CARDOSO, José Luiz (1941-1947). Rua Lopes da Cunha, 98. Tel. 21-309. Niterói.
CARDOSO, Dr. Kleber (1932-1932). Rua Dom Pedro II, 401, ap. 302. Tel. 47-2560.
CARDOSO, Dr. Ney (1932-1932). Rua Dom Pedro II, 401, ap. 302. Tel. 47-2560.

- CARNEIRO, Dr. Joaquim Vianna (1924-1928). Rua Desembargador Ialdrô, 01, ap. 301, Tel. 48-1355.
- CARVALHO, Prof. Jairo Dias de (1940-1947). Av. Pedro II, 149, c/8.
- CARVALHO, Prof. Murilo Braga de (1927-1928).
- CARVALHO, Rodolfo Jeaner Alvimera de (1940-1945). Rua Araújo Penna, 42.
- CARVALHO, Dr. Pericles de Faria Meilo (1927-1930). Rua Xavier da Silveira, 20, ap. 1001, Tel. 27-8209.
- CARVALHO, Prof. Thales de Faria Meilo (1926-1930). Rua Jernipora, 65, Tel. 47-1924.
- CARVALHO, Alceu Correa e (1940-1947). Rua Visconde de Itamarati, 11, c/2, Tel. 48-4320.
- CASTRO, Almirante Archimedes Botelho Pires de (1910-1913). Rua Bolívar, 7, ap. 13, Tel. 27-2015.
- CASTRO, Dr. Luiz Gonzaga Pereira de Moura (1926-1930). Rua Desembargador Ialdrô, 09, c/3, Tel. 28-5261.
- CASTRO, Prof. Octavio Lopes de (1909-1912). Av. Portugal, 386, ap. 42, Tel. 20-1748.
- CÁSTRO, Dr. Raul (1896-1901). Av. Maracá, 1.256, Tel. 38-0938.
- COSTA, Dr. Cel. Spílio Alves (1914-1919). Rua Botucatu, 30, Tel. 38-5022.
- CHAMBERLAIN, Nêe (1940-1946). Rua Djalma Ulbrich, 239, ap. 301.
- COELHO, Arnaldo Lambert (1903-1908). Rua Almirante Alexandrino, 340, Tel. 22-0004.
- COEDOVIL, Capitão-Tenente Carlos Augusto Guimarães (1934-1938). Rua Tutuê, 17, Tel. 48-8395.
- CORREIA, Heleno Bueno (1835-1941). Rua Voluntários da Pátria, 60, c/4, Tel. 20-0086.
- COSTA, Abel Teixeira da (1930-1935). Rua Francisco Sá, 32.
- COSTA FILHO, Dr. Archimedes Vargas da (1927-1933). Rua Senador Furtado, 117, ap. 101, Tel. 28-7691.
- COSTA, Dr. Jacy Macedo (1924-1934). Av. Engênio Richard, 220, Tel. 38-4749.
- COSTA, Dr. João Correia da (1924-1927). Av. N. S. Copacabana, 380, Tel. 37-3852.
- COSTA, Dr. Joaquim Alves (1925-1926). Rua Paula Freitas, 61, ap. 201, Tel. 37-3410.
- CRUZ, Conde de Oliveira (1914-1919). Rua 24 de Maio, 257, Tel. 48-6132.
- CRUZ, Prof. Ezequiel Luiz Alvarés da (1910-1911). Rua Almirante Tramaundê, 20, ap. 17, Tel. 25-0635.
- D**
- DIAS, Dr. Alvaro Tolentino Borges (1916-1919). Av. Getemário Dantas, 48.
- DUARTE, Capitão Rufy Pinto (1924-1929). Av. São Sebastião, 99, s/202, Tel. 46-2148.
- F**
- FACANHA, Dr. Edgard Figueiredo (1927-1931). Rua Benjamin Constant, 135, ap. 1, Tel. 43-1605.
- FARIA, Prof. Romou de (1936-1941). Rua Vasco da Gama, 69, c/3.
- FILIAL, Dr. Felismino da Silveira (1924-1929). Rua Borda do Mato, 51, ap. 102, Tel. 38-6597.
- FREIREIRA, Dr. Kleber Theophilus (1917-). Rua Açúcar, 73, Tel. 27-0703.
- FIGUEIREDO, Bernardo Benedito de (1912-1916). Rua Sáfira, 314, Tel. 7-7663, S. Paulo.
- FILGUEIRAS, Joaz de Campos (1944-1946). Rua Coqueiros, 66.
- FONSECA, Veneslau Lima da (1910-1913). Rua Figueiredo Magalhães, 26, Tel. 37-9182.
- FONTES, Prof. Helio Carvalho d'Oliveira (1932-1933). Rua Engenheiro Adel, 40, ap. 3, Tel. 28-4789.
- FRANCKLIN, Danton Gomes (1920-1924). Rua Clube, 38, Pôrtopolis.
- FREITAS, Clóvis (1926-1927). Rua Barão da Torre, 589, Tel. 47-1052.
- FREITAS, Tte. Detido Gonçalves de (1940-1944). Estrada do Jory, 39, Campo Grande.
- FREITAS, Dylson Gonçalves de (1942-1948). Estrada do Jory, 93, Campos Grande.
- G**
- GALHEIGO, José Maria (1934-1938). Rua São Luiz Gonzaga, 190, Tel. 48-88065.
- GARCIA, Dr. Waldir de Matos (1928-1931). Rua Senador Vergueiro, 232, ap. 802, Tel. 23-2218.
- GIL, Dr. Ovídio Paulo de Menezes (1917-1921). Rua Engenheiro Gama Lobo, 170, Tel. 48-1415.
- GIL, Robinson da Silveira (1930-1945). Rua Engenheiro Gama Lobo, 170, Tel. 48-1415.
- GOMES, Major Haroldo Moreira (1916-1920). Rua dos Araújo, 6, c/14.
- GONÇALVES FILHO, Manoel (1939-1943). Estrada do Jory, 33, Campo Grande.
- GRIMPALES, Dr. Arthur Ribeiro (1907-1901). Rua Senador Dantas, 19, ap. 010, Tel. 42-5668.
- GUEDES, Frol. João Alfredo Libânio (1932-1938). Rua Hindock Lobo, 300, Tel. 48-0025.
- J**
- JORDAO, Dr. Edmundo de Miranda (1903-1903). Rua Marques de Abrantes, 172, Tel. 23-0143.
- JORDAO, Prof. Roberto de Miranda (1903-1903). Rua S. Miguel, 18, Tel. 38-1040.
- JOVINI, Dr. Carlos Frederico (1914-1918). Av. Copacabana, 6, Tel. 42-0202.

- KELLY, Dr. Eloydo de Simas (1924-1929). Rua Conde de Itaguaçu, 85, c/8 - 101, Tel. 28-8334.
- L**
- LACERDA, Durreal Rodrigues de (1939-1942). Rua Barão de Itapipipe, 508, ap. 101, Tel. 48-1969.
- LEMGRUBER, Capitão Geraldo Araújo (1933-1937). Rua Figueiredo Magalhães, 27, ap. 1002, Tel. 37-9258.
- LIMA, Prof. Carlos Henrique da Rocha (1930-1934). Praia de Botafogo, 22, ap. 604, Tel. 25-6638.
- LIMA, Dr. Miguel Alves de (1930-1934). Av. N. S. de Copacabana, 701.
- LIMA, Rodrigo Moura (1941-1947). Rua Marques de Abrantes, 147, ap. 504, Tel. 25-8616.
- LOBO, Ministro Candido Mesquita — Rua Piratininga, 389, Tel. 25-1234.
- LOPES, I.º Tte. Gualter Gonçalves (1935-1938). Rua Antonio Patrício, 37, Niterói.
- LUCCHETTI, Dr. Cesar (1924-1929). Rua Smith Vasconcelos, 59, ap. 102, Tel. 43-2458.
- LUZ, Dr. Estevão Lyrio da (1933-1937). Rua Maria Angélica, 533, ap. 202.
- M**
- MACEDO, Acacido Camargo de (1912-1913). Rua Prudente de Moraes, 1441, Tel. 47-1139.
- MACHADO, Oscar de Souza (1906-1909). Rua Santa Clara, 288, Tel. 37-4446.
- MAGALHÃES, Manuel Martins de (1938-1942). Rua Paula e Silva, 14.
- MALVA, Irail Araújo (1945-1948). Rua Carlos Sampaio, 65.
- MARQUES, Capitão Luiz José Torres (1833-1937).
- MARQUES, Dr. Paulo Torres (1920-1925). Rua Barão de Ipanema, 94, Tel. 37-9483.
- MARQUES, Dr. Renato Pacheco (1924-1929). Rua Martiz e Barros, 310, Tel. 2-1027, Niterói.
- MATTOS, Almir Brito de (1940-1948). Rua Tapajós, 15.
- MATTOS, Ulysses Aguiar da Cunha (1907-1939). Rua Emancipação, 26-A, Tel. 28-2273.
- MELLO, Nelson Fagundes de (1943-1945). Rua Antunes Marcel, 137, Tel. 28-5035.
- MEDEIROS, Prof. Maurício Campos de (1897-1900). Rua Gustavo Sampaio, 107, ap. 501, Tel. 37-0509.
- MEIRELLES, Pedro Soares (1917-1921). Rua Marques de Abrantes, 115, ap. 201, Tel. 45-3987.
- MEIRELLES, Dr. Raul de Figueiredo (1919-1923). Rua Campo Grande, 190-B.
- MELLO, Dr. Luiz Burlamaqui de (1914-1918). Rua Piratininga, 61, Tel. 27-0584.
- MELLO, Paulo Burlamaqui de (1918-1918). Av. Rio Branco, 26, Tel. 26-3986.
- MENONÇA, Dr. Carlos Susskind de (1910-1913). Rua Gustavo Sampaio, 234, Tel. 27-0183.
- METTER, Emanuel Ribeiro (1924-1928). Praça Sete de Setembro, 15-A.
- MEYER, José Ribeiro (1930-1933). Rua Santa Alexandrina, 15, ap. 252, Tel. 28-4017.
- MEDSONSON, Luiz Catarina Dias (1939-1944). Rua Pradini, 844, c/2.
- MONTREIL, Oscar de Magalhães (1939-1947). Rua Mauá, 110.
- MONTHERO, Almemiro da França (1943-1947). Avenida Paris, 356.
- MONTZEVANA, Tte. Cel. Niso de Vianna (1910-1914). Rua Comandante Prê, 23, Tel. 48-0377.
- NOREIRA, Celésio Rodrigues (1913-1918). Rua Canavieira, 295, Tel. 38-1054.
- MOULINHO, Dr. Paulo Celso de Almeida (1923-1928). Av. Abelardo Lobo, 10, Tel. 26-8482.
- N**
- NASCIMENTO, Tte. Cel. Antonio de Castro (1912-1915). Rua Antonio Basilio, 134, Tel. 48-8481.
- NASCIMENTO, Dr. Jacy Carneiro (1920-1924). Rua Almirante Sadock de Sá, 100, ap. 101.
- NAVA, Dr. Pedro da Silva (1916-1920). Rua da Glória, 60, ap. 702, Tel. 22-9242.
- NORONHA, Dr. Hildegarde de (1835-1898). Rua Prof. Gubizo, 109, Tel. 28-1981.
- O**
- OBBERG, Prof. Lamartine (1930-1935). Rua Araújo Reis, 100, Tel. 22-1922.
- OLIVEIRA, Dr. Avelino Senna de (1880-1896). Rua Nascimento Silva, 81, Tel. 47-1838.
- OLIVEIRA FILHO, Dr. Manuel Paes de (1923-1928). Av. Pasteur, 188, 7.º and., ap. 703, Tel. 26-6338.
- OLIVEIRA, Gildo de (1941-1945). Rua Coração de Maria, 246, c/3.
- OLIVEIRA JUNIOR, Dr. Francisco Benito de (1916-1919). Rua Tenente Possolo, 18, ap. 501, Tel. 32-2015.
- OLIVEIRA, Wilson de (1927-1931). Rua Abílio, 552, Tel. 48-9921.
- P**
- PEQUENO FILHO, Pedro Lopes (1936-1940). Rua Ricardo Machado, 53-A.
- PEIXOTO, Dr. Nicanear Braga (1926-1931). Rua Benque, 866, Tel. 4890, Pôrtopolis.
- PEREIRA, Paulo Prado (1829-1931). Rua Tte. Nepomuceno, 25.
- PESSOA, General José (1901-1902). Rua Prof. Abertardo Lobo, 74, Tel. 26-5694.

- PIEDRAS, Forcacio Moreira (1910-1912). Rua dos Arnuljos, 5, c/XIX. Tel. 28-0690.
 PINHO, Jorge Azevedo (1936-1942). Rua Bruno Scabru, 120.
 PINTO, Tte. Cel. Artiles Gonçalves (1912-1917). Rua José Higino, 204, c/9. Tel. 38-4305.
 PINTO, Braz Bittencourt Ferreira (1930-1921). Rua Barão de Ubu, 3. Tel. 23-541.
 PIRAGIBÉ, Miltastor Vicente Ferreira (). Rua Machado de Assis 17. Tel. 25-6370.
 PIRES, José Cândido Nunes (1934-1940). Rua Pereira Soares, 34.
 PORTUGALI, Major Edgard Marcondes (1916-1918). Rua Marquês de Valença, 43-A.
 Tel. 28-4388.
 PORTSCHI, Dr. José Petrino Alves (1919-1924).
 TULCHENHO, Tte. Cel. Koche (1910-1914). Rua Abade Ramos, 25, cp. 202. Tel. 46-1708.

R

- REIS, Prof. Jair Lessa Moia (1930-1935). Rua Carneiro da Rocha, 64.
 REZENDE, Prof. Leonidas Ribeiro de (1902-1908). Rua Silveira Martins, 136, ap. 202.
 Tel. 25-5413.
 RIBEIRO, Encus de Souza (1927-1931). Rua Gul. Belegarde, 70. Tel. 29-1056.
 ROCCA, Paulo Herbasier (1932-1935). Av. Meira Mar, 406, ap. 1105. Tel. 32-6002.
 RODRIGUES, Edson (1941-1947). Rua Xavier dos Passos, 208.
 RODRIGUES, Dr. Mário Martins (1927-1931). Rua Cte. Cochrane, 143. Tel. 48-0401.
 ROMERO, Dr. Diaby Farina (1921-1927). Rua Capitão Machado, 291. Tel. 42-8080.
 RONXO, Prof. Euclides de Medeiros Guimarães (1904-1909). Rua Alm. Alexandrino, 877.
 Tel. 28-8695 (Falecido).

S

- REIS, Prof. Jair Lessa Moia (1930-1935). Rua Carneiro da Rocha, 64.
 SA, Augusto Henrique Correa de (1891-1888). Rua SA Ferreira, 63. Tel. 27-3483.
 SA, Dr. Yvett Gerardo Fernandes de (1919-1924). Rua Dims da Cruz, 421. c/2.
 Tel. 46-1339.
 SANTA ROSA, Tte. Cel. Sylvio Americo (1913-1918). Av. Copacabana, 1386, ap. 502.
 Tel. 27-4957.
 SANTOS, Dr. Antonio Pereira dos (1930-1933). Rua Urugual, 18. Tel. 38-5665.
 SANTOS, Aguilardo Pinto dos (1934-1938). Rua Jequitã, 172. Tel. 48-4186.
 SANTOS, Prof. Lindalvo Bezerra dos (1932-1935). Rua Coração de Maria, 53, ap. 101.
 SANTOS, Nahrnheil dos (1931-1935). Rua Roberto Silva, 182. Tel. 30-2339.
 SANTOS, Dr. Wilson dos (1935-1940). Rua Leopoldo Bulhões, 253. Tel. 48-0978.
 SANTOS, Prof. Oldemar Ferreira dos (1936-1940). Colégio Pedro II, Internato.
 SANTOS FILHO, Isolino (1908-1912). Rua Conde de Bonfim, 125. Tel. 28-5450.
 SANTOS JUNIOR, Dr. José Aveilho dos (1932-1934). Av. do Exército, 46. ap. 202.
 Tel. 48-0700.
 SEGRETO SOBRINHO, Afonso (1917-1918). Estrada da Gávea, 89. Tel. 27-7426.
 SEGRETO SOBRINHO, Paschoal (1917-1918). Rua Pedro I, 4. Tel. 22-0124.
 SENZE, Capltão-Tenente Ezio (-1938). Comando Naval, Recife.
 SINAO, Eduardo (1919-1924). Rua Riud Pompêla, 13. Tel. 27-6993.
 SINAO, William (1919-1924). Rua Canaveiras, 808, ap. 301. Tel. 38-8584.
 SILVA, Celso Garrner da (1930-1934). Rua Dom Bosco, 76.
 SILVA, Dr. Aldino Machado (1928-1931). Rua Maria Amalia, 653. Tel. 38-7303.
 SILVA, Dr. José Julio Velho da (1911-1915). Rua Gomes Carneiro, 66, 6.º. Tel. 27-3110.
 SILVA, Dr. Luciano Alvaras Ferreira da (1906-1910). Cidade de Vassouras.
 SILVA, Dr. Luiz Guimarães Fernandes da (1926-1930). Rua Leopoldina Rego, 460, 800b.
 Tel. 30-2663.
 SILVA, Ocoelmo Bernardino Parninhos da (1903-1908). Rua Almirante Ary Barretros, 139.
 Tel. 48-6949.
 SILVA, Dr. Walter de Biase da (1923-1927). Rua Marechal Joffre, 73, ap. 4-A. Tel. 38-8649.
 SILVEIRA, Carlos Balmanzar da (1905-1907). Rua Dr. Garrner, 84. Tel. 28-0904.
 SILVEIRA FILHO, Dr. Manoel Guilherme da (1894-1896). Rua Paysandu, 93. Tel. 25-0618.
 SOARES, Prof. Lucio de Castro (1922-1935). Rua Machado de Assis, 39, ap. 305. Tel. 42-5106.
 SOARES, Dr. Murilo da Costa Souza (1908-1910). Ladeira Impenitn, 6-A, 2.º andar.
 Tel. 22-3909.
 SOUZA, Francisco de Paula Augusto de (1943-1945). Av. Alexandre Ferreira, 32. Tel. 26-5665.
 SOUZA, João Baptista de Melo e (1900-1905). Rua Nascimento Silva, 191. Tel. 27-7311.
 SOUZA, Jorge de Brito e (1932-1935). Rua Lopes Trovão, 318, ap. 202, Niterói.
 SOUZA, José Adolpho Lisbon de (1942-1948). Rua Conde de Bonfim, 41. Tel. 28-0058.
 SPENDEER, Dawid (1938-1942). Av. Admarica, 272. Tel. 37-1350.

T

- TEIXEIRA, Alberto Wood (1804-1909). Av. Copacabana, 1394, ap. 16. Tel. 27-3888.
 TINOCO FILHO, Rodolpho (1906-1909). Rua Morais e Silva, 109. Tel. 28-6009.
 TRINDADE, Dr. Cantídio da Silva (1910-1913). Rua Teodoro da Silva, 840. Tel. 43-9866.
 THOMPSONSKY, Brigadado Armando (1900-1905). Rua Prof. Abelardo Lobo, 10.
 TORRES, Aldemar Peretrc (1941-1947). Rua Jipicã, 19.

V

- VAIRAO, Dr. José Clodomiro (1922-1927). Rua Carlos Góis, 19. Tel. 27-5883.
 VALLE, Comandante Emílio Moura de (1942-1942). Av. N. S. Copacabana, 71, ap. 1003.
 VASCONCELOS, Iauvo (1906-1910). Av. Prof. Abelardo Lobo, 24. Tel. 26-2752.
 VASCONCELOS, Rubem (1905-1910). Av. Prof. Abelardo Lobo, 24. Tel. 26-2752.
 VASCONCELOS JUNIOR, Dr. Augusto (1908-1911). Rua Nascimento Bittencourt, 55.
 Tel. 26-7092.
 VIANNA, Dr. Florentino Cesar Sampaio (1916-1920). Rua Conde de Balsepeul, 78. Tel. 25-0410.
 VIEGAS, Dr. Mauro Ribeiro (1930-1934). Rua Martins Fern, 54, ap. 52. Tel. 48-3467.
 VIELVA, Dr. Oswaldo Valle (1923-1928). Rua Santa Clara, 146. Tel. 27-8300.
 VILLANOVA, Tte. Cel. Evlansio Gonçalves (1918-1922). Rua Santo Amaro, 39, ap. 401.
 Tel. 25-8027.

X

- XAVIER, Dr. Francisco Mendes (1935-1939). Praia do Flamengo, 504. Tel. 25-4223.

Colaboração dos alunos

-
Z
T
E
R
Z
A
T
O

BREVES NOÇÕES DA MORFOLOGIA DAS BACTÉRIAS

HÉLCIO DOS SANTOS MACEDO

2.^a Série A — Curso Científico



HAMAMOS bactérias a vegetais interiores, unicelulares, de pequenas dimensões, desprovidos de clorofila, podendo, porém, apresentar outros pigmentos e multiplicando-se por divisão binária.

MODALIDADES DE VIDA

As bactérias, no tocante ao seu modo de vida, são capazes de viver: saprofítica, parasítica, simbiótica e autotroficamente.

Vida saprofítica. — Corresponde às bactérias que utilizam na sua nutrição a matéria orgânica. É o caso das que produzem fermentações. Deve-se citar como exemplo um micro-organismo pertencente ao grupo dos *Lactobacillus*, os quais são capazes de fermentar o leite, produzindo o ácido láctico. Esses micro-organismos têm grande importância industrial-comercial, não só pela formação do ácido mencionado, mas também pela preparação das coalhadas que possuem largo emprego alimentar.

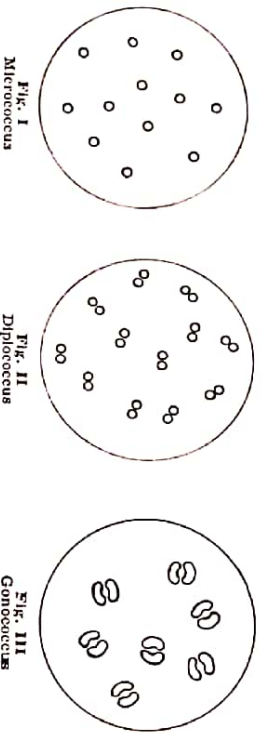
Vida parasítica. — As bactérias que apresentam esse tipo de vida, utilizam a matéria viva para sua nutrição. Causadores de doenças, as bactérias patogênicas apresentam tal tipo de vida. Um exemplo, digno de nota, é o *Mycobacterium tuberculosis*, descoberto por Koch. Esse bacilo é o causador da tuberculose.

Vida simbiótica. — É um tipo de vida, no qual as bactérias se associam a outros seres vivos, realizando benefícios mútuos. Como exemplo citam-se as bactérias fixadoras do nitrogênio atmosférico, associadas às raízes das leguminosas.

Vida autotrófica. — Caracterizam esse modo de vida os seres vivos capazes de realizar a síntese dos compostos orgânicos, utilizando outra

forma de energia. São exemplos as bactérias quimiotróficas que sintetizam os compostos orgânicos a partir dos minerais, utilizando a própria energia química da oxidação das substâncias minerais. Aparentam-se, como exemplo de vida autotrófica, as Sullobactérias.

Descritas as modalidades de vida, estudaremos agora três fatores importantes para a vida de uma bactéria. Tais fatores, que serão estudados detalhadamente, são: a utilização do oxigênio, a ação da temperatura e a propagação.

Fig. I
MicrococcusFig. II
DiplococcusFig. III
Gonococcus

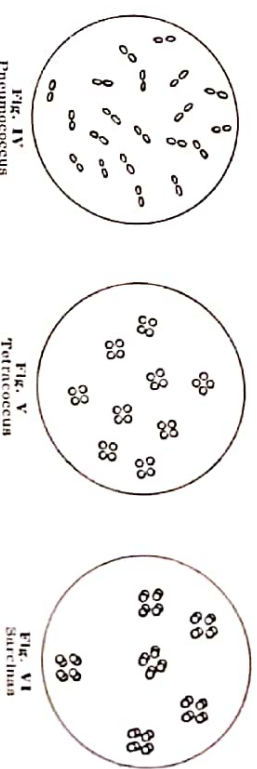
Utilização do oxigênio. — Nesse particular as bactérias foram divididas por Pasteur, em dos fundadores da Microbiologia ou Bacteriologia, em Aeróbias e Anaeróbias. As Aeróbias são as que se desenvolvem em presença do oxigênio livre, as Anaeróbias as que o retiram da matéria orgânica, em virtude de o oxigênio livre lhes ser prejudicial. Entre esses dois grupos admitem-se as Anaeróbias facultativas, que vivem em qualquer meio.

Ação da temperatura. — A atividade das bactérias, com relação à temperatura, fica compreendida entre 0° e 90°C, existindo, entretanto, para cada espécie um grau máximo, um grau ótimo e um grau mínimo. O grau máximo para as Saprófitas é de aproximadamente 30°C; para as Parasitas oscila entre 40° e 50°C. O grau ótimo é o que facilita o máximo desenvolvimento. Nas Saprófitas esse grau oscila entre 18° e 25°C. Nas Parasitas o grau ótimo é homólogo à temperatura do hospedeiro. No grau mínimo as manifestações de vida e multiplicação das bactérias são de intensidade muito reduzida, devendo-se assinalar, entretanto, que a temperatura baixa é menos prejudicial à bactéria que a temperatura alta, pois a maioria suporta bem a congelação sem haver perda de vitalidade.

Propagação. — A propagação das bactérias realiza-se por dois processos: cissiparidade e esporulação, conforme as condições do meio sejam respectivamente boas ou más. Cissiparidade: se as condições do meio são favoráveis, quando termina o desenvolvimento normal da bactéria, esta se estrangula transversalmente, na direção do seu maior

eixo, formando dois fragmentos ou novas bactérias que, completando seus respectivos ciclos evolutivos, se dividirão novamente, garantindo assim a perpetuação da espécie. Se, ao contrário, as condições não forem favoráveis, teremos a esporulação, que é a formação de esporos. Esses resistem às más condições, graças à sua membrana cutinizada. Quando o meio ambiente melhora, esses esporos abandonam a vida latente em que estavam, e germinam, produzindo outra bactéria semelhante à primeira.

Dois tipos de esporos devem ser assinalados: o endosporo e o clamidosporo.

Fig. IV
PneumococcusFig. V
TetradococcusFig. VI
Streptococcus

Endosporo. — Esse tipo é formado interiormente e aparece sob a forma de um ponto brilhante, refringente e refratário aos corantes comuns. Cada bactéria apresenta geralmente um endosporo, sendo raros os casos de duplo endosporo.

Clamidosporo. — As bactérias que não formam o endosporo, desenvolvem-se por um espessamento das membranas, que aumentam de diâmetro, delimitando o enclustamento total. É a esse cisto, assim formado, que denominamos clamidosporo.

FORMA

As bactérias possuem grande simplicidade, sendo, no entanto, possível dividí-las em grupos e identificá-las pelo critério da forma. Podemos distribuir as bactérias em três grandes grupos:

- 1.º grupo: Bactérias arredondadas.
 - 2.º grupo: Bactérias alongadas.
 - 3.º grupo: Bactérias espiraladas.
- 1.º grupo:
Bactérias arredondadas.

Estão englobadas com a denominação geral de coccus ou cocco.

Distribuimo-las em:

- a) Micrococcus — são coccus isolados. Fig. I.
- b) Diplococcus, que são coccus associados dois a dois. Fig. II. Como exemplo notem-se os gonococcus Fig. III que são diplococcus rinhiformes, e os pneumococcus Fig. IV que são diplococcus de forma oval.
- c) Tetracoccus. Fig. V.
Estes são coccus reunidos em número de 4.
- d) Sarcinas. Fig. VI.
São coccus em número de 8, 16, 32, etc.
- e) Streptococcus.

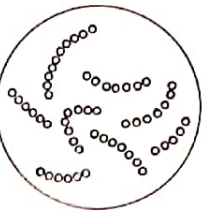


Fig. VII
Streptococcus

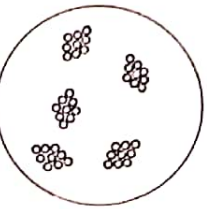


Fig. VIII
Staphilococcus

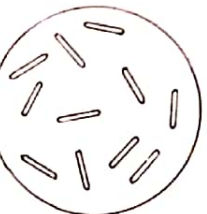


Fig. IX
Bacillus

- 1) São coccus agrupados em cadeia ou rosário.
Staphilococcus. Fig. VIII.
- 2) São coccus reunidos em cachos.

2.º grupo:

Bactérias alongadas ou bacilos. Fig. IX.

São formas em bastonete, com as extremidades arredondadas ou não, e às vezes filamentosos. Admite-se a existência de:

- a) Diplobacillus. Fig. X.
Bacilos agrupados dois a dois.
- b) Streptobacillus. Fig. XI.
Bacilos em cadeias.

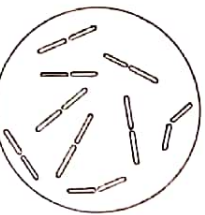


Fig. X
Diplobacillus

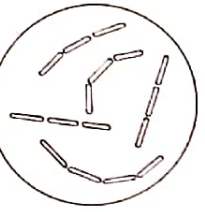


Fig. XI
Streptobacillus



Fig. XII
Spirillum

3.º grupo:

Bactérias espiraladas.

Essas bactérias são formadas por espirais ou segmentos de espiral. Encontram-se pela observação os seguintes tipos:

- a) Espirillus. Fig. XIII.
São espirais rígidas.
- b) Espiroquetas. Fig. XIII.
São espirais flexíveis. Um exemplo característico é o *Treponema pallidum*, causador da sífilis. No desenho ilustrativo vê-se um espiriqueta, dobrando-se sobre um glóbulo vermelho do sangue.
- c) Vibrio ou Vibrão. Fig. XIV.
É um segmento de espiral. Sua forma é semelhante à de uma vírgula.

Deve ser assinalado que tais tipos descritos não são constantes, inutáveis, de modo que caracterizam gêneros distintos; pelo contrário, a maior parte desses micro-organismos oferecem, durante a evolução, formas diversas, como um bacilo oferecendo ao observador o aspecto de um coccus ou ainda de vibrio nos estados sucessivos de seu crescimento. Essas variações de forma se obtêm, submetendo as bactérias a determinadas condições de nutrição. Isto vem provar que a forma da bactérias não é sempre constante, e uma espécie dada pode apresentar casos de polimorfismo, ainda que sempre dentro de certos limites.

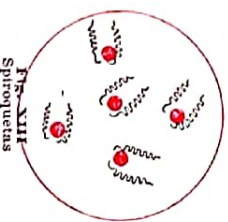


Fig. XIII
Espiroquetas

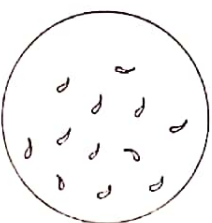


Fig. XIV
Vibrio ou Vibrão

ESTRUTURA DAS BACTÉRIAS

Ao estudar-se a estrutura de uma bactéria, encontram-se pela observação microscópica, três partes distintas: a membrana, o citoplasma e o núcleo. Passa-se a estudar agora cada uma dessas partes em seus detalhes.

Membrana. — A membrana das bactérias é raramente celulósica, ao contrário das membranas vegetais que são celulósicas. Deve existir independência entre as paredes celulares e os elementos constituintes do citoplasma. A percepção dessas membranas foi aperfeiçoada com a descoberta do microscópio eletrônico e somente as micrografias eletrônicas permitem ao observador uma nítida perceptibilidade.

Citoplasma. — Observados ao microscópio eletrônico a maior parte dos coccus e bacillus aparecem opacos e homogêneos. Em outros células a estrutura é heterogênea.

O citoplasma contém granulações muito densas, esféricas ou discoidais, com dimensões variadas. A significação desses granulações ainda não foi elucidada definitivamente.

Núcleo. — A tendência moderna dos bacteriologistas é a de aceitar a presença de núcleo nas bactérias, cujas estruturas são funcionalmente assimiláveis aos núcleos da citologia clássica. Ao microscópio eletrônico as imagens de estrutura nuclear são bastante variadas.

DAS ASSOCIAÇÕES EM BIOLOGIA

ENIO GARCIA GOULART

2.ª Série — Curso Científico



S seres vivos, sob o ponto de vista da nutrição, classificam-se em dois grandes grupos: autotróficos e heterotróficos.

Os autotróficos são aqueles que vivem à custa das substâncias minerais, sendo capazes de transformá-las em substâncias orgânicas utilizando, para isso, energia luminosa, química, etc. Os vegetais clorofilados e as bactérias quimiotróficas são notáveis exemplos deste grupo.

Os seres heterotróficos, para viverem, necessitam de uma certa quantidade de compostos orgânicos, que são encontrados em outros organismos.

Formam, portanto, associações. Estas constituem um capítulo muitíssimo interessante e não menos importante da Biologia.

As associações biológicas apresentam várias modalidades, em consequência de acentuados desequilíbrios, que conduzem, mesmo, a formas exageradas.

Adotando, como critério, a maior ou menor harmonia nas relações dos seres vivo entre si, e como termo genérico o comensalismo, podemos instituir um esquema gráfico:

ASSOCIAÇÕES BIOLÓGICAS

COMENSALISMO

PARASITISMO	MUTUALISMO
PREDATISMO	SIMBIOSE

O mutualismo e a simbiose representam uma maior harmonia entre os associados, constituindo deste modo, as associações harmônicas. O parasitismo e o predatismo caracterizam-se pela desarmonia. São as associações desarmonicas.

Estabelecido o esquema geral, passemos agora ao estudo detalhado de seus componentes. Para isso, adotemos a ordem crescente de harmonia, isto é, predatismo, parasitismo, comensalismo, mutualismo e simbiose.

PREDATISMO

É uma das consequências inevitáveis da concorrência vital, isto é, da competição entre os seres para a obtenção dos elementos de subsistência. Esta concorrência é mais acentuada entre espécies diferentes. O exemplo mais comum de predatismo é a guerra movida aos animais herbívoros pelos carnívoros. Os seres depredadores foram dotados de poderosos meios de ataque o que restringe as possibilidades das vítimas. Estas têm na fuga o melhor meio de defesa.

O predatismo é uma variedade de parasitismo em que a destruição é obrigatória e imediata.

PARASITISMO

Todo ser que vive à custa de outro causando-lhe prejuízos é um parasito (pará-ao lado; sítos-alimento).

Os parasitos não destroem, ou destroem lentamente, os seus hospedeiros.

O parasitismo é uma modalidade de comensalismo caracterizada, geralmente, pela sua desarmônia e, em certos casos, por uma degradação bastante acentuada.

HABITAT — Os parasitos, quanto ao seu habitat, classificam-se em externos ou ectoparasitos e internos ou endoparasitos.

Os primeiros são encontrados no meio externo e os segundos na intimidade dos organismos. Estes últimos têm nos cisticercos das solitárias exemplos bastante característicos.

As solitárias (Cestódeos) têm uma morfologia bastante característica. São verdadeiras fitas que chegam a atingir sete e até oito metros. Apresentam uma extremidade adelgaçada, onde se encontra uma pequena intumescência a que nós chamamos exder. Vários anéis achatados compõem o corpo desta animal. Estes anéis são denominados proglótides.

Estes platemínios (platys-chato; helmis-vermes) são portadores de peças especiais, cuja finalidade é a fixação nas mucosas. A aderência pode ser realizada por ventosas ou ganchos quitinosos. Suas espécies principais são:

1 — *Taenia solium* (família dos Tenídeos).

Esta espécie é caracterizada por uma eminência curta, mais ou menos saliente e de forma côncava, denominada rosteleto e também por uma dupla coroa de 25 a 50 ganchos quitinosos no escolex. Têm um comprimento inferior a 3 metros e contam de 800 a 900 proglótides.

Os primeiros proglótides apresentam uma largura superior ao comprimento sendo que a um metro de distância do escolex há uma igualdade entre as medidas. Os proglótides maduros têm largura correspondente à metade do comprimento.

O ciclo evolutivo deste parasito é original, por ser ele dithelexíno tendo, portanto, dois hospedeiros: um intermediário — o porco, e outro definitivo — o homem.

Admitamos a existência de um destes cestódeos no intestino de um homem. As ganchas do escolex mantem o verme fixo à mucosa.

A medida que se afastam do ponto de fixação, os proglótides vão aumentando, até atingir o desenvolvimento completa. Nesta fase, graças à progressão dos órgãos sexuais, o proglótide é constituído por um saco de ovos. Este proglótide ou um grupo deles desprende-se e sai com as matérias fecais.

O vulgo admite uma certa semelhança entre o proglótide e uma pevide (semente) de abóbora. Por este motivo as partes expulsas são chamadas de cucúrbitas. Estas, comumente, se rompem no meio externo. Se, por uma razão qualquer, o tegumento de uma cucúrbita se romper no interior do intestino, os ovos de embrióperos, bem protegidos por uma casca cuticular, são expelidos nas fezes. Estes ovos, espalhados pelo solo, podem resistir por muito tempo.

Quando a libertação larvária se efetua fora do intestino do hospedeiro definitivo, o ovo apresenta um embrião hexacanto (hex-seis; acantha-espinho ou encóspera (ogeo-s-ganchosc). Encontrando-se em liberdade, os embriões aguardam o momento de atacar o novo hospedeiro que, nesta espécie, (*Taenia solium*) é o porco. Este suíno pôde ingerir com a água ou com os alimentos proglótides ou embriões.

As oncosferas ativas, cujas dimensões são exiguas, invadem as paredes gástricas ou intestinais com o auxílio dos movimentos dos ganchos atingindo, assim os vasos sanguíneos, onde são transportados pela corrente. Veio tr aos órgãos, principalmente aos músculos. Ai se localiza o embrião, perdendo os ganchos e sendo, então, revestido por uma lâmina de substancia conjuntiva. Constitui-se, então, a vesícula cística, na qual é observada uma invaginação, que corresponde à larva ou cisticerco (cystis-vesiculas; cerco-cauda) da ténia. Este cisticerco é a origem do escolex. Sua forma é ovoide e dentre de três ou quatro meses se encontra apresentando, agora, um comprimento de quinze milímetros e uma largura de sete a oito.

Estabelecemos agora outra condição: um porco portador de cisticercos é abatido para a utilização de sua carne como alimento, sem que sejam notadas as referidas larvas. Esta carne, caso mal cozida, não terá os seus cisticercos destruídos, em virtude da insuficiente energia calorifica que recebeu. Se um homem a ingerir, levará ao interior do seu organismo as larvas vivas. Em virtude da existência, em nosso organismo, de succos capazes de destruir a lâmina envolvente da vesícula, o escolex desvagina-se, fixando-se imediatamente à mucosa intestinal do hospedeiro, iniciando-se a formação dos proglótides.

Decorridos 60 a 90 dias, o hospedeiro principia a rejeitar proglótides maduros.

2 — *Taenia saginata*.

Esta espécie também é encontrada na mucosa do intestino humano. Diferencia-se da espécie *solium* por vários característicos:

- 1) pelo seu comprimento que, às vezes, atinge a 10 metros;
- 2) pela ausência de ganchos no rosteleto;

3) pelo hospedeiro intermediário que, neste caso, é o gado vacum. Seu ciclo evolutivo apresenta as mesmas fases que caracterizam a evolução da *Taenia solium*.

II

Não é só no reino animal que a vida parasitária se apresenta. Também no vegetal observa-se o fenómeno. Sob este aspecto os parasitos são classificados em parasitos animais ou zooparasitos (zoon — animal) e parasitos vegetais ou fitoparasitos (phyton-planta).

Os zooparasitos e os fitoparasitos podem parasitar simultaneamente um mesmo vegetal. Exemplificando: um cogumelo pode estar hospedado nas folhas de uma roseira, enquanto um pulgão (inseto) também a parasita. Na primeira hipótese o vegetal está fitoparasitado ao passo que na segunda zooparasitado. Na série animal pode acontecer o mesmo fenómeno.

Entre os parasitos pode ser observado um fato interessantíssimo: em certas espécies é a fêmea, somente, que se alimenta à custa do hospedeiro. Portanto, neste caso, ela é o parasito, enquanto o macho será comensal, ou nômade.

FORMAS DE PARASITISMO

A variabilidade de formas de parasitismo é extraordinária. Poderíamos, resumindo, agrupá-las do seguinte modo: permanentes, temporárias, facultativas e periódicas.

No primeiro grupo, permanentes, encontramos a maioria das espécies parasitárias; no segundo, temporárias, certos organismos mais ou menos livres, que só prejudicam o hospedeiro durante a sua alimentação. Como exemplos, temos: os percevejos, as pulgas e os mosquitos.

Os parasitos facultativos são aqueles que proliferam, tanto na matéria orgânica em decomposição, como na matéria viva. A forma periódica é aquela que só se verifica em determinada fase evolutiva, após a qual o ser abandona a vida parasitária.

Ao considerarmos essas formas de parasitismo é necessário que não esqueçamos um fato bastante curioso: certos parasitas são vítimas do parasitismo, isto é, são parasitados. Tal fato constitui aquilo que nós denominamos hiperparasitismo.

Os parasitos temporários transmitem, frequentemente moléstias que, às vezes, têm resultados funestos. Neste caso estão a febre amarela e o impaludismo. A primeira foi severamente combatida no nosso país, porém, a segunda constitui ainda um dos graves problemas que nos preocupam.

O impaludismo, também denominado maleita, malária, febre intermitente, é produzido por três espécies de concídeos: o *Plasmodium malariae*, o *Plasmodium vivax* e o *Plasmodium falciparum*.

Os concídeos são parasitos que se localizam nas células de certos tecidos da vítima, causando a destruição. As moléstias por eles determinadas são denominadas coccídioses, que frequentemente são mortais. Os parasitos hemococcídeos parasitam os glóbulos vermelhos do sangue dos vertebrados.

Portanto, poderíamos classificar o *Plasmodium malariae* e o *Plasmodium vivax* da seguinte forma: são animais protozoários, sarcodários, esporozóários, hemococcídeos.

O ciclo evolutivo destes permes é bastante interessante, e deve ser conhecido, para que possamos combatê-los. Para explicá-lo, é necessário que examinemos a existência de um esporo, elemento perpetuador, na corrente sanguínea. Ao se desenvolve, caso as condições necessárias sejam satisfeitas, alimentando-se com a hemoglobina dos glóbulos vermelhos, aprendidos por meio de prolongamentos denominados pseudópodos. Atinge, então, a fase adulta, após o seu completo desenvolvimento. Nesta ocasião é um parasito com granulações pigmentares negras, cujos movimentos, no interior do glóbulo, vão diminuindo.

Acontecido isso, verifica-se uma fragmentação do núcleo em corpúsculos. Estes, momentos depois, coloram-se nas partes periféricas do glóbulo, sendo envolvidos por massas protoplasmicas. Estabelece-se, assim, a fase roscacea ou de segmentação.

Os esporos, pela destruição do hospedeiro, são postos em liberdade, sendo denominados merozoítos. Estes, após certo período de trânsito na corrente sanguínea, atacam os glóbulos vermelhos repetindo-se os períodos ou fases já descritos.

O grande número de esporos no sangue determina um decréscimo na quantidade de hemáticas o que constitui um fato bastante grave.

A febre, característico principal desta moléstia, coincide com a liberdade dos esporos no sangue.

Para que a moléstia seja transmitida de indivíduo a indivíduo é necessário que várias condições sejam satisfeitas. Por exemplo: 1) o doente deverá ser picado pelo anofelino (mosquito transmissor da doença); 2) — é necessário que os gametos tenham o seu ciclo evolutivo completado no corpo do hospedeiro intermediário; 3) — é necessário que se verifique a inoculação dos germes em um organismo sã.

Os anofelinos, ao picarem um doente, sugam-lhe, por meio de uma tromba, uma porção de sangue que se encontra infestada de germes, diferenciados — os gametócitos. Estes têm o seu desenvolvimento no intestino do inseto.

Alguns gametócitos emitem de 4 a 6 flagelos de grande mobilidade. São denominados microgametócitos. Outros, entretanto, mantêm a conformação e o volume, sendo denominados macrogametócitos.

A junção dos microgametócitos aos macrogametócitos determina o zigote. Este tem a propriedade de se enquistar. O zigote é encontrado no estômago do inseto. Neste período está, então constituído o esporoquisto, onde há a formação de novos esporos, denominados esporozóitos.

Os esporozóitos são postos em liberdade ao verificar-se a ruptura da membrana cística, indo acumular-se em número elevado nas glândulas salivares do hospedeiro.

Ao picar um indivíduo são, o anofelino lança-lhe no sangue sua saliva, juntamente com os esporos transmissores.

Este é o ciclo evolutivo das espécies, *Plasmodium malariae* e *Plasmodium vivax*, que se diferenciam pelo número de corpúsculos originados da fragmentação do núcleo e pelo tempo de evolução completa.

A espécie *malariae* tem de 6 a 12 corpúsculos e a sua evolução completa se faz em 72 horas. A espécie *vivax* possui de 15 a 20 corpúsculos nucleares e sua evolução se faz em 48 horas.

TROPISMOS

As espécies parasitárias, constituintes do sub-reino dos protozoários, apresentam certos fenômenos regulares e não evitáveis que nelas se manifestam sob a influência de fatores de natureza física e até biológica. Tais fenômenos são denominados tropismos. As modalidades de tropismos são as seguintes: Termotropismo, fototropismo, hidrotropismo, geotropismo, histotropismo e reotropismo.

O agente do primeiro caso é a temperatura. Os movimentos dos protozoários livres podem ser acelerados até determinado ponto pela lenta elevação da temperatura. A partir deste ponto, tanto pelo crescente aumento do calor, quanto pela baixa vagorosa da temperatura, os protozoários tornam-se rígidos. No primeiro caso verifica-se a rigidez pelo calor; no segundo, a rigidez pelo frio. Em um meio líquido, cuja temperatura não é uniforme, os protozoários procuram as regiões em que a temperatura é média.

Quanto ao agente luminoso, nem todos os protozoários lhe são sensíveis. Aquelles que o são, podem ser fototropicamente positivas ou fototropicamente negativas. Os primeiros são aqueles que apresentam uma tendência para as partes luminosas, enquanto os segundos procuram pontos não luminosos.

O geotropismo é a ação da gravidade sobre o ser vivo. As lavras do *Necator americanus* e *Ankylostomus duodenale* têm geotropismo negativo, pois procuram elevar-se acima da superfície do solo.

O histotropismo é uma das mais notáveis modalidades de tropismo. É a propriedade que têm as lavras de penetrar nos tecidos. As lavras do *Necator americanus* têm histotropismo positivo.

O reotropismo é a ação das correntes líquidas sobre os seres vivos. Como exemplo temos o plasmódio dos *Mixomycetas*, que é capaz de se deslocar em sentido contrário ao da correnteza.

REPRODUÇÃO

A fecundidade dos seres parasitos é algo de espantoso, devido graças à rapidez com que é efetuada, e ao grande número de seres

gerados. Basta dizer que uma solitária pode fornecer 150 milhões de ovos em um ano.

A evolução dos ovos dos parasitos pode processar-se direta ou indiretamente.

No primeiro caso o desenvolvimento do parasito é realizado no próprio hospedeiro, denominando-se, por esta razão, *meioxeno* (*meo* — um só; *xenos* — hospedeiro). Os seres de vida parasitária que evoluem primeiramente no meio exterior e, depois, se fixam internamente, recebem, também, esta denominação.

O desenvolvimento direto apresenta, portanto, um só caso. Tal fato, porém, não acontece com o desenvolvimento indireto, que apresenta dois tipos: o tipo *diheteroxeno* (*dis* — dois; *heteros* — diferente) e o tipo *poliheteroxeno* (*polys* — muitos). Os *diheteroxenos* são parasitos que, em estado adulto, vivem em um organismo e que, quando em estado larvário, vivem em outro. O hospedeiro da fase adulta é chamado definitivo e o outro, da fase larvária, é denominado *transitório* ou *intermediário*.

Os parasitos *poliheteroxenos* são aqueles que, antes de parasitar o hospedeiro definitivo, o fazem a dois ou mais intermediários.

Esta é a reprodução destes seres, que são responsáveis por um grande número de moléstias. Tal é a importância que eles têm, que seu estudo constitui uma ciência — a Parasitologia.

COMENSALISMO

É o comensalismo a união desinteressada de um organismo a outro. Portanto, o comensal vive à custa de outro ser, *sem*, entretanto, prejudicá-lo.

Os comensais foram agrupados por VAN-BENEDEN em livres e fixos. As espécies livres são aquelas que frequentemente mudam de hospedeiro e as fixas são aquelas que morrem no hospedeiro em que nasceram.

Como exemplos podemos citar entre os casos clássicos:

1) — a associação entre os tubarões e o peixe denominado *piloto* (*Nautrates ductor*). Os alimentos rejeitados pelos tubarões são, em parte, aproveitados pelo piloto, que os acompanha nos seus movimentos.

2) — a associação entre os ungulados (mamíferos) e aves. Estas re-tiram as lavras cutícolas que são encontradas nos mamíferos.

O esclavagismo e as plantas *mirmecófilas* podem ser considerados como casos de comensalismo.

O esclavagismo é notado entre certas espécies, principalmente as formigas. Estas são capazes de raptar as pupas de outras espécies, levando-as para os seus formigueiros e utilizando-as, depois, como operárias auxiliares.

As plantas *mirmecófilas* são vegetais que alojam e nutrem formigas. São exemplos: a *Acacia sphaerocephala*, que apresenta espinhos ócos, e a *cecropia*.

II

MUTUALISMO

É a associação de um organismo a outro, estabelecendo-se entre eles uma troca de benefícios. Este fenómeno pode ser observado entre indivíduos da mesma espécie, ou de espécies diferentes.

Essa associação é uma conjugação de forças, cuja diretiva é a luta pela vida. Como exemplo podemos citar uma modalidade de mutualismo observada entre certas formigas e os pulgões que vivem sobre os rebentos das plantas. Estes insetos fabricam e segregam produtos açucarados, que são aproveitados pelas formigas. Em retribuição, as formigas os protegem.

Um caso particular é a domesticidade, isto é, a associação de certos animais ao homem.

O mutualismo apresenta uma modalidade cuja harmonia é perfeita pela equivalencia de benefícios. É a simbiose.

SIMBIOSE

A simbiose (sym-reunião: bios-vida) pode ser observada entre os vegetais e os animais. Temos, portanto, dois casos a considerar: a simbiose fiteicita (phyton-planta) e a simbiose zootifica (zoon-animal).

O primeiro caso é notavelmente illustrado pelos líquens. Estes são talófitos resultantes da associação de uma alga a um cogumelo. Essa associação traz, evidentemente, vantagens. Entre muitas, poderíamos citar as seguintes:

a) a alga recebe o cogumelo, o anidrido carbonico da sua respiração;

b) o cogumelo aproveita os compostos orgânicos manipulados pela alga. Esta produção é devida à fixação do carbono proveniente da decomposição do anidrido que ela recebeu do associado.

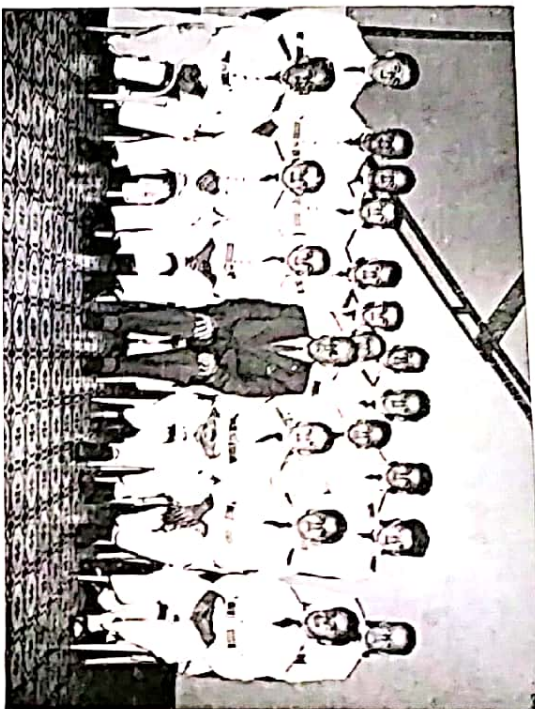
Como se vê, as vantagens são reciprocas, havendo um equilibrio bastante accentuado. A harmonia é um grande caracteristico desta modalidade, constituindo uma verdadeira conjugação de forças, cuja finalidade é vencer a batalha da vida.

Outro exemplo é fornecido pelas bacterias do solo, que assimilam o nitrogênio atmosferico e se localizam nas nodosidades das raizes das leguminosas. Outro caso é ainda fornecido pelas micorizas, que são cogumelos associados às raizes das plantas arborescentes ou herbáceas.

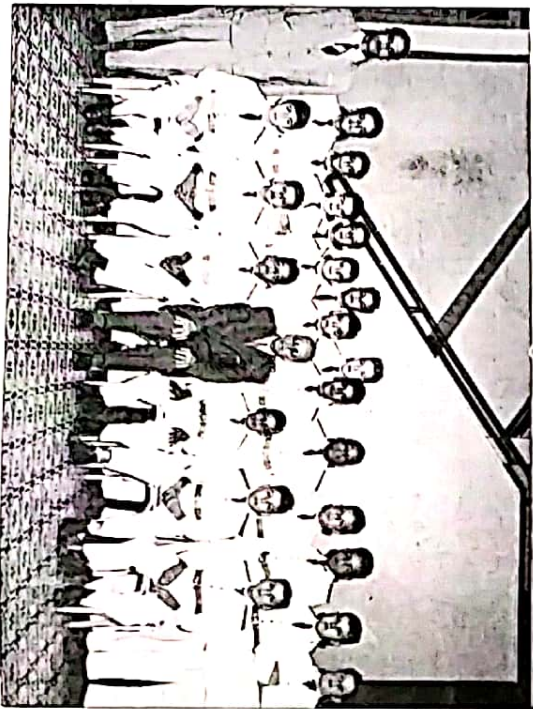
A simbiose zootifica é verificada entre uma planta e um animal, geralmente inferior.

As zoodoreias e as zooxantelas, algas unicelulares, capazes de se desenvolverem nos protozoários e nos invertebrados, são seus exemplos.

Além da simbiose, o mutualismo apresenta outras duas variedades: colônias e sociedades normais.



1ª Serie Ginasial — Turma «A»



1ª Serie Ginasial — Turma «B»

COLÔNIAS

As colônias são associações de indivíduos unicelulares de plúticulares reunidos por uma estrutura comum, o estolon. Classificam-se em dois grupos: isotípicas e heterotípicas. As colônias isotípicas, geralmente constituídas por seres unicelulares, são aquelas em que os seres mantêm um trabalho fisiológico individual. Os indivíduos não se podem separar, embora não troquem benefícios. A vida independente significa para eles a morte.

Nos animais interiores, unicelulares, as colônias podem ser acidentais. Os protozoários juntos deste modo constituem aquilo que denominamos uma colônia gregalóide. Quando há uma substância especial, caso raro, de aspecto gelatinoso unindo os organismos unicelulares, tendo o conjunto uma forma esférica, a colônia é esteroide. O caso mais comum é a colônia arboróide. Nesta os indivíduos se fixam a um tronco comum por meio de pedúnculos.

Nas colônias heterotípicas, os indivíduos são caracterizados por uma divisão fisiológica de trabalho. Esta divisão tem em consequência o polimorfismo dos determinados elementos que executam determinadas funções. Há, assim, uma adaptação funcional.

Entre os animais marinhos observamos estas colônias com frequência. Os polípeiros coloniais são magníficos exemplos.

No polípeiro colonial todos os organismos comunicam-se entre si por canais rastejantes. O sistema destes canais constitui o que se chama hidrosoma (hydro-água; soma-corpo).

Nas associações de hidrinas, pólipos (animais celenterados), é possível coexistirem cinco tipos de organização, assim denominadas: Gastrozóides, gamozóides, dactilozóides, machozóides e acantozóides.

Os gastrozóides (gaster-estômago) têm um corpo cilíndrico, boca, disco pedioso e tentáculos peribucais. São os indivíduos encarregados de nutrir a colônia.

Os gamozóides (gamos-casamento) têm como trabalho a propagação da espécie. Certas vezes não há indivíduos diferenciados para esta função.

Os dactilozóides (dactylos-dedo) são formas sem tentáculos, sem boca, muitos alongadas, com a ponta livre, arredondada como um dedo e ricas em mematóblastas. São dotados de grande mobilidade. Sua missão é proteger a colônia.

Os machozóides (machonmai-combater) são semelhantes aos gastrozóides. São ricos em mematóblastas, principalmente nas extremidades livres. Eles são os responsáveis pela defesa do conjunto.

Os acantozóides (acantha-espinho) são indivíduos protegidos por uma substância rija, de natureza quitinosa. Têm a forma cônica e servem de abrigo aos pólipos da associação que se contraem em um determinado momento.

SOCIEDADES NORMAIS

É mutualismo observado entre seres livres, constituintes de uma mesma espécie. É caracterizado por uma perfeita organização.

Cada indivíduo executa um determinado trabalho que traz benefícios à comunidade inteira. Há, portanto, uma associação de esforços, cuja finalidade é a manutenção da sociedade e, por conseguinte, da vida.

Nas colmeias, onde as abelhas constituem numerosas associações, são encontrados indivíduos de três tipos, distinguidos pelas suas características morfológicas.

1) — a rainha, única fêmea fecunda cuja função é a postura de ovos que, desenvolvendo-se, asseguram a propagação da espécie;

2) — os machos ou zangões, que são encontrados na colmeia somente em uma determinada época. Seu número é pequeno e sua função é fecundar a rainha, o que se verifica no vôo nupcial;

3) — as obreiras, isto é, abelhas operárias cuja laboriosidade é notável. Seu número é bastante elevado. São elas as responsáveis pela nutrição das larvas; pela fabricação do mel, substância alimentícia das mais completas, da qual nós nos aproveitamos; e ainda pela produção da cera, elemento empregado na construção da colmeia. Não são fêmeas, por serem fêmeas incompletas.

Como se vê, cada um desses tipos tem um determinado encargo, de acôrdo com a sua especialização.

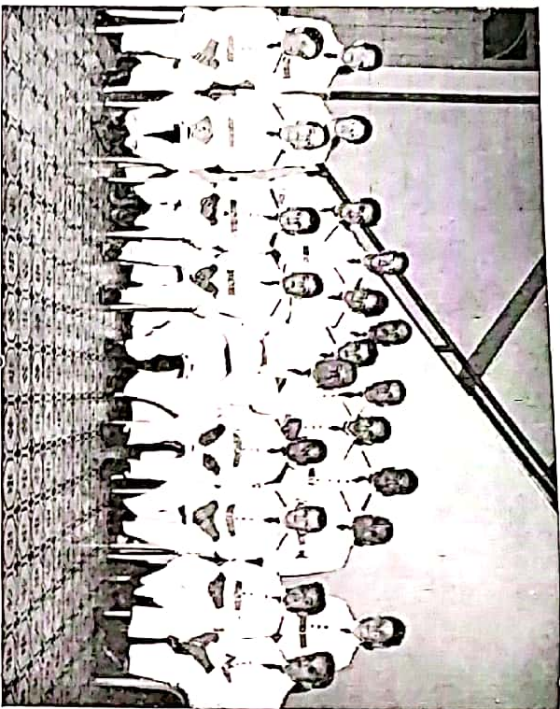
Associações semelhantes a esta podem ser verificadas entre certas espécies de formigas. Nelas também existem vários tipos de indivíduos, caracterizados pela sua morfologia.

Num formigueiro, ao contrário da colmeia, onde só existe uma fêmea fecunda, podemos encontrar várias delas, porém não muitas. São dotadas de asas que lhes permitem voar.

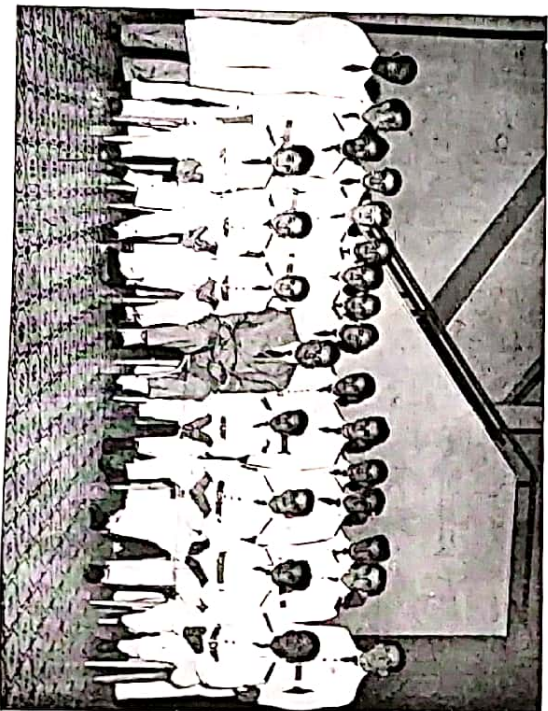
O elemento principal é constituído pelas obreiras, ou fêmeas estéreis, que se apresentam em grande número. São elas os responsáveis pela construção dos ninhos; pela alimentação das larvas; pela defesa da comunidade.

Para completar temos os machos, que são também providos de asas.

Como último exemplo, não poderíamos deixar de citar a sociedade que apresenta o grau máximo de organização e harmonia — a sociedade dos homens, criação suprema da Natureza.



1.ª Serie Ginásial — Turma «C»



2.ª Serie Ginásial — Turma «A»

SHAKESPEARE E SUAS PRINCIPAIS OBRAS

JOSÉ DE ALMEIDA

4.ª Série — Curso Ginásial

WILLIAM Shakespeare é, sem dúvida, considerado o maior dramaturgo inglês do seu tempo. Nasceu em 1564 em Stratford-upon-Avon e morreu nessa mesma cidade em 1616. Seu pai chamava-se João, era burguês de Stratford, onde tinha desempenhado importantes cargos, dedicando-se especialmente à agricultura e ao comércio de madeiras. Foi possível para educar os filhos na Grammar School, em Stratford.

Certa feita, Shakespeare deixara a casa paterna, justificando-se com a ruína de seu pai. Foi quando se casou, um pouco mais tarde, com Anna Hathaway, em Stratford. Essa donzela era mais velha que ele oito anos, e enriqueceu-lhe o lar com três sadios filhos.

Ele teve como inicial função um emprego numa companhia de atores do proprietário conde de Leicester. Vemos daí em diante a atuação de Shakespeare empregando todo o seu talento nos campos abertos que surgiam à sua frente, para o desenvolvimento da privilegiada inteligência e fantástica capacidade.

Não muito tempo, em Londres, Shakespeare adaptou antigas peças, escrevendo farsas, e insuflando a vida em caracteres diferentes nos velhos quadros que rejuvenescia. Teve grande êxito.

Durante todo esse período que foi de 1585 a 1609, ele nunca se esqueceu de seu lar, donde sempre saía para tentar a vida e poder pagar as dívidas de seu pai, o que aliás fez sem dificuldade. Ainda com um capitalzinho que havia conseguido, comprou uma das melhores casas de Stratford.

Desde 1609, entretanto, já começava o repouso para ele. Abandonou por completo o teatro e retornou ao seio dos seus. Ai, então, não compunha mais que planos e trechos.

Antes de Shakespeare retirar-se para a vida particular, vemo-lhe muitas vezes ser aplaudido pelos espectadores, ser beneficiado pela corte, principalmente com a rainha Isabel ao representar em Whitehall. Ainda com os amigos dos clubes e tabernas literárias, como Essex, Meres, Ben Jonson, Rantland e outros, principalmente o conde de Southampton, Henrique Wriothesley, a quem ele tanto estimava. Tudo isso, porém, para ele não causara muito prejuízo, pois já precisava de algum repouso.

Notamos no estilo de Shakespeare todos os defeitos na moda do seu tempo. E' o que ãe tem em comum com os escritores da época. Podemos citar afetação, mau gôsto, pouca clareza, algumas metáforas incoerentes, etc. Mas, há néie também traços da natureza copilados do vivo, imagens brilhantes e justas, e ligações de palavras de soberba audácia.

São dignas de apreciação inúmeras obras de real valor e destaque: "A Comédia dos Erros", "Tito Andronico", "Romeu e Julieta", "Henrique VI" e os dois poemas "Vênus e Adônis" e o "Raplo de Eucécia". Isto 1588.

Temos de 1595 em diante o "Mercador de Veneza", "Henrique IV", o "Rei João" e os "Sonetos".

Já em 1601, ãe compõe "Hamlet", "Olelo", "Macbeth", "Antônio e Cleopatra", "Coriolano e Julio César". Obras de profundo clogio, que realmente elevaram o nome do famoso Shakespeare.

Podemos dizer que quanto à energia dramática, ninguém lhe foi superior e, quanto à pintura dos caracteres, ninguém o igualou. Suas obras têm sido traduzidas em todas as linguas.

Os temas de Shakespeare eram extrahidos de toda a parte, como das "Vidas" de Plutarco, do "Judeu de Malta" de Kyd, etc. Além de ser um grande ator dramático, ãe era poeta, bastando tão somente ler algumas linhas da "Duodécima Noite" para apreender-lhe os dotes líricos.

Shakespeare, tanto nos sabe dar tóda a paixão do primeiro amor em "Romeu e Julieta", a alma torturada de um assassino em "Macbeth", como pode desnudar as profundezas da vilania em "Olelo". Mas suas últimas peças como "Hamlet", o "Rei Lear" e "A Temppestade", são mais maduras e revelam o gênio em toda a sua pujança.

E' provável que "Hamlet" seja a sua maior obra. Assim asseveram alguns críticos que têm a seu favor os mais sólidos argumentos. Talvez a "Duodécima Noite" possa ser a mais amovável das comédias românticas, "Macbeth" a mais fascinante das tragédias e "A Temppestade" se assinala por sua filosofia.

Ao seu grande mérito, foram-lhe elevados diversos monumentos, inclusive em Londres e Paris.

Shakespeare foi, sem dúvida, o maior poeta e dramaturgo inglês; alguns o consideram a maior personagem literária, em tóda a Europa.

"O PAI DA AVIAÇÃO"

ARAMIS TÁVARES DA SILVA

4.ª série A — Curso Gimnásial



OS 20 de julho de 1873, fim do século XIX, século de grandes empreendimentos, no Município de Barbacena, em M. Gerais, nasceu Alberto Santos Dumont.

Era filho de Henrique Dumont e de D. Francisca Dumont, sendo seu pai fazendeiro e notável engenheiro.

Mais tarde mudou-se a família Dumont para S. Paulo. Alberto viveu muitos anos com seus entes queridos, no convívio com as máquinas montadas pelo pai. Em 1891, aos 18 anos, em virtude de haver o pai sofrido um abalo cerebral, seguiu para Paris, mas voltou em novembro do mesmo ano.

Já no Brasil, vendo Henrique que Alberto tinha tendência e interesse pela mecânica, mandou-o a Paris, em busca de grandes lições e melhores oportunidades.

Aos 30 de agosto de 1892, morreu-lhe o pai. Santos Dumont resolve então estudar com afinco e realizar o grande desejo de muitos outros homens, que tanto tinham trabalho sem que algum resultado satisfatório os tivesse recompensado: o vôo do mais pesado que o ar. Antes, porém, tratou Santos Dumont dos dirigíveis.

Em 1898, com 25 anos de idade, começou, depois de grande luta, a construção do seu primeiro dirigível, o "Brasil", ao qual deram o nome de "Santos Dumont" n.º 1. Em pouco tempo já estava o "Brasil" pronto para a experiência, que foi realizada a 13 de setembro do mesmo ano, no Jardim da Aclamação, em Paris. O resultado não foi satisfatório; entretanto, o desânimo não se apoderou do seu espírito combativo e persistente. Construiu o segundo dirigível, o "Santos Dumont" n.º 2, logo em seguida, e levou-o para a experiência final, novamente no Jardim da Aclamação. Contudo não haveria de ser ainda nesta tentativa que obtivera êxito. No ano seguinte começaram então os primeiros raios a iluminar o caminho da vitória. Conseguiu ascender a bordo do dirigível "Santos Dumont" n.º 3, a 13 de novembro, partindo de Vouziers e dirigindo-se para o campo de Marte. Principiara Santos Dumont a dar os primeiros passos a caminho do sucesso. Sua perseverança o tinha auxiliado, realizando com galhardia brilhante façanhas. Desde os resultados iniciais, um tanto desfavoráveis, porém profícuos, até ao comêgo de seus triunfos e, finalmente, à vitória do inesquecível

prêmio "Deutsch", Santos Dumont distinguir-se pela sua confiança na vitória e contínuo labor. O prêmio "Deutsch" foi instituído pelo sócio do Aero Clube de Paris, Sr. Deutsch de la Meurthe e consistiu nas seguintes condições: deveria ser conferido pela Comissão Científica do Aero Clube de França, um prêmio no valor de 100.000 francos ao primeiro baião ou aeronave que, entre 1.º de maio e 1.º de outubro de 1900, 1901, 1902, 1903 e 1904, partindo de Saint Cloud e sem tocar em terra, com seus únicos recursos, contornasse a Torre Eiffel, voltando ao ponto de partida, no tempo máximo de 30 minutos, sendo que o trajeto a percorrer era de 11 quilômetros, grande percurso para o tempo.

19 de outubro de 1901.

Neste dia a expectativa era geral, pois se realizaria a grande prova sugerida pelo Sr. Deutsch. Santos Dumont, confiante no seu bom êxito, preparava-se para a jornada que o consagraria.

Chegara o momento!

Santos Dumont verifica se está tudo em ordem e parte.

Lá se foi embalado pela pericia e destreza de Santos Dumont, o dirigível com o qual provou que o aerostato podia ser dotado de dirigibilidade eficiente, conseguindo nosso patricio cobrir o percurso em 29 minutos e 15 segundos.

Foi um grande sucesso, um imenso triunfo que alcançou. Em 1913 erigiram-lhe um monumento, no mesmo local do qual se alteara em 1901, em Saint Cloud.

Mas não ficariam somente aí os gloriosos feitos de Santos Dumont.

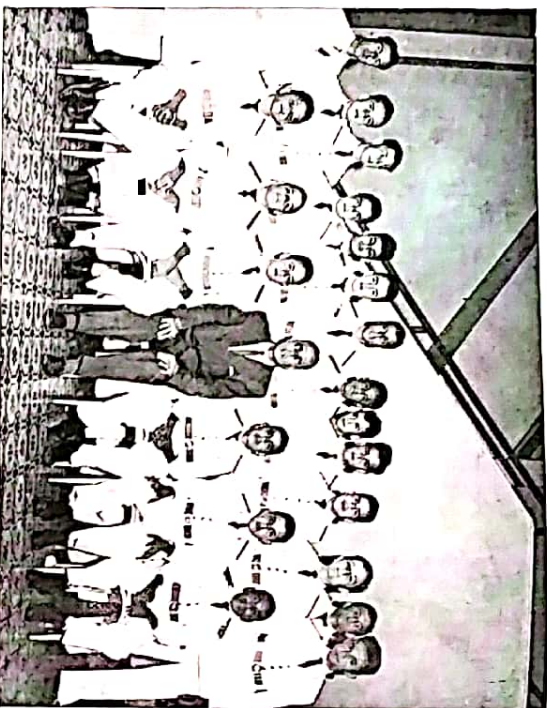
Suas atenções estavam agora voltadas para outro setor: o mais pesado que o ar. Começou a trabalhar incessantemente, e a 13 de setembro de 1906, eis que a primeira prova é posta em prática. O aparelho rolou mansamente pelo campo, em Bagatelle, por alguns momentos; de repente começou a ascender e chegou a elevar-se cerca de 50 a 70 cms, fazendo um percurso de aproximadamente 7 metros. Embora não tenha sido oficialmente uma prova, houve testemunhas do acontecido. A 23 de outubro, conquistou a Taça Archdeacon ainda em Bagatelle; voltando a elevar-se do solo, desta feita cerca de dois ou três metros (2 a 3 metros), e percorrendo 60 metros, muito mais do que exigido para a obtenção do prêmio.

Ao disputar depois a Taça Gordon Bennett, teve de retirar-se por haver machucado um braço na aeronave. Logo depois, a 12 de novembro de 1906, realizou a prova oficial, no aparelho "14 bis", à qual assistiu uma comissão designada pelo Aero Clube de França. Foi confirmado o voo do mais pesado que o ar e assinado um documento por Ernest Archdeacon, George Besançon e E. Surcouf, respectivamente, presidente do Aero Club, secretário geral cronometrista, e secretário da comissão mista cronometrista. O aparelho percorreu aproximadamente 100 metros distantes do solo, a uma altura de 80 a 95 cm e com a velocidade de perto de 30 a 35 quilômetros horários, em 21 segundos, obtendo os primeiros récordees. Assim o conquistador e pioneiro do ar,

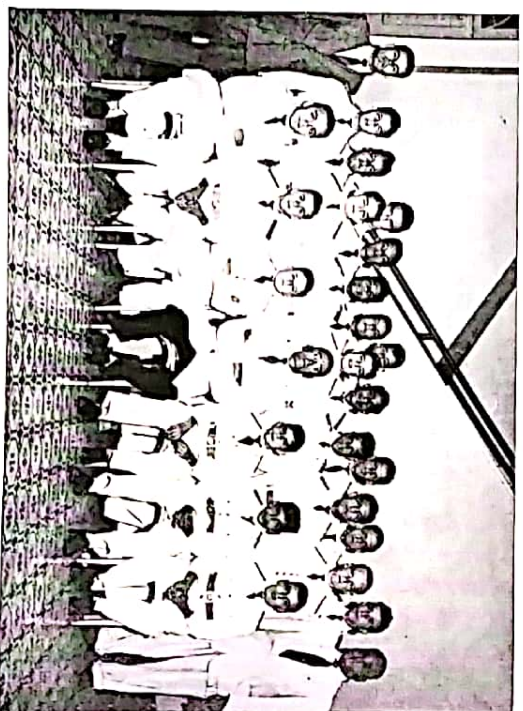
Santos Dumont, conseguiu provar que o aeroplano poderia galgar as alturas, imitar os pássaros, e, graças a ele, nosso querido irmão, o mais pesado que o ar deixou de ser embrionário para rapidamente alcançar franco progresso. Dentre muitos que labutaram incessantemente em prol da vitória, Santos Dumont foi o que mais se salientou sendo mundialmente consagrado o "Pai da Aviação".

Além destes triunfos, muitos mais obteve, destacando-se sempre pela sua grande tenacidade na conquista do espaço. Aos 23 de julho de 1932, no começo do século XX, século de grandes progressos, na cidade de Santos, em São Paulo, morreu Alberto Santos Dumont; porém ainda vive espiritualmente para a Humanidade, para o Mundo e para a Glória.

Santos Dumont escreveu páginas de heroísmo e abnegação, que jamais serão esquecidas pelos Homens e pela História. Honra seja feita a este bravo irmão nosso, que bem alto soube elevar o nome de nosso querido Brasil, em terras estranhas. Maior orgulho temos ainda, pois Santos Dumont saiu de sua pátria e demonstrou quão sagazes são os homens desta nossa idolatrada terra. Hoje, as gigantescas aves metálicas desafiam o espaço e as alturas, chegando mesmo a vencer o som e fazer afronta às intempéries atmosféricas. Quando vimos estas aves metálicas navegando pelos céus, voltamos nossos pensamentos para aqueles que se debateram pela nobre causa, e lembremo-nos deste homem que tanto lutou, sempre com dificuldades, sempre com obstáculos a vencer, mas sempre prosseguindo galhardamente na sua marcha progressista — Alberto Santos Dumont, o PAI DA AVIAÇÃO.



2.ª Série Ginásial — Turma 2B



2.ª Série Ginásial — Turma 2C

O CAÇADOR DE ESMERALDAS

JÓRIO DE OLIVEIRA

1.ª série A — Curso Ginásial

FENTRE todos os bandeirantes, que se aprofundaram peios sertões imensos de nossa Pátria, sobressai um homem que é digno de nossa admiração por sua audácia, arrojo e tenacidade: um homem cujo nome diz tudo — Fernão Dias Pais Leme — O CAÇADOR DE ESMERALDAS.

O relato de sua história, pela beleza que encerra, é dessas que prendem o leitor da primeira à última página, da primeira à última palavra. Chega a ser mesmo tão grandiosa que nos sentimos pequenos ante sua heroicidade. E!-lo.

Após tantas tentativas frustradas para a descoberta da, já quase lendária Terra das Esmeraldas, eis que alguém mais ousa levantar a voz para a procura da mesma.

Quem é esse alguém? Fernão Dias Pais Leme. Quem era ele? Um cidadão mui querido e respeitado da provincia paulista, filho de Pedro Dias Pais Leme e de D. Maria Leme. Com efeito, granjeara muitas simpatias por ter algumas vézes influido com sucesso em questões sociais, uma delas entre os Pires e os Camargos, duas poderosas famílias inimigas, a cuja rivalidade a intelligente intervenção de Fernão Dias pôs termo.

Como seus antecessores, Fernão obteve o precioso apoio do Príncipe Regente e do governador Afonso Furtado de Mendonça. Qui-seram estes oferecer-lhe todo o material necessário, porém, Pais Leme rejeitou-o. Fêz questão de obtê-lo por conta propria, não hesitando mesmo em dispendir enormes quantias para consguilo. Foram estes gastos distribuidos entre armas, munições, mantimentos, escravos, etc. Homens foram mobilizados. Ultimaram-se os preparativos.

A data para a partida foi marcada.

Mesmo ante os insistentes pedidos de D. Maria Belim, sua esposa, que se encontrava decente, Pais Leme manteve-se firme quanto à data da partida. Era o desbravador irredutível que se conservava fiel à sua palavra.

Finalmente chegou o grande, o esperado dia. A cidade engalanou-se. Grande multidão se reuniu junto ao mosteiro de São Bento para a

missa campal que seria ali realizada. Foi a mesma celebrada por frei Gregório de Magalhães. Grande momento. A multidão ajoelhada ouvia atenta as palavras que proferia frei Magalhães. Em cada coração uma esperança, nos lábios um pedido e, em todos, um s pensamento — ouro !

Naquele instante desceu sobre a bandeira a bênção divina.

Terminada a missa, dirigiram-se todos ao local de partida. Entre o chefe da Bandeira e sua amantíssima esposa, travou-se um diálogo até certo ponto comovedor. E como arremate final D. Maria Betim disse-lhe estas palavras, que o animariam a prosseguir sempre na sua jornada, mesmo nos momentos mais angustiosos:

— Não volte sem as pedras ou a prata.

Partiram. Os homens que compunham a mais famosa das Bandeiras foram:

Chefe: Fernão Dias Pais Leme.

Imediato: Mathias Cardoso.

Além destes, Garcia Dias e José Dias, filhos de Fernão Dias, Borba Gato, também genro de Fernão Dias, Francisco Dias, sobrinho, os Capiteas Manuel de Góis, Baltazar da Veiga, João Berval e dois frades, sendo um carmelita e o outro franciscano.

Embrenhou-se a Bandeira pelo sertão. Enfrentando selvagens, feras, pestes, despenhadeiros, lá foram eles à procura da tão ambicionada Terra das Esmeraldas.

Certo dia, Pais Leme notou, com certa apreensão, que suas provisões estavam chegando ao fim. Mas ainda desta vez não se desajudou. Dando provas do que só um homem de sua tempera poderia realizar, mandou que a Bandeira acampasse, plantasse e colhesse, para que depois continuassem. E sempre que necessário assim procedia, plantando, colhendo e fundando arraiais.

Passaram por Camondocata, Lopo e Sapucaí.

Lutando com índios, ou dizimados pelas febres, a cada dia que passava, eram covas que se abriam. Alguns chegavam mesmo ao quase desânimo, mas antes que tal acontecesse ia ante eles um homem de vontade irresoluta que, lutando por um ideal, a todo instante gritava:

— As Esmeraldas ! As Esmeraldas !

E eram estes gritos como um elixir que lhes revigorava os ânimos, animando-os a prosseguir.

Outros lugares vieram: Sapucaí, Vituruna, Parapobeá, Rio das Velhas, Roça Grande, Rio Grande, Sumidouro, Tucumbira.

Aí recebeu um mensageiro vindo de São Paulo, Manuel Lobo, trazia êle importantes notícias — Também uma carta do Governador Afonso Furtado de Mendonça, na qual dizia que em breve partiria, para encontrar-se com Fernão Dias, o argentino O. Rodrigo de Castel Branco. Pais Leme mostrou-se um pouco contrariado, porém, nada

disse. Uma outra notícia, entretanto, alegrou-o grandemente. Dizia-lhe o mensageiro que D. Maria Betim, cliente das privações por que passava seu marido, pelas cartas que êsse lhe enviava, não vacillava, num sublime sacrificio, em se desfazer das próprias jóias e, até mesmo, das de suas filhas a fim de auxiliarem o ousado bandeirante. E mais uma vez êste apêlo:

— Não volte sem as pedras ou a prata !

Fernão Dias Pais Leme, que tão grandioso era, sentiu-se infimo ante tanta nobreza de sentimentos.

Cumprida sua missão, retirou-se o mensageiro.

E a Bandeira partiu novamente.

Outros lugares ficaram para trás: Itamarandiba, Mato das Pedras, Serro Frio, Rio Doce, Sertões da Bahia.

Reformou, então, a Mato das Pedrarias, onde já uma vez havia acampado. Mas lá passaria a Bandeira horas amargas. Fernão Dias Pais Leme viveria ali seus instantes mais dramáticos de sua longa empreitada pelo sertão.

Bater de queixos, convulsões e em poucos minutos tudo estava acabado. Era a terrível terça.

A Bandeira dizimava-se pouco a pouco. Algumas vozes alteradas se faziam ouvir. A quasi totalidade da Bandeira, já exausta e sem encontrar as tão ambicionadas esmeraldas, só pensava agora em regressar.

Coube a iniciativa ao imediato Mathias Cardoso. Grande decepção para Fernão Dias. Justamente aquêle a quem nunca julgaria capaz disto. A própria Bandeira sentiu-se como que fulminada ante essa desertação. E as consequências não se fizeram esperar. Logo após êle desertaram Antonio Prado da Cunha, Manuel d Costa, Manuel de Góis, João Bernal, Baltazar da Veiga e até mesmo os dois padres.

Foi então que se levantou a cortina verde das florestas e o sertão Garcia Pais, José Dias, Manuel Borba Gato e os escravos que ainda não tinham sido mortos pelos índios ou vitimados pelas pestes.

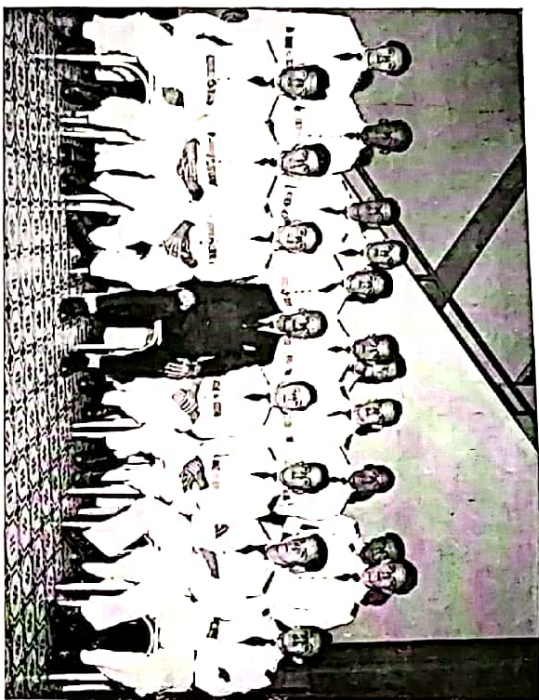
E a Bandeira prosseguiu sua marcha.

Foi então que se devantou a cortina verde das florestas e o sertão tornou-se palco de uma peça danlesca, tendo como assistentes Deus e a natureza.

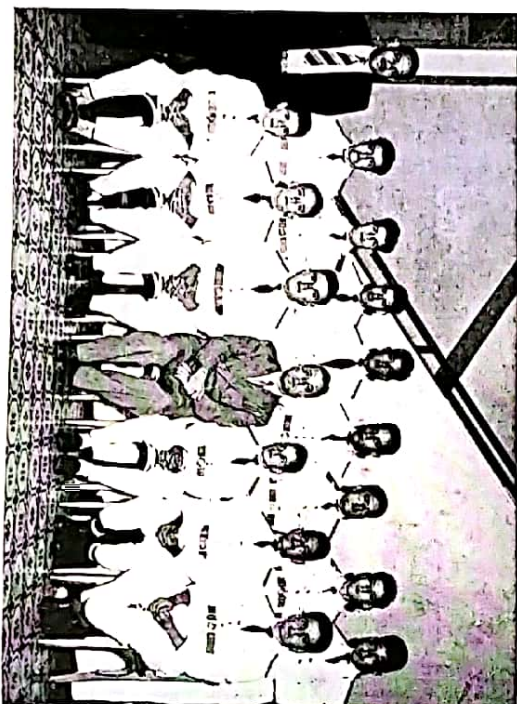
No seio daqueles homens rudes pelas circunstâncias, no seio daqueles homens ávidos por ouro, alguém, na calada da noite, tramava uma sublevação contra o chefe da Bandeira.

Nada disto constituiria surpresa, se êste homem não fosse José Dias, o próprio filho de Fernão Dias. Entretanto esquecia êle que na plateia dêste drama havia um espectador exigente que não estava gostando de seu desenrolar. E a Divina Providência mais uma vez agiu, fazendo com que uma escrava escutasse êstes planos.

Dirigindo-se imediatamente a Fernão Dias, contou-lhe o que acabara de ouvir. Fernão enfureceu-se. Esquecendo-se que José Dias era



3.ª Série Gimnasiai — Turma 43a



3.ª Série Gimnasiai — Turma 43a

filho de seu próprio sangue, deu uma ordem que estareceu a todos os presentes:

— Tragam a corda!

Trouxeram-na. A seguir ordenou que fizessem um laço no pescoço de José Dias e, amarrando-a num galho de árvore, inflexível, irredutível, ordenou numa arremate final.

— Puxem-na!

Pouco a pouco morriam os últimos raios de luz. A noite procurava quanto mais depressa esconder com seu negro manto tão espantosa tragédia. E o orvalho, caindo do firmamento, era como lágrimas cristalinhas das estiréis que choravam.

Estava agora a Bandeira acampada junto à lagoa Yupabussu. Notaram seus componentes, com cert sístição, que suas águas deixavam aparecer uma tonalidade esverdeada. Quem sabe se achariam ali o que meses a fio em vão procuravam? Imediatamente examinaram o local. Pura ilusão!

Depois de procurarem inutilmente, eis que a caravana se apresta para partir.

É então que um grito se eleva no ar. É um grito que faz ao são correr, ao doente andar, ao insensível chorar. E toda a Bandeira ergue-se de um só salto. O que eles vêem é de impressionar. De pé, com os braços para o ar, em cada mão uma pedra verde, Fernão Dias Pais Leme grita cada vez mais alto como se quisesse que toda a natureza escutasse aquêlê brado que saía das entranhas de sua alma, das entranhas de seu coração:

— As Esmeraldas! As Esmeraldas!

Todos querem ver. Todos querem examinar com as próprias mãos. Sim. Realmente são as esmeraldas por que tanto lutaram, sofreram e choraram. E daqueles homens apossa-se verdadeiro delírio. Mas a satisfação de Fernão Dias é por pouco tempo. Subitamente, oh! desgraça das desgraças! O ousado bandeirante sente que seus lábios tremem, suas pernas fraquejam e, sem poder aguentar o péso do próprio corpo, tomba por terra.

É a terça.

Caido, nos estertores da agonia, Fernão lança um olhar, primeiro para o verde da floresta, depois para o manto azul estrelado do céu:

“Oh! êsse último olhar ao firmamento! A vida.

Em surtos de paixão e febre repartida,

Tôda, num só olhar, devorando as estiréis!

Êsse olhar, que sai como um beijo da pupilla,

— Que as implora, que bebe a sua luz tranquila,

— Que morre... e nunca mais, nunca mais há de vê-las!”

Desceu um silêncio de morte sobre a Bandeira. Morreu Fernão Dias Pais Leme. Morreu o bandeirante desmembrado, ousado, intrépido. Morreu agarrando-se de corpo e alma ao seu grande sonho, as esmeraldas.

Alguns dias depois chega um mensageiro de D. Rodrigo de Castel Blanco que se encontrava em São Pedro. "Traz consigo uma carta dirigida a Fernão Dias. Borba Gato abre a carta e lê:

"... eu fóra de parecer que V. S. não fizesse aviso a Sua Alteza que nos arvistamos; veja eu primeiro se as pedras têm aquela fineza de que se necessita para o seu valor; com isto poderá V. S., depois de eu fazer aviso a Sua Alteza colher o logro do seu merecimento".

Ay, velas últimas palavras dançavam ante os olhos de Borba Gato que se tomava de indignação: "... depois de eu fazer aviso a Sua Alteza colher o logro do seu merecimento".

Garcia Pais, porém, ao lê-la, não se perturbou. Mandou o mensageiro dizer a D. Rodrigo que lhe cederia todos os direitos sobre as esmeraldas bem como também sobre os arratais que seu pai havia fundado.

Borba Gato partiu para o Sumidouro.

A Garcia Pais coube a missão de conduzir os restos de seu pai à última morada. Após um curioso processo de embalsamar foi o mesmo metido num caixão e a caravana tomou o rumo de São Paulo. Porém, a longa carreira de martírios de Fernão Dias não se encerraria ali, embora já estivesse morto. Chegando ao rio das Velhas, seu atalúde foi obrigado a ser transportado para o outro lado por meio de um barco. Ao encontrar-se este no meio do rio quis a fatalidade que o mesmo se chocasse de encontro a uma rocha e naufragasse. Durante um mês procurou Garcia Pais, procurando nas águas revoltas do grande rio, os restos de seu pai. Não seria, entretanto, seu leito a última morada de Fernão Dias. Quando já desanimava Garcia Pais, eis que surge das águas um selvagem tendo sob os braços o atalúde tão ançiosamente procurado.

Em São Paulo era grande a alegria ao saber-se que Fernão Dias Pais Leme havia descoberto finalmente a famosa Terra das Esmeraldas.

A cidade comemorava este acontecimento, quando chega dos Castagnazes esta notícia terrificante: o descobridor das esmeraldas morrera. E ainda a de que Garcia Dias havia cedido todos os direitos das Esmeraldas a D. Rodrigo de Castel Blanco.

Entre a revolta geral do povo, na Câmara levanta-se o Padre João Leite, irmão de Pais Leme, para protestar:

"Eu, o Padre João Leite, por mim e como irmão do defunto, o Capitam Fernam dias paes, descobridor das esmeraldas, e em nome da viúva, sua mulher, Maria Garcia, requero a suas mercês, huma e muitas vezes, da parte de Sua Alteza, q. Deus goarde, alalhem e priem, pelos meios convenientes a dom Rodrigo de castel branco, os intentos que tem de mandar apoderar-se das minas de esmeraldas que o dito meu irmão descobriu".

Chega o mensageiro de Castel Blanco, o qual diz reconhecer em Fernão Dias o único e verdadeiro descobridor da Terra das Esmeraldas. Envia também as pedras que lhe havia dado Garcia Dias, o qual também chegava com os restos de seu pai enterrando-os junto ao mosteiro

de São Bento, como aliás desejara o grande bandeirante quando ainda em pleno serião. Com ele quarenta e sete outras pedras que havia guardado como medida de precaução. Juntando estas com a do castelhamo enviaram-nas a Portugal a fim de serem examinadas. A resposta não se fez esperar. Pediam que enviassem pedras maiores, pois aquelas eram pequenas e de superfície.

Garcia Pais, paciente, foi ao sertão e voltou com outras pedras que foram novamente enviadas. Outra vez São Paulo aguardou ansioso a resposta. E quando ela veio deslindiu a todos, de tão chocante.

Diziam de Portugal que aquelas pedras julgadas esmeraldas eram simples "turmalinas à-toa". Como se aquelas palavras nada significassem.

Pobre Fernão Dias Pais Leme! Pobre Garcia Pais! Pobre Borba Gato! Pobre Bandeira! Entretanto, é preciso que se diga: não descobristes simples "turmalinas à-toa". Desbravando os sertões, descobristes uma outra riqueza maior ainda, o Brasil. Vossas Bandeiras reunidas contribuíram para tornar mais bela uma outra e única Bandeira, a Bandeira do Brasil.

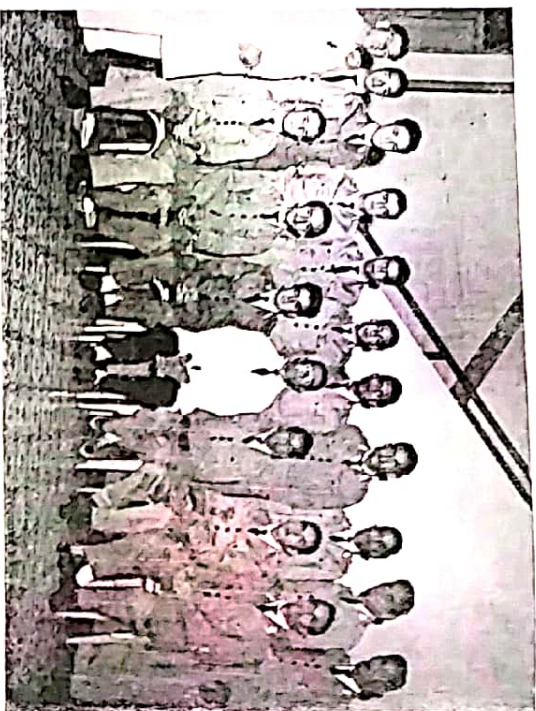
O epilogo desta história épica desenvolveu-se aos pés do Sumidouro. As discussões entre Borba Gato e Castel Blanco tornaram-se frequentes, um querendo ter mais propriedade sobre o outro com respeito àquele lugar. Até qu eum dia Castel Blanco chamou Borba Gato, dizendo retirar-se dali, contando que o bandeirante lhe cedesse armas e munições de sua Bandeira. Este replicou-lhe, enfurecido, que não. A discussão tornou-se mais acalorada. E foi então que se deu o desenlace final. Ninguém melhor do que o velho historiador Taques para descrevê-lo:

"... travando-se de razões menos comedidas Borba Gato se precipitou tão arrebatado de furor que, dando em D. Rodrigo um violento empuxão, o deitou ao fundo de uma alta lata, na qual o castelhamo cabiu morto".

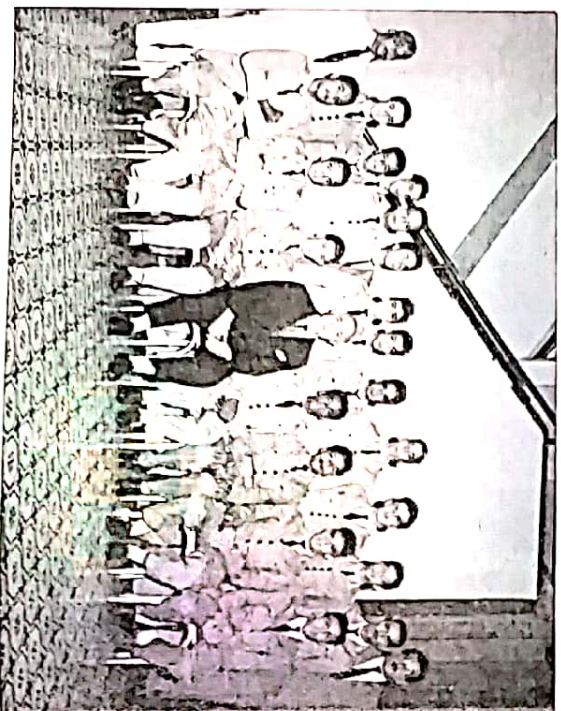
Encerrou-se assim o último capítulo da Bandeira de Fernão Dias Pais Leme — "O Caçador de Esmeraldas".

Entretanto, o Brasil não os esqueceu e são todos os seus filhos que rendendo o tributo de sua gratidão vêm dizer-lhe:

— Tu, Bandeirante, ousado representado por "Anhanguera", por Fernão Dias, por Borba Gato, enfrentando mil perigos, fizeste-nos ver que sobre o nosso Brasil existe um céu que, com seu manto azul cravado de estrelas, nos cobre de norte a sul mostrando-nos que perante Deus todos são irmãos. Fizeste nosso Brasil maior, empurrando para oeste a linha de Tordesilhas e é por isso que no coração de cada brasileiro estará erguido um monumento à tua bravura, ao teu heroísmo e à tua valentia.



4.ª Série Ginasial — Turma «A»



4.ª Série Ginasial — Turma «B»

AS CLASSES ARMADAS DO BRASIL

J. C. AUSTREGÊSILO DE ATHAYDE

4.ª Série A — Curso Ginasial

ODOS os países possuem suas forças armadas. O Brasil não se excetua.

Durante a segunda grande guerra mundial, todas as nações tiveram ocasião de demonstrar o poderio de suas classes armadas.



Na Inglaterra, como em todo o mundo, tornou-se famosa a R. A. F., que heróicamente lutou pelo ideal mundial, a Paz.

Foi na fase em que a Inglaterra sofria atrocemente as consequências da ambição desmedida de um fanático, que se revelou o heroísmo e o poder da R. A. F., dando motivo a Winston Churchill para proferir as seguintes palavras:

“Nunca tantos deveram tanto a tão poucos, como a Inglaterra deve à R. A. F.” palavras que exprimem o reconhecimento, não só dos ingleses, mas do mundo.

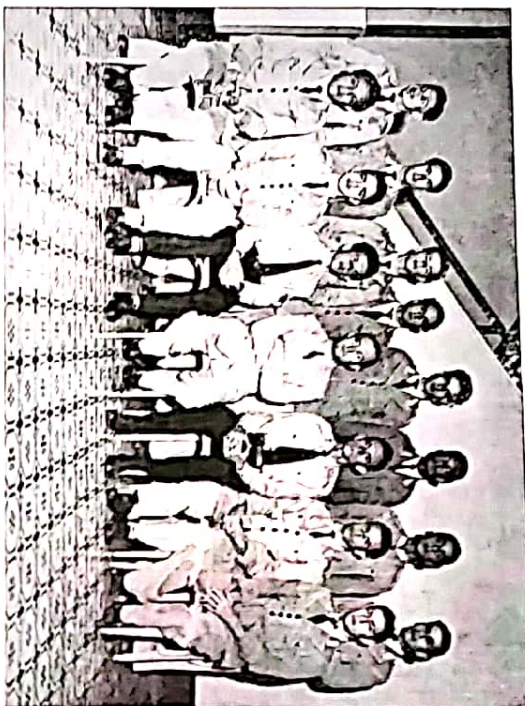
Durante este mesmo período, mostrou o Brasil que, não obstante a falta de recursos materiais, possuem todos os seus filhos o senso de dever para com a humanidade, o amor à pátria, e a bravura nos campos de luta.

Refiro-me à tomada de “Monte Castelo”, uma façanha que ficará para sempre nos anais da história, façanha que se realizou tendo todos, no coração, como uma sombra protetora e estimuladora, o espírito e o exemplo de Caxias.

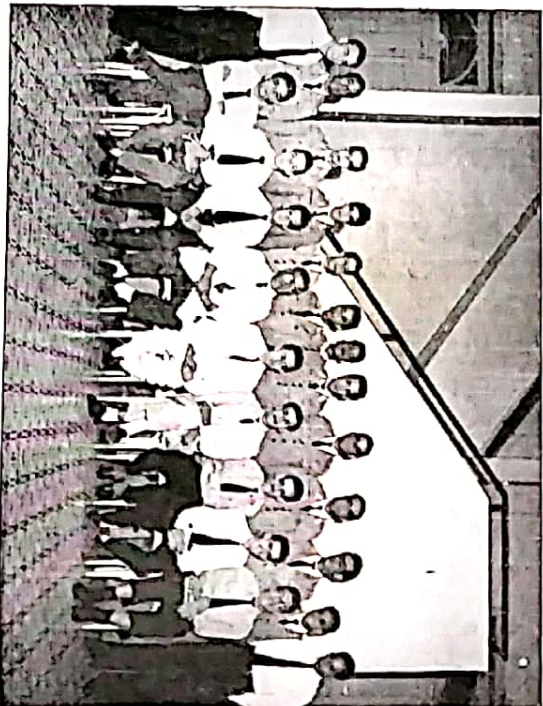
Os brasileiros, acostumados ao clima ameno do Brasil, sentiram-se transportados para um lugar estranhamente diferente e sem semelhança nos doces campos brasileiros. Lutando e vencendo, seguiram o exemplo de César:

— “Chegaram, Vivam e Venceram”.

Mas não só recentemente foi demonstrado ao mundo o valor dos filhos de Santa Cruz; em épocas remotas, quando o Brasil, em relação a Portugal, “nada mais era — no dizer das grandes potências europeias — que um país recém-libertado”, tivemos na nossa Marinha e no nosso Exército, feitos dignos do povo brasileiro. Quando o marulhar das ondas se confundia com o estampido dos canhões, tivemos quadros heróicos como a batalha de Tuiuti e a Guerra do Paraguai, onde se revelaram homens como o Almirante Barroso, que, comprovando a justiça



1ª Serie — Curso Científico — Turma 'A'



1ª Serie — Curso Científico — Turma 'B'

da confiança que o Brasil deposita nos seus filhos, disse no último instante da sua vida: — "O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever".

Sim, todos o cumpriram, cumpram e cumprirão, porque cada brasileiro tem em mente o dever para com a sua pátria. Homens como o Almirante Tamandaré, que nunca tremeu diante do perigo, laureando-se de glórias, cobrindo o Brasil de um orgulho muito natural, são dignos de menção honrosa.

Se desviarmos os nossos olhos e penetrarmos no terreno da Aviação, maior será o nosso orgulho, maior a nossa glória.

No tempo em que toda a Europa estava empenhada na indústria de balões estratosféricos, um brasileiro, Santos Dumont, filho de um modesto fazendeiro de São Paulo, empenhava-se árdidamente na missão de construir, não um balão, mas um dirigível.

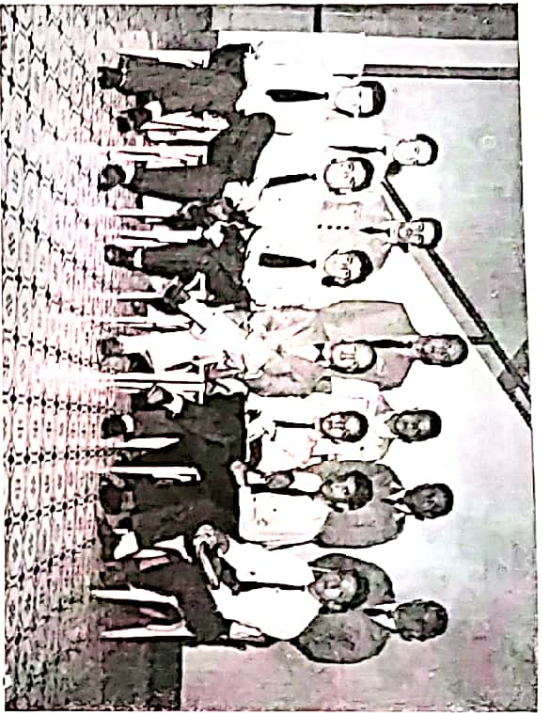
A necessidade de ter deixado o Brasil para aperfeiçoar-se em Paris, em nada desmerece o fato. Pelo contrário, torna-o ainda mais notável, enaltecendo o espírito lutador de Santos Dumont. Naquela época o Brasil não dispunha de meios, de recursos para os seus filhos. Era necessário que os que quisessem vencer na vida se instruissem em terras onde o progresso das ciências já se tinha dado em mais alto grau. Santos Dumont foi e lutou contra milhares de dificuldades, numa terra onde a língua era outra, outros os pensamentos, outros os costumes, enfim, a vida totalmente era outra. Lutou e venceu com galhardia, porque Deus dá prêmios aos justos, honestos e trabalhadores. Depois de inúmeras dificuldades, viu Santos Dumont o seu sonho realizado, quando, a 13 de setembro de 1906, às 8 horas e 40 minutos da manhã, perante a Comissão de Aéreo Clube de França, seu aparelho subiu a uma altura de 90 centímetros, conseguindo fazer um voo de sessenta metros. Vencera, vencera pelo Brasil.

Filhos do Brasil! escutai-me.

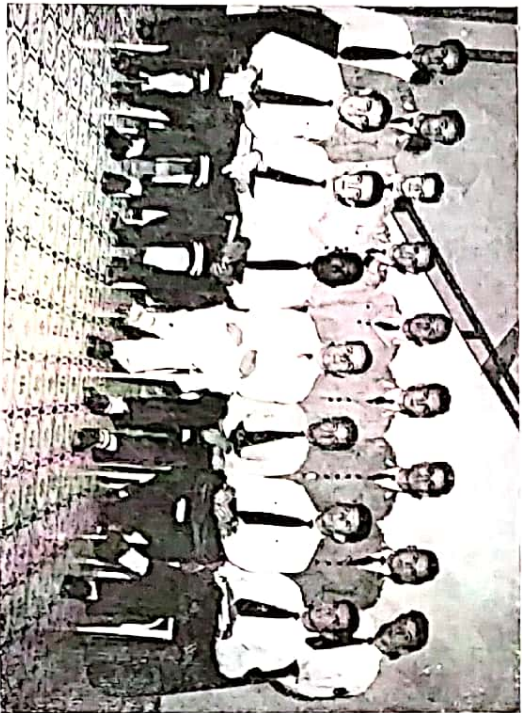
"Tão grande é o nosso orgulho de sermos brasileiros, nascidos nesta terra, que Gonçalves Dias tão bem immortalizou, na sua Canção do Exílio,

"... Não permita Deus que eu morra...
Sem que volte para lá..."

que difícil será dizê-lo com palavras; digamo-lo, pois, com ações dignas da nossa grande pátria, o Brasil!



2.ª Série — Curso Científico — Turma 6A*



2.ª Série — Curso Científico — Turma 6B*

PEQUENO ENSAIO SOBRE "D. CASMURRO"

FRANCISCO MAURO DIAS

3.ª Série — Curso Científico



AO se poderia considerar completo um órgão estudantil de colaboração em que não figurasse, entre os artigos publicados, aquele que abordasse o tema literário.

Com o intuito, pois, de emprestar a "Internato" a contribuição humilde de nossa pena obscura, escolhemos para motivo de nosso trabalho, segundo sugestão de nosso professor, a análise sucinta de "D. Casmurro", uma obra-prima que vem assinada pelo representante máximo de nossa prosa: Machado de Assis!

"D. Casmurro", enquanto por nós conhecido como um título somente, se nos esboçava uma narrativa tremendamente sensaborana: Machado de Assis ainda nos era estranho.

Lemos a obra que nos viera ter às mãos, decesceu, a pouco e pouco, o número de páginas que ficavam por passar e o ponto final se destacou sobre o fundo branco da última página.

Quebrara-se o encanto, voltáramos à realidade da qual nos víamos arrebatado pela suavidade de um estado eufórico que nos não foi possível evitar.

Decorrido o tempo necessário a que se tenham desvanecido as primeiras impressões, procuramos, neste trabalho, que reconhecemos de grande superficialidade, analisar, conquanto que imperfeitamente e guardando as devidas proporções, a obra que deixou, em nossa sensibilidade impressões indeléveis.

Para adotar uma certa ordem de expressão, teceremos considerações em torno de três itens principais: *enredo*; *caracterização do personagem*; *estilo e valor estético da obra*.

ENREDO: Em uma narrativa que se prolonga, de maneira agradável, por algumas centenas de maravilhosas páginas de literatura, Machado de Assis procurou descrever, com precisão incomparável, todas as circunstâncias que envolvem a vida de seu personagem e que lhe ocorrem sob a forma de gratas evocações.

Enlacedos por uma atração que não se explica, acompanhamos o evoluir de duas crianças, dos primeiros tempos de uma infância despreocupada aos dias de maturidade que sobrevêm, através de uma adolescência evadida de reminiscências.

Bentinho, jorem ameaçado pela contingência de ingressar no seminário, contrariando suas melhores aspirações, conta com a amizade firme de Capitu, menina viva e irrequieta, sua conselheira das horas difíceis.

Com que graça e suavidade nos são descritas, então, as peripécias sem conta de corações adocentescos que se juram afeição mútua e pareciam, por atos, a sinceridade de suas promessas!...

Segue-se a inevitável ida para o seminário, sobrevivido às saudades, os climas e uma série de acontecimentos que vêm comprovar a aversão de nosso Bentinho, para alguns, já nomeado pronotário, ao estado para o qual o haviam encaminhado.

Durante o tempo de seminário, a aquisição de uma amizade colegial que se prolongaria pela vida inteira, a de Escobar, ocupa o centro da narrativa que se perde, então, na tessitura de comentários que giram em torno daquele gênio tão afim, gênio mesmo do outro.

O egresso do seminário... O curso de uma faculdade... El-lo, enim, Dr. Santiago!

Reafirma-se a amizade de Escobar, estreitam-se as relações com a senhorinha Capitolina...

Realiza-se o enlace que se pronunciava desde os olhares da infância. Transcorrem, felizes, os primeiros anos de matrimônio... Dois anos decorridos, nasce o primeiro filho... Ezequiel cresce, aprende as primeiras letras.

Escobar falecera de modo trágico, arrastado pela fúria das ondas de um mar que desafiara; legara a seu amigo de todo instante uma carta cujos termos, repassados de ternura, comprovavam sua grande afeição ao Bentinho de outrora. Escobar deixara, entretanto, mais que uma simples lembrança depositada entre as linhas de uma carta...

Ezequiel, crescia a olhos vistos e, pouco a pouco, definiam-se seus característicos fisionômicos, suas predileções, suas maneiras, em tudo, semelhantes às do falecido Escobar.

Uma dúvida germinou no cérebro do Dr. Santiago. Que fazer? Enfrentar a realidade que se desenhava tremendamente nítida, em todo seu horror? Não seria mais cômodo recorrer a uma solução, no momento, menos drástica? O suicídio, por exemplo? Mas como poderia, ter sucedido tal coisa? Traído, miseravelmente traído pelas pessoas que mais quis em sua vida...

Como entender os arcanos imperscrutáveis do destino?...

Modifica-se a feição da narrativa: a mesma pena, que tantas alegrias havia antes narrado, passa a obedecer ao comando de uma alma lacrada por dór pungente.

Temos, então, a sensação de um vazio que nos ameaça tragar; sentimo-nos chocados com o inesperado dos acontecimentos.

Refeito, porém, somos forçados a reconhecer que essa transposição brusca patenteia, por si só, a excelência de uma obra que se destina à perpetuidade.

CARACTERIZAÇÃO DO PERSONAGEM:

D. Casmurro, o personagem central da obra machadiana que, ora, estudamos, é-nos apresentado, no princípio de sua história, como pessoa de "hábitos reciosos e calados". Não foi por esse prisma, entretanto, que nos aconteceu apreciar o íamoso personagem. D. Casmurro mais um homem de exagerada circunspecção, se nos apresenta como um célio de refinado cinismo e é por essa faceta de sua personalidade que o podemos identificar.

Ao leitor menos avisado terá passado, certamente, despercebida essa nota característica, dada a finura com que o autor a inseriu nas entrelinhas de seu romance.

E, portanto, com um D. Casmurro totalmente diferente do que se esconde sob a capa falaz das aparências, que nos defrontamos em todo o curso da obra.

Qual, entretanto, o motivo deste cinismo? Outro, que não o amargor de uma desilusão como a experimentada como o papel miserável que Capitu apresentou em sua vida, jamais provocaria tal estado de espírito. Esse ceticismo resulta, pois, da lembrança que o persegue implacavelmente em suas evocações.

Nossa análise do personagem, se aqui terminasse, seria imperfeita. D. Casmurro não seria o mesmo sem o complemento que o acompanha: Capitu.

Desde os primeiros capítulos, esse personagem feminino vem perfeitamente caracterizado.

Já na infância, o autor não-lo apresenta como um caráter dissimulado, revelado por aqueles "olhos de rêsaca, olhos de cigana oblíqua e dissimulada", como os descreve Tio Cosme.

Sob a aparência de uma personalidade inofensiva, ocultava-se um espírito perspicaz, ávido de liberdade.

Capitu realiza um jogo duplo, do princípio ao fim do romance.

D. Casmurro o reconhece quando, ao finalizar suas memórias, deixa escapar esse desabato: "Se te lembras de Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca".

"A terra lhes seja leve", diz êle; o leitor cerra os olhos e procura sentir as últimas delícias de um néctar que somente a pena machadiana poderia, um dia, destilar.

Os personagens de "D. Casmurro" revelam, mais uma vez, a perfeição que torna seu criador uma figura incomparável em nossa literatura.

Estilo e Valor Estético da obra em apêço:

Ao tomarmos "D. Casmurro" para o examinar, sob o ponto de vista de seu valor estético e do estilo que caracteriza seu autor, assinamos, propriamente, a sentença que denunciara nosso trabalho como uma peça laudatória, por excelência. Outra, porém, não poderia ser nossa atitude face ao que nos foi dado apreciar.

Machado de Assis possui um estilo próprio, inigualável em qualquer época.

Jamais vive em mãos prosador mais rico e mais atraente! A simplicidade com que descreve, a perfeição com que reloca suas frases, o acerto absoluto com que contorna as sutilezas do idioma, léxias as qualidades, enfim, se unem para, à semelhança dos diversos matizes que se misturam para a composição de uma paisagem, constituir o quadro maravilhoso que se nos apresenta sob o título de "D. Casmurro". Nada escapa à perspicácia do grande autor. A minúcia dos detalhes e a realidade da descrição nos transportam ao palco em que se desenrolam as cenas magnificamente apresentadas e fazem com que vivamos as emoções que abalam o personagem.

A perfeição da narrativa é insuperável. Sirva-nos de exemplo o trecho admirável que aqui transcrevemos: "... Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silegismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão". (D. Casmurro, cap. IV, pág. 14).

Esse excerto, incluso na descrição de um personagem, vem mostrar a perfeição com que retrata ele as figuras de seu romance, deixando, sem que o percebamos, por entrelinhas que parecem desconhecadas, uma análise psicológica, sem falhas, do personagem, que focaliza.

E, através de todo o romance, encantados, pela perfeição da forma, pela excelência das idéias que marcam as obras portadoras, do cunho do eterno, constatamos a alta qualidade de "D. Casmurro", sob o aspecto estético-literário, entronizando-o em nossa biblioteca como uma amostra do representante máximo de nossa prosa:

MACHADO DE ASSIS!

CARLITOS: UM MITO

MOACYR VALLIN DE FREITAS

3.ª Série — Curso Científico

I



QUANDO tentamos escrever sobre Charles Chaplin, o mais estudado e o mais discutido nome do cinema, sobre o qual já foram escritos dezenas e dezenas de livros, milhares e milhares de artigos; que inspirou poetas como o nosso Carlos Drummond de Andrade, autor do magnífico "Canto ao Homem do Povo" publicado em 1946 no livro "A Rosa do Povo" e transcrito no primeiro número da revista "Filme" do Circulo de Estudos Cinematográficos, e Ivan Goll, autor de "La Chafinade", que conheço somente de referências, verificamos a nossa absoluta estupefação diante da obra imensa que ele realizou, dos múltiplos aspectos de sua atividade, cada um dos quais é matéria para volumes e mais volumes.

Nossa modesta intenção é somente descrever em linhas gerais o nascimento, o delineamento, a ascensão e a fixação da figura imortal de Carlitos, que hoje já é um mito completamente desligado de seu criador, que ultrapassou as fronteiras do cinema, que penetrou e que vive no coração de todos, principalmente dos humildes.

Desejamos também manifestar de público o nosso agradecimento ao nosso ex-professor de português Carlos de Assis Pereira, que, amante da sétima arte nos entreteu a cortina que nos permitiu vislumbrar uma arte nova, imensa, universal, que nos despertou o gosto pelo cinema encarnado somente como Arte.

Finalmente queremos indicar a bibliografia sucinta por nós consultada.

Além de artigos em inúmeras publicações periódicas como "Filme", "Revista Internacional del Cine", "Cena Muda", "Tentativa", "Trópico" e outras, servimo-nos dos livros seguintes, além do modesto arquivo do autor:

- 1) Du Muet au Parlant — Souvenirs d'un témoin — por A. Arnoux (Seulement le chafitre: Charlie Chaplin et le Cirque) (págs. 35-39).

- 2) Cariltos. A vida, a obra e a arte do gênio do Cine. 1944. — 255 pp. Villegas López.
- 3) Histoire du Cinéma — Lo Duca — Édition Presses Universitaires de France, pags. 25, 33, 34, 37, 38, 40, 42, 53, 54, 56, 61, 64, 69, 74, 75, 78, 93, 95 et 97.
- 4) Charles Chaplin — Caderno de Cinema n.º 2 com artigos de Antonio Brochado, Fernando Condoso Gonçalves Lavrador, Ramos Pereira, Alves Costa, Julio Gestá, Manuel de Azevedo, Mario Verdone e Roberto Nobre.

II

Se, na História do Cinema, há alguém que mereça a classificação de gênio, esse alguém é Charles Chaplin. Ele representa uma verdadeira etapa na história do Cinema Universal.

O tema Cariltos é vastíssimo e extremamente complexo; abrange praticamente quase toda a história do Cinema, ou seja, desde 1914, quando Chaplin fez na Keystone: "Making a living", também conhecido como "A BUSTED JOHNNY", "TROUBLES", "DOING HIS BEST (Os primeiros filmes de Cariltos são conhecidos por vários títulos, tanto na América do Norte, como na França. Na França são os seguintes os títulos por que é conhecido o filme "MAKING A LIVING": "Pour gagner sa vie" et "Charlot Journaliste") em que Cariltos, apenas esboçado, nos aparece como reporter; é um pequeno filme de uma única bobina, estreado em 2 de fevereiro de 1914 realizado por Henry Selman e em que, além de Cariltos, vemos Alice Davenport e Chester Couchin.

A carreira de Cariltos é encerrada temporariamente (assim esperamos porque Chaplin, nos anuncia um novo filme que nos conta a história de um palhaço que perde a faculdade de fazer rir e suicida-se, atirando-se no Tâmis), com "The Great Dictator" começado em dezembro de 1938 e apresentado em Hollywood a 15 de outubro de 1940 e em Paris a 14 de fevereiro de 1945, após a libertação.

"The Great Dictator" é apenas uma concessão de ordem política em que Chaplin satiriza Hitler (Heinkel) e Mussolini (Napolini), obra artisticamente desprezível.

Em 1947 temos "Monsieur Verdoux", uma sátira candente à sociedade e aos fazedores de guerras, que já provocou discussões e um número enorme de artigos, que é porém um caso à parte na trajetória Carlitiana.

Em qualquer História do Cinema encontramos que Chaplin se chama realmente Charles Spencer Chaplin, nasceu em um bairro pobre de Londres a 16 de abril de 1889 tendo, portanto, atualmente 61 anos de idade. Desses 61 anos, 36 são a serviços do cinema.

Era filho dum pobre bailarino judia e de um modesto cantor e aos 10 anos já trabalhava no "Music-Hall".

Ele, que é hoje multimilionário, graças unicamente à sua arte, começou a sua vida na miséria.

Chaplin, aos 17 anos, começou a trabalhar na troupe de Fred Karno, como ator de pantomina.

Nós desconhecemos no Brasil o teatro de pantomina, mas ele tem uma enorme tradição na Inglaterra. Tudo na pantomina exprime-se por gestos e atitudes, porém estilizados e significativos.

Podemos avaliar, então, o quanto esse aprendizado lhe foi precioso, quando abordou o cinema mudo, e quanto permitiu que encontrasse a segurança, a exatidão nos gestos e expressões, no sentido puramente cinematográfico.

Chaplin penetrou no cinema na época em que Wack Sennett descobria o formidável efeito cômico de festejar com pastiches na cara dos atores. Chaplin, no início, aderiu à moda, mas logo notou a insuficiência do que fazia.

Ele descobriu, nessa época, que todos nós temos um "Cariltos" dentro de nós, representado pelos nossos ridículos, nossos recalques, nossos acanhamentos. Delinheu, então, o tipo imortal que vai sendo pouco a pouco trabalhado nos filmes que faz para a Keystone, a partir de fevereiro de 1914, filmes pequenos de uma ou duas bobinas, até dezembro do mesmo ano. O Teatro teve Esquilo, Gil Vicente, Shakespeare e Molière. O Cinema tem Charles Chaplin. Mas enquanto os primeiros trabalharam com uma matéria já existente esculpiram uma argila já preparada. Chaplin teve de desbastar uma rocha bruta, guiado pela inspiração do seu gênio somente, criando com suas mãos a sua própria linguagem. Seria impossível falarmos de Cinema sem entervermos a figura reconfortante de Cariltos.

Ele faz, então, perto de 35 filmes na Keystone, passando para a Essanay, onde fica de fevereiro de 1915 até março de 1916. Os filmes feitos na Keystone e na Essanay têm valor histórico somente em que Chaplin vai fixando a sua criação. Todos os filmes feitos na Essanay, desde "HIS NEW JOB", estreado em 1 de fevereiro de 1915 com Ben Turpin e Leo White, até "POLICE", estreado em 27 de março de 1916, interpretado pela loura Edna Purviance que foi, por sinal, sua esposa, por Wesley Ruggles, James Kelly, Leo White e outros, foram concebidos, realizados e interpretados por Chaplin.

A personalidade própria de Cariltos vai-se fixando nessa série de filmes curtos feitos na Essanay.

Todos os filmes de Chaplin feitos na Essanay foram filmados por Rollie Tothoret, seu operador preferido, que seria o operador de todos os seus filmes até "Monsieur Verdoux".

Chaplin, em 1916, passa para a Mutual onde fica de maio de 1916 até outubro de 1917 e aí realiza 12 filmes, dos quais somente três eu tive oportunidade de ver. O primeiro é "THE VAGABOND" que ocupa um lugar à parte na sua obra e que deve ser, ao lado de "THE IMMIGRANT", a melhor película da série (Mutual). Neste filme, pela primeira vez, com a simplicidade que lhe é característica, Chaplin nos dá o sentido trágico da realidade e nos apresenta um lirismo e um humanismo próprios. Cariltos nesse filme personifica um pobre violinista romântico e tímido que, sem saber, recebe as esmolas que eram

Mas, encerrando esse parêntese sobre o "close-up", voltemos ao nosso tema, que é o imperceptível Carlitos.

É sabido que ele foi inimigo fegadal do som, dizendo que ele acabaria por aniquilar o cinema como Arte, e outras coisas que tais, mas sabemos que afinal, Chaplin capitulou perante o som.

Ele, juntamente com Pudoukin, René Clair, King Vidro e Eisenstein, lutaram o quanto puderam contra o som, por motivos de doutrina de Cinema, sendo, entretanto, derrotados. René Clair, a que Georges Clairson, o autor do excelente "La Renaissance du Cinema Français" considera com evidente exagero o renovador do cinema americano, é o excelente diretor que nos deu obras do valor de "Entraço", "Le Silence est d'Or" et "Le Chateau de Paille d'Italie". King Vidro é o diretor do célebre "The Crowd". Eisenstein é quem nos deu aquele formidável "Iran, O Terrível" — infelizmente morto antes de terminar a sua obra-prima, deixando pronta somente a primeira parte, autor de livros magistrais para a compreensão dos problemas do cinema como "Sense Film" de que há uma versão em castelhano feita pela editora argentina "Santoro" intitulado "El Sentido del Cine" que já tive oportunidade de ler e "Form Film" que não li, não sabendo informar se há alguma versão espanhola ou francesa. Finalmente, Pudoukin que, ao contrário de Sergei Eisenstein, obrigado a silenciar, aceitou o "statu quo" estalinista, ronninuando a dirigir filmes na Rússia; realizou "Vlória", "Mimne Pozharsky", "General Suvorov", "Festa de Zhimunka" (documentário sobre a resistência contra o invasor alemão), "Em nome da Pátria" e "Almirante Nakhimov" já lançado nos Estados Unidos e na Europa. Os filmes russos, desde o rompimento de relações entre o nosso país e a Rússia, têm a sua entrada proibida no Brasil. Não podemos, portanto, avaliar o grau de despersonalização de um diretor cinematográfico, a partir do momento em que se deixou absorver pelo Estado Totalitário. Dos seus citados filmes o único que foi exibido no Brasil foi "General Suvorov" que não vi, mas que deixou a impressão nos que o viram de que nele a arte deu lugar à transigência com o nefando regime ditto socialista, ainda apenas para efeito de penetração nas camadas proletárias do mundo.

III

Feito um inventário sucinto da obra de Chaplin, passaremos, nos limites permissíveis deste artigo, a fazer uma análise da personagem imortal criada por esse gênio da Tela que é Charles Spencer Chaplin, uma das grandes figuras morais de nosso tempo.

Uma personalidade tão marcante como a de Chaplin, um triunfo tão espetacular, haveria de irritar muitos "subs". Teve, naturalmente, com os incensadores também detratores e até bem violentos.

Vejamos o que disseram dele dois franceses, Jean Ivel e André Suarez, mortos há alguns meses. Ivel disse dele: "A sua arte, se isto não é profanar essa palavra, tem menos de homem que de macaco... Carlitos não é um ator cômico: é um fantoche de basar de três vintens".

a vista, se ri de seu físico. É um magistral aparágio de Carlitos essa ciência de passar do cômico ao trágico. É um estúpido "Close-up", hoje clássico nos anais do Cinema. O que nos mostra a terrível expressão fisionômica de Carlitos um misto de dor e de vergonha — ao deparar com a ex-sequinha.

Abro um parêntese aqui, afirm de dar uma ligeira explicação sobre o que seja "close-up".

"Close-up" é uma tomada próxima de um objeto ou de uma fisionomia, afin de fazê-los ressaltar do que poderíamos chamar grosseiramente o "back-ground".

É um recurso que já era usado, se bem que timidamente, pelos primitivos como Lumière e Wellies.

Segundo Savour (Histoire Générale du Cinema) foi um membro do que ele chama "Escola de Brighton" que floresceu na Inglaterra ai por volta da segunda década deste século, chamado G. A. Smith que, além de ser o inventor do cinema em côres (Kinémaolor), em 1908, foi o pioneiro na técnica de tomadas próximas dos rostos humanos, para realçar-lhes as expressões fisionômicas.

Esse recurso foi utilizado por D. W. Griffith em "Intolerance", onde dois "close-up" o de um rosto humano e de duas mãos sobrepostas inundaram de emoção os espectadores em todos os cinemas do mundo.

O "close-up" hoje em dia desempenha na montagem um papel importantíssimo, graças ao poder de dar ênfase às coisas mais prosaicas da vida comum, fazendo os objetos inanimados participarem da ação dramática.

São clássicos os "close-up" de Tabacco Road um filme baseado numa peça de Erskine Caldwell, se não me engano já levado há alguns anos em palcos do Rio, com o nome de "Caminho Áspero", título por sinal também do filme, onde objetos como um arado, uma barreira assumem importância extraordinária na ação.

No filme "Suy", de Sam Wood, quando o relógio passa a ser filmado em "close-up", passamos a participar da ação sentindo que, de um momento para outro desabarã sobre Joan Fontaine a tensão provocada pelo crime que ela cometera.

Em "The Informer", de Jehn Ford, baseado no romance do mesmo nome do romancista inglês Liam O' Flaherty, sentimos uma imensa sensação de angústia quando a câmara filme em "close-up" as moedas que Gyro havia ganho como prêmio pela sua tração.

O "close-up", que é um elemento integrado no processo de criação cinematográfica que é a montagem, deve a sua imensa valia a essa capacidade de trazer os objetos para o primeiro plano e de despertar-nos emoções das mais diversas. Graças à aplicação do "close-up" o cinema conservou para a posteridade varias imagens humanas, como a da Falconetti no inesquecível "La Passion de Jeanne D'Arc" (1928) do dinamarquês Carl Dnyer, indubitavelmente a melhor versão do drama da Donzela de Orleans, não contando, naturalmente, essa baseira que é a versão feita pela Ingrid Bergman, falsa e pretenciosa.

destinadas a outros vagabundos. Estes perseguem-no numa corrida cômica e Carlitos foge. E não sabe porque foge nem porque o perseguem.

"EASY STREET" (Rua da Paz), em que Carlitos faz um policial destacado para missão, que de pacífica só tinha o nome, acompanhado de Edna Purviance e Eric Campbell; é o terceiro filme da série MUTUAL que teve oportunidade de ver.

Em 1918 Chaplin vai para a First National, aí ficando até 1920, onde faz o excepcional "SHOULDER ARMS", exibido no Brasil com o título de "OMERO ARMAS". O último filme feito na First National é de fevereiro de 1923. "THE PILGRIM" em que faz uma ponta seu filho Sydney Chaplin, além de Edna Purviance, Tom Murray e outros.

Terminada a série MUTUAL, Chaplin está pronto para iniciar a série de filmes que o immortalizaram. A sua arte atingiu o ápice depois de ele ter vencido degraú a degraú, depois de um trabalho persistente até a perfeição.

Carlitos organiza então, com Mary Pickford, Douglas Fairbanks, a "United Artists", onde ele faz em 1923, "A Woman of Paris" uma comédia dramática que ele apenas dirigiu com Edna Purviance, Adolphe Menjou e outros, e "The Gold Rush", exibido no Brasil com o título de "Em busca do Ouro", um filme realmente magistral.

Em 1928, ele faz "The Circus", que foi começado em outubro de 1925; em janeiro de 1931 apresenta em Los Angeles, "City Lights", iniciado em princípios de 1928, talvez a sua obra máxima.

"Modern Times" começado no início de 1932 é apresentado em Los Angeles em 5 de janeiro de 1936. "The Great Dictator", realizado meioce, como já tive oportunidade de frisar, segue-se na série United Artists, vindo então em 1947 o excepcional "Monseieur Verdoux". É interessante notar que Chaplin, a partir de "City Lights" também compõe a música de seus filmes.

Podemos dizer que "Monseieur Verdoux" é obra de autoria de Chaplin, pois o argumento é seu, baseado numa idéia de Orson Welles, a música é composta por ele, é sua a planificação e a montagem, assim como é o intérprete principal.

No filme "A Woman of Paris", uma comédia dramática que Chaplin apenas dirigiu, vemos pela primeira vez uma sequência verdadeiramente antológica; é a cena em que Chaplin nos mostra a chegada e a partida de um comboio em nos mostrar o comboio. Foi uma sequência que marcou época. Nunca se tinha visto isto em cinema. É toda uma cena passada numa estação, em que Edna Purviance esperava ansiosamente o trem que deveria decidir o seu destino.

Afinal, viamos que o trem chegava ou melhor, adivinhávamos a sua entrada na gare, pelas luzes no rosto dela. Através do mesmo processo, sabíamos depois que o trem partia. Era um verdadeiro achiado.

"City Lights" é porém o filme em que Chaplin mais aproxima o uso da dor. O caso da ceguinha é defendido de uma maneira inigualável. É de um imenso valor emotivo o final do filme, em que Carlitos foge, escondendo o seu amor, ao verificar que a florista, recobrando

André Suarez estravou seu ódio e seu ciúme com as seguintes palavras: "Confesso que Carlitos me fátiga. Ele é bem o herói da me-donha América... O coração ignóbil de Carlitos, eu queria esmagá-lo como a um pervejo".

Essas duas citações de incompreensão nos mostram que seus autores não chegaram a compreender a arte de um dos maiores artistas de todos os tempos, criador de um mito que atravessará os séculos.

Chaplin, um dos pilares do Cinema foi dos que primeiro lhe deram uma linguagem, uma sintaxe própria. Foi dos que primeiro mostraram ao mundo que a farsa, com sentido humano e social, podia apresentar um imenso conteúdo emocional e artístico. Todo o seu clima é obra dele.

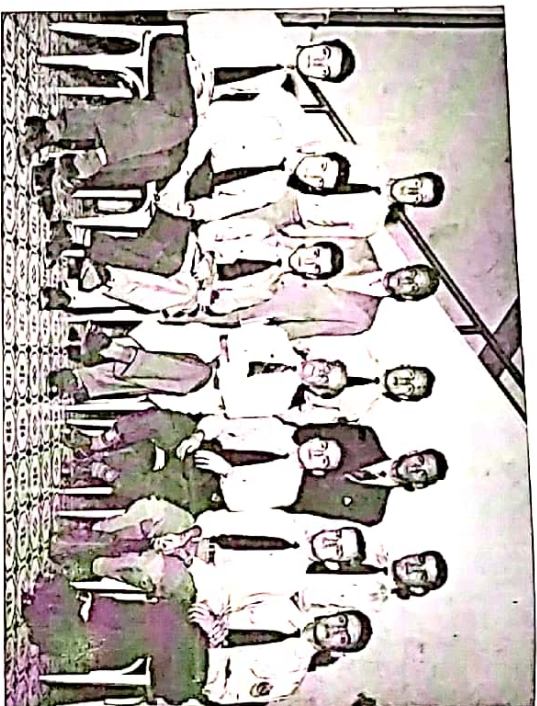
Já disse, algumas linhas atrás, que ele é o produtor, o diretor, o autor do argumento, o planificador, o compositor da música (desde "City Lights") e o intérprete de seus filmes.

O símbolo criado por Chaplin é eterno, é a glória de uma arte. São os símbolos que marcam o gênio. Moière deu ao teatro o Tartufo. Shakespeare toda uma imensa galeria de símbolos mortais, como Rameu e Julieta que personificam o amor, Hamlet que significa a tortura do pensamento; Otelo a perfídia e o ciúme e Macbeth a ambição. Cervantes deu-nos o imortal D. Quixote e o não menos grande Sanchio Pança. Chaplin, erguendo o cinema à altura de ombrear com os maiores achados da Arte, deu-nos a figura impercível de Carlitos.

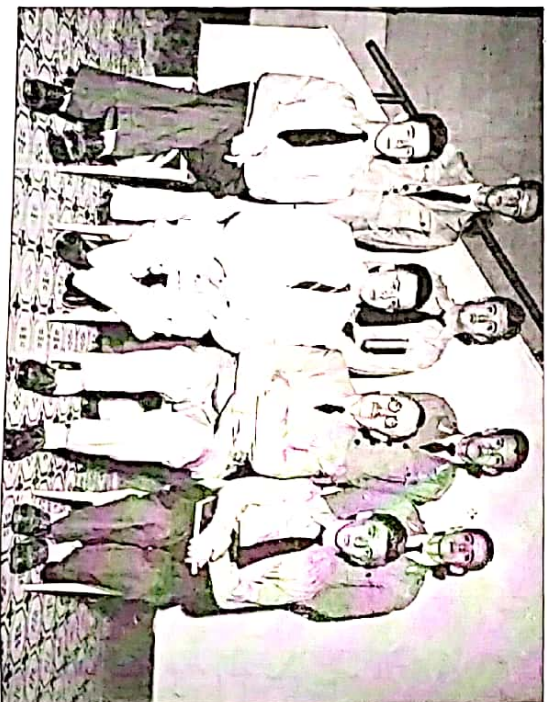
Carlitos ficará como um símbolo da gente pobre, dos que vegetam cobertos de ridículo e desprezados nos murchos das orgulhosas "citties", seres que vivem sem possibilidade de saírem da lama em que estão atolados, mas que miram as estrelas, que têm um sonho, que persistem em ter bondade e ternura.

É ele mesmo diz: "Todos os palhaços têm uma concepção fatalista do mundo, que é a filosofia do eterno fracasso. A fama e a prosperidade não me arrebatarão nunca da consciência a idéia do fracasso e o medo à pobreza, aos olhares de desprezo, às palavras ofensivas, as cruéis privações que sofri em Londres; medo de que o meu destino adverso esteja ainda a espreitar-me e me faça ainda alguma partida.

Esse conceito que exprime dramaticamente a insegurança política e social dos dias que correm, justifica a onda de amargura que perpassa todos os seus filmes.



3.ª Serie Científica



1.ª e 2.ª Series — Curso Clássico

A ÁGUA E A SUA DILATAÇÃO ANÔMALA

WALTER JOSÉ DOS SANTOS

2.ª Serie B — Curso Científico

LODOS os corpos aumentam de volume quando submetidos à influência do calor; entretanto, é notória a maneira como se comporta a água, em relação à sua dilatação.

A água, entre 0° e 4°C, diminui de volume, enquanto sua temperatura aumenta, ao contrário do que sucede à maioria das demais substâncias. Ou melhor, o coeficiente de dilatação da água entre os limites de 0° a 4°C é menor do que zero, portanto, negativo.

A partir de 4°C ela se dilata como os demais corpos, sendo que a 8°C possui um volume aproximadamente igual ao que apresenta a 0°C, tornando-se positivo seu coeficiente de dilatação.

Conclui-se, pois, que uma determinada massa d'água possui o seu menor volume a 4°C e, como os volumes de dois corpos variam na razão inversa de suas densidades, quando tomados ambos à mesma temperatura, também se deduz que a água apresenta a 4°C seu máximo de densidade.

Vários processos têm sido empregados para determinar a temperatura em que a densidade da água é máxima; entre eles temos o do físico escocês Hope.

Hope foi, talvez, o que primeiro observou esta irregularidade na dilatação da água, publicando em 1805 um livro intitulado "Experiments on the Contraction of water by heat, at low temperatures."

Neste livro encontra-se a clássica experiência de Hope, a qual se vale de uma proveta metálica ou de vidro, que é rodeada na parte média por uma espécie de manga metálica, e apresenta dois orifícios, um na parte superior e outro na parte inferior, obturados por meio de rolhas de borracha, sendo cada uma atravessada por um termômetro.

Enchendo-se a proveta com água à temperatura ambiente e, em seguida, collocando-se gelo fundente na manga metálica, observa-se a princípio que:

1.º) — O termômetro colocado na parte inferior desce mais rapidamente do que o outro.

2.º) — Depois, o termômetro inferior não desce abaixo de 4°C, enquanto o superior desce, podendo baixar até 0°C.

CONCLUSÕES

A água, baixando a sua temperatura na parte média da proveta, torna-se mais densa e vai funcionar como dois líquidos de densidades diferentes.

De acôrdo com o equilibrio de líquidos de densidades diferentes, a água mais fria vai ocupar o fundo da proveta, razão pela qual o termómetro inferior está sempre na temperatura mais baixa do que o superior, até a temperatura de 4°C.

Atingida essa temperatura, o inferior fica estacionário, enquanto o superior vai baixando até 0°C. Isto se explica porque, de 4° a 0° a água se dilata, tornando-se menos densa, ocupando, assim, a parte superior da massa líquida.

A experiencia prova que a água a 4°C é mais densa do que em qualquer outra temperatura, visto que nesta temperatura occupa o fundo da proveta.

Esta experiencia explica também o comportamento da água nos lagos, rios e mares: sua temperatura no inverno permanece a 4°C nas partes profundas, permitindo a vida dos peixes, enquanto as partes superficiais estão congeladas.

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DILATAÇÃO DA ÁGUA

Se se representar em eixos cartesianos a dilatação da água, marcando-se, em ordenadas, os acréscimos de volume de uma determinada massa d'água e, em abscissas, as respectivas temperaturas, obtém-se uma curva representativa da variação de volume do líquido com a temperatura. Esta curva pode ser estendida às temperaturas negativas, isto é, inferiores a 0°, pois, com cuidados especiais, pode-se estirar a água abaixo de 0° sem que ela se solidifique, isto é, pode-se obter a água em super-fusão.

DISCURSO DO MINISTRO ERNESTO SIMÕES FILHO (*)

“Senhores.



HAMANDO-ME ao serviço público no cargo de Ministro de Estado, certamente a intenção do Sr. Presidente da República terá sido associar a Bahia às responsabilidades do seu governo, que nasce sob o signo de uma incomparável afirmação democrática.

Não o direi por jactância, o que não está entre os meus defeitos, porém, para ser exato, quer em relação ao pensamento generoso do eminente chefe da Nação, quer em relação a mim mesmo, que não procuro para explicar a minha escolha outro título senão o da minha profissão.

Ela me tem levado a algumas posições, mas, como as árvores bem plantadas, que nem os ventos desencadeados, nem as torrentes conseguem desarraizar, continuei a ser sempre um homem do meu ofício, embora o último dos jornalistas brasileiros. Nisso, relevareis que ponha certo orgulho.

Em um dos mais famosos processos da história, o juiz ao qualificar o acusado, perguntou-lhe o nome. Era Chateaubriand. — A sua profissão? — jornalista. Pobre de mim! que fui buscar um exemplo tão alto para justificar a fidelidade invariável que guarde à profissão, que me tem sido fértil em tantos trabalhos, lutas e recompensas, trepidante e apaixonadamente. Mas, dessas paixões, não me desdigo quando recaem sobre mim as austeras responsabilidades deste cargo, pois que não alimentei outras paixões senão a das grandes ações.

São, agora mesmo, de um famoso episódio em que ajudei os meus contemporâneos a cumprir o seu dever. Foi uma áspere campanha, que tangenciou pelos riscos de uma batalha. Mas, se lhes pudesse, agora, abrir o meu coração bahiano, vós, meus senhores, amigos ou não, o

(*) O Excelentíssimo Senhor Doutor Ernesto Simões Filho, ao assumir o elevado cargo de Ministro de Estado e Negócios da Educação e Saúde, preferiu, ao invés do costume, não publicar o texto desse discurso felicitoso e eminentemente laudatório da Federação Educacional e Sanitária, mas sim, os mais ardentes e sinceros votos para que elle conseguisse transformar em realidade as principais directrizes esboçadas na referida peça.

verais lavado de rancores, de qualquer sentimento que não seja a ge-neiosidade e o perdão.

Dir-se-á que o novo ministro não é um técnico dos negócios do ensino e saúde pública. Alego, a meu favor, a facilidade de improvisação, sem a qual o jornalista não mereceria, a rigor, esse nome, o hábito quotidiano de debruçar-me, às primeiras resilhas do sol da manhã, sobre todos os assuntos de ordem coletiva, sendo o jornalismo, como é, por seu espírito universalista, um pósto de observação e escuta.

Não serei um técnico, não, mas suberei onde encontrá-los, como ouvi-los, pesari-lhes os conselhos e as opiniões e, com a larga experiência de uma carreira, que já não é curta, separar o jóio do lixo.

Foi através desse hábito que me aproximei de todos ou quase todos os problemas pertinentes à vida do meu Estado e do meu País.

Repetidamente me ocupei em comentários e informações com os problemas alinentes à instrução popular, critiquei-lhe os sistemas, reclamei as suas deficiências, recolhi queixas e reclamações, ora da juventude, ora de seus mestres e, advogando, invariavelmente, as soluções mais práticas — que são mais do meu feito pragmático — quando é necessário deixar de sonhar para não perder o sentido da realidade ambiente, fui antes um crítico que um apologeta. Jamais desconheci, porém, que se há feito muito no terreno da educação nacional, sobretudo nos últimos anos, embora o que reste a fazer constitua uma tarefa hercúlea.

Não justifico, senão pela deficiência dos nossos recursos e dees-mediada extensão geográfica, que tanto encarece qualquer serviço público, que hajam crianças em idade escolar sem possibilidades de matricula por falta de vagas nas escolas urbanas e rurais, ou impedidas de frequentar a escola pela extrema pobreza, que não lhes permite aos pais, adquirir o pano para cobri-las. Pedi-rei aos técnicos — ver-rificai que não os largo de mão — que estudem e proponham uma solução imediata e prática, sem demasias burocráticas para esse aspecto de um problema profundamente humano.

Afigura-se-me s'rem as pequenas bolsas escolares o primeiro re-médio a experimentar.

Vencida a etapa da escola primária obrigatória, em que todos os brasileiros devem se curar da cegueira da ignorância, as escolas do segundo grau constituem o instrumento mais próprio para o início da formação dos cidadãos.

É minha convicção que, sem humanidade em bases sólidas, nunca educaremos o Brasil. Sou do tempo em que alguns dos homens mais notáveis da minha gloriosa Província eram professores de Colégio. Chamavam-se Carneiro Ribeiro, mestre de Ruy e Castro Alves, João Florêncio Gomes, sábio e sanlo, cônego Turbilo Flusa, falando o latim e o grego como o vernáculo, Manuel Florêncio, um negro de caráter e alma inaculada, que, entre outros educou para o Brasil Afranio Peixoto — nome que não posso pronunciar sem emoção.

É certo que os tempos mudaram mas é preciso insistir em verdades que não mudam, uma destas é que, sem o estudo sério das disciplinas do curso secundário, correremos o risco de nos qualificarmos como um país de doutores indoutos.

Sem estudos humanísticos faltará à juventude brasileira, sobretudo, o gosto pelos corcheamentos do mundo antigo; os moços não sor-verão, em longos haustos, a água límpida e pura das fontes da Arte, da Estética, das Letras Mortais; enfim, eles não terão notícias de Atenas e como nos ensinou o Mestre Renan, tudo que é feito sem os atenien-ses estará perdido para a glória.

A Universidade é a cúpula desse sistema. Instalações adequadas que tornem agradável o convívio entre mestres e discípulos, confortá-veis e bem aparelhadas, enquanto, mais e mais, devemos impregná-las de espírito universitário, isto é do gosto pelos estudos sérios e desin-teressados, colocando-os como, por exemplo, a Universidade do Brasil, sob a reitoria de professores eminentes pela cultura, probidade inte-lectual e compostura a fim de que as Universidades também exerçam seu papel na formação moral dos vossos filhos e de meus netos.

Ao nosso ver, a Escola Superior deve ser um centro de atração de vocações definidas. Bacharel, como toda a gente, não temo declarar — sou contra o bacharelismo como deformação grotesca da nossa forma-ção intelectual. Não será mais acertado que o Ministério da Educação Nacional dilate, mais e mais, as escolas profissionais, de modo que, brasileiros que seriam medíocres doutores, venham a ser eficientes coprodutores do desenvolvimento econômico do país, como técnicos in-dustriais, comerciais e agrários, artesãos, enfim planejadores de servi-ços públicos e particulares?

Estudariam o que lhes apetece e venceriam. Em geral, os grandes profissionais são fruto de sua vocação.

Acreditio que nenhuma ação mais benfazeja recomendará este Mi-nistério como tomar em rumo seguro a disseminação crescente das escolas profissionais, de preferência a aninhar a proliferação de escolas outras, de filosofia ou não, que são outras tantas minas de doutores, ao invés de formarem professores. Aqui, cabe dizer — e se eu pudesse obliterar os ouvidos a quantos me cercam e não são meus confrades: Não receis, companheiros de profissão, que estejamos dando os primei-ros passos para a descaracterização do nosso ofício com cursos improvi-vidos, sem objetivo real? Venho a temer que os manes dos nossos mestres Evaristo, Quintino, Ruy e Nabuco sofram o desgosto de saber que os seus descendentes já não se chamam jornalistas, são "doutores de imprensa".

Entre essas observações e reflexões, o problema da assistência ao estudante pobre, não para fazer proselitismo entre eles e gozar da alacridade de seus aplausos, mas com a intenção séria de amparar as as gerações do futuro; o resguardo dos direitos dos professores parti-

culares, a conveniência de se multiplicarem os collegios officiais e tornar rigorosa a fiscalização dos particulares, de modo a evitar que se confundam com estabelecimentos comerciais, serão estas, outras tantas preocupações da nova administração neste ministério. Convidarei, assim, os técnicos a reflectirem sôbre a conveniência, não de reformar em bloco, mas de modificações paulatinas, em vários setores do ensino secundário e superior, conforme a experiencia tenha aconselhado. Parecer-me, por exemplo, que se impõe o descongestionamento do programma em várias etapas do ensino secundário. Aqui cabe aduzir outra observação de evidente magnitude, pertinente ao prego dos livros escolares. Proporemos ao Chefe da Nação que inclua dentre o seu programma de proteção aos desafortunados a limitação do prego dos compendios officalmente adotados ou recomendados, os quais vão se tornando proibitivos.

Como a oportunidade para o ensino, para a cultura, deve ser oferecida a todos, sem privilégios de nascimento ou fortunas, assim devem ser proporcionados, a todos os jovens, meios adequados e bastantes para o aprimoramento físico. Devemos fazer homens sãos, fortes e, assim, dignos de merecer o sorriso de mulheres belas e saudias.

É preciso, portanto, que ao lado dos cuidados do espirito não se descurem os do corpo, difundindo-se e animando-se a prática dos esportes para os dois sexos, meio eficaz de constituir-se no Brasil um povo saudável, ao mesmo tempo, combativo e disciplinado.

É a lição da civilização moderna, a prática de todas as nações adelantadas do mundo, que, assim, atualizam a vida no ar livre dos luctadores romanos. Recomendarei aos órgãos competentes da administração incentivar nas escolas, nos collegios, nas universidades, a prática disciplinada do esporte em todas as suas modalidades, para o que devem os estabelecimentos de ensino ser dotados das comodidades adequadas.

Acresceria essas reflexões e comentários com considerações sobre os problemas da saúde pública, não caminhasse para ser um fato a separação desses serviços em outro ministério. É uma solução feliz, que aprovamos calorosamente. Os problemas alhentes à saúde do povo brasileiro constituem um mundo. É preciso conhecer, como conhecemos, a vida sem um dia sem doença de populações inteiras do norte do meu país, o seu calvário no sofrimento e na penuria, para admitir qualquer restrição aos serviços de tuberculose, da malária e de outros flagellos endêmicos. Sob esse ângulo, feliz seria eu se pudesse vir a merecer o título de ministro do Norte.

Sei, de ciência certa, que este Ministério é muito bem dotado de material humano, que dispõe de técnicos illustres, alguns mesmo notáveis, nos dois setores principais em que se subdivide. Exorto-os a ajudar-me a servir ao Brasil, como desejo, com todas as forças de minha alma.

Recebo o ministério das mãos de um baiano que succedeu a um conterrâneo, o Sr. Clemente Mariani, a quem rendo justiça afirmando, com a insuspeição de seu adversário politico, que a sua administração foi laboriosa, eficaz e proba, assinalando-se por serviços relevantes.

Para falar do outro baiano, é que preciso vencer funda emogão. Se de alguma coisa pudesse se ensoberbecer a minha modesta carreira, seria a fortuna de ter sido, na minha velha e amada terra — para a qual volto neste momento o meu pensamento e o meu coração — ponto de convergência de uma geração de elite pela intelligencia e pelo caráter. Muitos dos homens publicos contemporâneos, que aumentam com gemas de fino quilate os brazões da Atenas brasileira, vi-os com a ansiedade e o carinho do lavrador que se debruça sôbre a sementeira a despontar, se aptumarem e ganharem as alturas, vingando os cimos culminantes da cultura brasileira. Ninguém subiu tão alto, nessa privilegiada geração, como o ministro que substituo. Journalista, orador, historiador, professor emérito o meu amigo Dr. Pedro Calmon deixa na sua rápida passagem, nesta casa, rastros luminosos. Outrora, o tive entre os meus discipulos mais diletos, enquanto agora o tenho como um dos meus conselheiros mais avisados.

Aconselho-vos, porém, meus senhores, não acreditar no que éle vos disse a meu respeito. Não tenho outro merecimento senão o de ser um homem do dever. Ao de servir neste pósto, com firmeza, ao meu país, não faltarei, assim me ajude Deus Todo Poderoso”.

A POSSE DO PROF. CÂNDIDO JUCÁ (filho) NA CÂTEDRA DE PORTUGUÊS



REALIZOU-SE no dia 26 de Setembro p. p., às 18 horas, no Salão Nobre do Colégio Pedro II (Externato) a posse do novo Catedrático de Português do Estabelecimento Padrão, Sr. Professor Cândido Jucá (filho), que veio ocupar, após concurso disputado entre doze candidatos, a vaga aberta com a jubilação do Sr. Professor Antenor Nascentes.

Presentes os Srs. Professores Gildásio Amado, Diretor do Externato e Presidente da Congregação; Vandick Londres da Nóbrega, Diretor do Internato, todos os professores catedráticos em reunião solene da Congregação; Sr. Professor Haroldo Lisboa da Cunha, Diretor do Ensino Secundário; numerosos professores catedráticos do Instituto de Educação, representando o estabelecimento em que o Sr. Professor Cândido Jucá (filho) já era catedrático; representantes do Corpo Docente do Colégio Militar; do Sr. Paulo Medeiros, Presidente da Academia Carioca de Letras; representantes de autoridades e instituições de cultura, foi aberta a sessão.

O Sr. Presidente da Congregação, secretariado pelo Sr. Dr. Octacílio Pereira, designou, então, os Srs. Professores Nelson Romero, Oscar Przewodowsky, e Vandick Londres da Nóbrega para introduzirem no recinto o novo catedrático.

Foi dada a palavra ao Sr. Professor George Sumner para saudar o colega recém-chegado, tendo S. Excia. proferido o seguinte discurso:

DISCURSO DO PROFESSOR GEORGE SUMNER

"Sr. Professor Cândido Jucá (filho):

Do Sr. Presidente da Congregação, meu distinto amigo, recebi o encargo de vos saudar nesta solenidade, em que sois provido numa das cátedras das cátedras do Colégio Pedro II.

Além de uma ordem, vejo no ato do nosso Presidente uma generosa distinção, escolhendo-me para vos transmitir a palavra amiga dos que aqui já se encontram, as esperanças de todos nós na valiosa colaboração, para os destinos deste estabelecimento, da vossa inteligência e da vossa cultura.

Se avulta no meu espirito a responsabilidade desta incumbência, pela expectativa de não poder desobrigar-me com uma peça literária, não me cresce o pavor do seu desempenho, pela certeza que tenho de que usarei sinceridade nas minhas singelas palavras.

Não sois um novato na árdua missão de ensinar e educar. Sois experimentado conhecedor das suas dificuldades, dos seus meandros, dos seus mistérios.

No meu já longo tempo de magistério, por vezes, no imprevisto dos acontecimentos, na seqüência dos dias que aproximam e de outros que afastam, convosco tenho lido contacto nas lides do ensino. Ainda



PROF. GEORGE SUMNER

agora, juntos funcionamos no Conselho Técnico e Administrativo do Instituto de Educação, onde tenho apreciando o toque fino, polido, delgado de vossa companhia e onde tenho sentido o quanto vos interessantes pelos fatos da educação e pelo aproveitamento de vossos alunos.

Com verdadeira vocação entrastes no magistério oficial em Agosto de 1917, ensinando Geografia, como docente auxiliar, na Escola 15 de Novembro, e logo depois a disciplina de vossa especialidade. Cursosáveis então a 3.ª série da Faculdade Livre de Direito, onde vos bacharelastes em 1919.

Mais tarde, passastes a lecionar na Escola Visconde de Cairu e no Instituto João Alfredo, onde, também, tive a fortuna de ser professor. Vossas funções naquelas duas casas decorreram de haverdes ingressado no ensino técnico-secundário da Prefeitura por concurso de provas e títulos.

Exerceis, atualmente, desde 1935, com o brilho de vossa inteligência, refinada pela cultura de que tendes dado provas, o cargo de professor catedrático de Português e Literatura no Instituto de Educação, o nosso principal centro de preparação de professores-normais, após concurso de títulos, no qual obtivestes o primeiro lugar.

No Colégio Pedro II já lecionastes a matéria em que ora vos tornais catedráticos.

Grande tem sido a vossa operosidade no magistério e fora dele. Dirigistes o Colégio Pio Americano, onde também ministrastes o ensino de Português; lecionastes nossa língua no Curso Básico de Aper-

feiçoamento do Departamento de Organização da Prefeitura Municipal, enquanto existiu; regestes cursos de Fonologia Experimental para locutores na Rádio Roquette Pinto; sois o coordenador geral das atividades didáticas de Português do Instituto de Educação.

Tendes sido membro de várias comissões examinadoras de curso para o preenchimento de cargos oficiais, e representante de instituições de cultura em Congressos e Convenções, além de haverdes funcionado como membro da Comissão Organizadora dos Programas de Português da Prefeitura, juntamente com Clóvis Monteiro e Manuel Mainho, e da Comissão Organizadora de Programas de Português do Ensino Normal.

A riquíssima produção de vossos pacientes estudos, servidos por luminosa inteligência, aí está nas obras que tendes publicado, obras didáticas e literárias, cuja relação já é extensa. Cito algumas apenas: "O Crepúsculo de Satanás", contos, "O Fator Psicológico na Evolução Sintática", "Grafia Moderna", "Novo Método de Análise da Língua-gem", "Língua Nacional", "A Pronúncia Brasileira" (redigida em Francês, Alemão, Inglês e Português), "O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis", "Antonio José, o Judeu", "Gramática Brasileira do Português Contemporâneo", "A Pronúncia Reconstituída do Latim", "El Castellano Contemporâneo", "Gramática Histórica do Português Contemporâneo", além de duas outras, "Um caso de Concorrência" e "Em defesa do Idioma", feitas em colaboração, e "Textos de Prosa e Verso Fonogramados", artigos publicados, discursos, conferências.

Natural desta cidade, onde nascestes em dia que não menciono, tendo incidido em indiscricção, fostes, pelos vossos méritos, chamado para a Academia Carioca de Letras, que vos elegeu seu membro titular, onde ocupais a Cadeira Antonio José da Silva. Pertenceis, também, à Academia Brasileira de Filologia, como sócio fundador, ocupante da Cadeira cujo patrono é Cândido Jucá, vosso aureolado pai.

Assim, com tão belas credenciais, que tanto vos adornam a personalidade, procurastes a companhia desta Casa, a cujas portas já tivestes batido há quatorze anos, quando disputastes, em prêmio semelhante ao que agora se realizou, a cátedra de Português.

Não legrastes, então, o primeiro lugar; porém, reconhecendo a legitimidade do julgamento, estimulado pela boa prova que destes de vossa competência, voltastes ao trabalho e, cheio de confiança na vossa capacidade e firmeza, aguardastes novo ensejo para disputar o honroso posto em que ora vos investis.

Foram vossos concorrentes na peleja que hoje se coroa, candidatos que fizeram bela demonstração de sua cultura. Aplaudindo-os aqui, quero afirmar-lhes a minha palavra amiga, de incentivo; exorto-os a continuar na louvável tarefa de enriquecerem a sua lava, de olharem sempre para a torre de glórias desta Casa, que a alguns abrigou quando meninos.

Vós e vossos dignos companheiros de jornada passastes por entre os espíritos da Comissão Examinadora, rosas que são da inteligência e

Aquisições valiosas para a galeria em que passais a figurar foram feitas na República.

Franisco Pinheiro Guimarães, que entrou aqui muito jovem como mestre, depois de ter sido aluno laureado, de formosa inteligência, foi professor brilhante. Ao aposentar-se, legou ao Internato a parte de sua valiosa biblioteca especializada nos assuntos de sua cadeira.

Poeta e prosador esmerado, Silva Ramos, profundo sabedor da língua, seguro vernaculista, instruiu numerosos gerações de estudantes e deixou discípulos que se fizeram mestres. Foi entre nós um dos maiores defensores da simplificação ortográfica.

Segue-se na ordem Antenor Nascentes, conceituado mestre, autor de conhecidos trabalhos, que deixou, dignificada, a cátedra em que hoje vos empossais.

José Otílica, mestre insigne, poeta inspirado, autor de várias obras sobre a sua cadeira, pesquisador infatigável, que muito tem honrado os estudos filológicos no Brasil, é o mais antigo dos catedráticos de Portugal que vides encontrar.

Quintino do Valle, o mestre magnífico e experimentado, sabedor de altos saberes, cujo valor só encontra paralelo na sua modéstia, Quintino, florão desta Casa, é o perfeito professor de Portugues do Internato.

Clóvis Monteiro, orador primoroso, poeta, de esmerada cultura, estudioso da língua e da literatura portuguesa, dono de excelentes trabalhos sobre a sua cadeira, é o outro ocupante da cadeira de Portugues do Externato e ornamento de nossa Congregação.

Membros ilustres de nosso corpo docente, ocupantes que foram de cátedras de outras disciplinas, devemos aqui nomear dois eminentes vultos da cultura brasileira em filologia: João Ribeiro e Saíd Ali, cujas obras, de grande valia, constituem manancial aonde se vão abeberar aqueles que bem querem conhecer o nosso idioma.

Discorrendo, embora ligeiramente, sobre os professores de Portugal, devemos mencionar, por justiça aos seus méritos, os nomes de Mário Barreto, Júlio Nogueira e Jacques Raimundo, que ocuparam interinamente as cátedras, e que, com outros professores, muito têm contribuído para o bom nome deste centenário Instituto de ensino secundário.

Esta é a galeria imponente dos mestres a quem tanto deve o ensino da língua materna neste Colégio.

Na relação dos professores catedráticos que têm minerado os segredos e as riquezas da

"Última flor do Lácio, inculta e bela."

vindes tomar o número de ordem que se segue ao de Clóvis Monteiro. Cabe aqui um registro interessante, que talvez tenha sua explicação na pequena diferença das idades.

Nos concursos de provas e títulos a que vos haveis submetido, verifica-se uma coincidência que, de certo modo, torna lógica a vossa entrada agora, para esta Congregação, como professor de Portugues.

Em 1928, fizestes concurso para professor de Portugues nas Escolas Técnico-Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal. Entre cerca de quarenta candidatos obtivestes o segundo lugar, conquistando o primeiro o professor Clóvis Monteiro. Após a nomeação de Clóvis Monteiro, ingressastes no ensino Técnico-Secundário da Prefeitura.

Em consequência, principalmente, desse concurso, acrescentastes a outros títulos que já possuíeis o de professor catedrático de Portugues e Literatura do Instituto de Educação. Precedendo-vos, já lá havia chegado Clóvis Monteiro.

Em 1936 concorrestes à cátedra de Portugues deste Colégio, e obtivestes, no final das provas, o segundo lugar, enquanto se classificava em primeiro Clóvis Monteiro, que foi nomeado.

Agora, na primeira oportunidade que se ofereceu para ascenderdes à Congregação desta Casa, alcançastes, após Clóvis Monteiro, em porfiado prelo, os vossos designios.

Nesta sequência, nos postos a que o destino vos tem conduzido, tendes tido por empírea, como Clóvis Monteiro, a defesa e aperfeiçoamento da língua e das letras pátrias.

Por feliz paridade de acontecimentos vides encontrar-vos outra vez com tão ilustre mestre quando ele, juntamente com seus distintos e cultos colegas José Otílica e Quintino do Valle, em comunhão de idéias quanto aos destinos da língua, presta a esta Casa o concurso de sua formosa inteligência.

Passando, de hoje em diante, a ser um dos quatro orientadores do ensino de Portugues neste Colégio Pedro II, não se vos apresentam problemas constrangedores, dado o ponto de vista uniforme que vos reúne aos vossos três eminentes colegas.

É sabido que a língua traduz o adiantamento intelectual e moral do povo que a fala. Mas intelizmente, nos tempos que correm, sofre a língua materna, principalmente pelo desamor do estudo, as insidias perturbadoras que lhe causam a literatura de cordel, a literatura do rádio e a gramaliquice pretensiosa e apressada.

É dever do mestre exigir a boa linguagem falada e escrita, obediente às regras clássicas, com os cuidados que estimulam o gosto das leituras proveitosas e atraentes e facilitem a posse da expressão discreta mas sem esse preciosismo exagerado que tanto desanima o aluno, sem esse eruditismo exhibitionista e imoderado que não dá tempo a que o discente aprenda e sinta as belezas do idioma.

Ouçó falar em língua brasileira.

Em que pese ao respeito que sempre tive à opinião alheia, sou dos que entendem que se devem condenar os vícios do linguajar brasileiro, ao invés de justificá-los como base para o estabelecimento de uma nova língua, que satisfaria apenas a uma ingênua vaidade nacionalista.

Se o carácter da língua que falamos não lhe assegurasse a sua condição de língua portuguesa; se a volta ao passado, o culto à tradição, que liga as gerações, não fosse suficiente para prender o idioma pátrio às suas raízes; se a necessidade de impormos a nossa língua aos estran-

geiros que venham para o Brasil não nos mostrasse a superioridade que temos em falar uma língua tão nobre e tão enriquecida por nós, bastaria a justiça de reconhecermos nos Portugueses os defensores de nossas terras, por três séculos, contra a cobiça de outro povos, o louvor que lhes devemos por nos terem incutido, desde os primeiros tempos, um espírito nacional, que nos permitiu sobreviver e tornar-nos independentes, bastaria só isso para nos convencermos de que é também nossa a língua portuguesa, opulenta, suave, eloqüente e graciosa.

Em todos os tempos os Portugueses nos fizeram a justiça de considerarem-nos conscientes dos nossos deveres no zelo e aprimoramento da língua que nos legaram.

Almeida Garrett assim considerava, como bem salientou Ramalho Ortigão no final de seu discurso no Gabinete Português de Leitura:

"Se um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta política da Europa, esta Casa será ainda, como expressão monumental do cumprimento da profecia posta por Garrett na boca de Camões moribundo,

Soberbo Tejo, nem padão ao menos

Ficará de tua Glória ? nem herdello

Do teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,

Genoroso Amazonas, o legado

De honra, de fama e brio: não se acabe

A língua, o nome português na terra".

Penso que não se deve, na linguagem escrita ou falada, ter, como idônicamente disse Afrânio Peixoto, o "solecismo arvorado como bandeira anti-clássica da independência...".

Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Machado de Assis e tantos outros disseram da terra brasileira, das suas suavidades, dos seus encantos, de tudo o que nela se faz amar, em língua portuguesa: Silvio Romero escreveu a sua "História da Literatura Brasileira" em língua portuguesa; em língua portuguesa Clóvis Bevilacqua redigiu e fez editar o "Código Civil Brasileiro"; Ruy Barbosa, o peregrino artista da palavra, que tanto projetou o Brasil no cenário do mundo, cultivou e enriqueceu a língua portuguesa.

José Ottilieca, Quinho do Valle, Clóvis Monteiro, grandes mestres desta Casa, ensinam a língua portuguesa. Vós o fazeis, também. Assim procede a grande maioria dos mestres que empenhados na difícil missão de ensinar e educar, elucidam a nossa infância, amparam a nossa juventude, guiam a nossa mocidade, aperfeiçoando-as na prática, e manejo da língua que erecebemos quando nos tornarmos nação livre.

Diz-se, Sr. Professor Cândido Jucá (filho), que "o passado há de morrer para que o futuro nasça". Nesta Casa, ao contrário, tudo fazemos para que sempre esteja presente o passado. Ouvimos, ainda pelos corredores, o ruído dos passos do saudoso Imperador D. Pedro II, que, vigilante, patrocina os destinos da sua instituição mais querida. Ainda

sussurraram pelas salas as vozes dos grandes mestres que nos precederam e de alguns que foram nossos companheiros, sempre ao nosso lado, a colaborar na conservação daquilo que é, também, obra sua. Sentimos, nos bancos de aula, a presença dos que aqui estudaram, vincutando suas responsabilidades às honrosas tradições deste Estabelecimento, patrimônio da nacionalidade, onde vemos não só os que se destacaram nas ciências, nas letras, nas artes, na política, nas armas, na administração pública, mas também os que, não tendo sido levados, pelos imprevistos da sorte às posições que mereciam, souberam, com os ensinamentos aqui recebidos, calar a dor de seu infortúnio e tornar-se grandes no sofrimento.

Por mais de uma vez afirmei que o Colégio Pedro II é uma frondosa árvore a cuja sombra acolhedora se abriga boa parte da intelectualidade brasileira.

Vinde, com a vossa reconhecida experiência, ajudar-nos a cuidar desta árvore. Trazei o peito aberto para que nele se desenvolvesse o amor à nossa instituição, porque, como bem disse Constandio Virgí, "o amor continua sendo o único recurso para melhorar o homem, o único caminho para a paz, e a única felicidade para a redenção".

Estamos seguros dos vossos propósitos e certos de que conosco vos irmanareis nas lutas, nos sofrimentos, nas ansiedades, nas conquistas, nos destinos do Colégio Pedro II.

Nós todos, os vossos colegas, vos recebemos com amistosos amplos.

Condeseñdei em considerar estas minhas pobres palavras como as palmas com que festejamos a vossa investidura. Ficai à vontade".

Terminados os aplausos, foi dada a palavra ao Sr. Professor Cândido Jucá (filho) que proferiu o seguinte discurso:

DISCURSO DE POSSE DO SR. PROFESSOR CÂNDIDO JUCÁ (filho)

"Prezados confrades:

Eu conquistei por fim o que queria!

É notório que há 16 anos venho pleiteando um lugar nesta colenda Congregaçãõ. E confesso que o alcance quando já se me desvaneciam as esperanças últimas.

Não direi que experimento a perplexidade da surpresa, porque nunca desesperei dos homens que me tem julgado. Mas o caso é que ainda não cai em mim deste como sonho em que vou vivendo.

Procuro espartar. Não me tentais porisso a mal que estribilhe a cada momento este bordão:

— Eu conquistei por fim o que queria!

Era esta uma velha aspiraçãõ que eu tinha... A bem dizer, era um propósito a que desde cedo me devotei.



PROF. CÂNDIDO JRCA (filho)

É isso fizeram precisamente num momento em que, ausente do Rio, todo se entregara a rever os saudosos taboietos da terra natal. Mas também é certo que uma das milhentas reformas do ensino com que os homens públicos tem infelicidade a nação veio suprimir essa disciplina, quando apenas um ano decorreria. Se muito mais tarde lhe veio o ensejo de disputar em concurso o ambicionado lugar, novamente introduzido no currículo ginasial, não lhe sobravam nem tempo nem saúde, esmagado que estava sob tremendos encargos no Instituto de Surdos Mudos desde que ali inaugurara, ou antes introduzira, o aprendizado da linguagem articulada.

O filho, que sempre lhe foi pálido continuador, não teve a envergadura de fazer-se mestre de Alemão, língua sabidamente difícil, de irregular morfologia, e cuja sintaxe nos parece dominada pelos mais violentos hipérbatos. O filho careceu de capacidade para pôr-se diante de um espelho, a adstrar mudos na observação visual de sutis movimentos que condicionam a diversidade dos fonemas homônimos; não se pôde aperceber de indispensável energia para, com aparelhos, exercitar educandos na emissão de sons que lhes ficam eternamente inaudíveis, os-quais contudo não de articular-se em sílabas, e logo em vocábulo cuja significação e valor lhes é preciso comunicar a um e um. O filho sente-se desfalçado dessa enorme soma de qualidades possíveis. Mas teve mais sorte e se ergueu a alcândoras a que audaciosamente ousou aspirar.

— Ele alcançou por fim o que queria !

Como quer que seja assim, considero não apenas um privilégio, mas um galardão, o poder eu sentar-me ao lado de consagrados mes-

Muito embora eu haja emprecindido grandes esforços para elevar-me ao mais alto posto no magistério municipal desta cidade; muito embora me desvança de ombrear com os sábios mestres que compõem a douta Congregação da nossa velha Escola Normal; assegurovos que nunca me contornei com o fato de me não ver nesta gloriosa Casa de Pedro II. Nem a ação nem o prêmio me fizeram nunca obliterar o meu escopo.

Meu Pai, por mais que o desejasse e merecesse, não chegou a obter aqui uma cátedra. É certo que os amigos o brindaram, em caráter interino, com a cadeira de Alemão, que era a sua segunda língua.

tres, como José Olímpica, Quintino do Vale, e Clóvis Monteiro; o estar eu falando nesta mesma sala onde prepararam suas doutrinas um Antenor Nascentes, um Silva Ramos, um Carlos de Laet, um Fausto Barreto, um Pacheco Júnior, e tantos e tantos outros expoentes.

Aqui venho com o voto expresso de três examinadores, e com a ratificação unânime daqueles que são hoje meus confrades. Aqui chego vitorioso, após ter concorrido com colegas de reconhecido saber. Aqui me encontro numa assembleia de filólogos, em que além dos três catedráticos, distinguo as figuras de Néison Romero, e Vantick Londres da Nobrega, de Davi Pérez, e Jaques Raimundo, todos os-quais continuam a conspícua tradição da Casa, que tem reunido, em torno da cátedra de Português, personalidades como Saíd Ali, e Júlio Nogueira, Mário Barreto, e João Ribeiro, Francisco Pinheiro Guimarães, e Silvío Romero.

Ser-me-ia elegante entrar agora a protestar minha desvalia, na confrontação de tantos e tão proeminentes nomes de projeção nacional. Ser-me-ia decerto elegante. Mas eu prefiro ser sincero, e rogo me seja isso dispensado.

O que tenho é disposição para agradecer muito do fundo d'alma o agasaho que me dais, sobretudo quando lvestes a gentileza de eleger por pararninlo este sábio, este boníssimo, este mui precioso amigo, que me é George Sumner. O que me domina é a inelutável necessidade de me gratular de público com alguns colegas que particularmente correriam para o bom êxito desta interpresa, ora estimulando o desanimado candidato, ora carreando para ele preciosas observações de linguagem, que umas vezes vinham em pró de seus argumentos, mas não raro os pareciam embargar. Dentre êsses incentivadores não poderei nunca olvidar o fraternal Oswaldo Serpa, nem o delicadíssimo Charles Fredsen; nem também Júlio Nogueira, Silvío Braga, Corrêgio de Castro, Joaquim Ribeiro, Jaques Raimundo, Pedro A. Pinto, e Antônio Chedlak, — para não sair do ambiente do magistério. Como poderia eu calar o entusiasmo de Martins de Aguiar, que — segundo me revelou — tem "estudado profundamente a Iracema, filológica e estilisticamente", e que me enviou do longínquo Ceará treze páginas pedradas de ricas notas? Outros amigos tenho que me ofereceram preciosos achegãos; mas que me não consentem lhes decline os nomes. Trago-os no coração enquanto viver. Mas não permitto se me recalque para a deslembração aquele douto trabalho que pelo "Jornal do Comércio" de 13 de Novembro do ano passado me vebterou o Dr. José de Sá Nunes, donde todos lucrámos tanta observação fina.

A todos esses, e a tantíssimos outros agradeço a inestimável solidaniedade, e ainda a comparação a esta festa, com que me penhoram.

Mas não há luz sem sombra! Por mais que se adense o cerco dos que de mim convizinham, não se me passa desprecebida a ausência recente e definitiva de Euclides Roxo, aquele grande espírito que

aqui percorrerem com brilho toda a gama de valores, de aluno laureado que foi, até diretor, reconduzido no cargo, pela excelência de sua gestão.

Segundo uma praxe antiga, e muito salutar, o recipiendário deve, ao entrar numa sociedade cultural, fazer o elogio daquele que o precedeu, ou daquele que vai ser o seu patrono.

Aqui porém as coisas passam de modo particular. Nem tem patrono a minha cátedra, nem se pode dizer que estivesse vaga, com a jubilação de Antenor Nascentes, o celebrado autor do mais moderno Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. O ilustre filólogo, com a sua jubilação, conquistou o direito de ficar à margem dos trabalhos didáticos; mas em pleno vigor — felizmente para todos nós — prosseguiu na faina filológica, e por sinal que acaba de publicar um Dicionário de Português Básico.

A jubilação — que lhe não proporcionou a quitação de uma aposentadoria — ofereceu-lhe apenas um mais favorável ambiente de trabalho, para que se devote a melhores e a maiores empresas. E que o faça tranqüila e seguramente como se impõe ao interesse de nosso amado idioma.

E como Antenor Nascentes foi o primeiro titular provido nesta cadeira, creada em 1925 pela Reforma Rocha Vaz, sinto-me dispensado de preencher a formalidade liminar do paragrífico. Trata-se de uma cadeira sem história...

Ainda que o quisesse porém, eu não poderia eximir-me de evocar as figuras de dois grandes vultos que presidiam ao ensino da língua materna em todo o país, por ocasião do desdobramento da cátedra de Português, naquele ano. Refiro-me é bem de ver-se, a Silva Ramos, e a Carlos de Laet. E com prazer o faço.

José Julio da Silva Ramos, que eu conheci pessoalmente, não era português, como a princípio se me representou, em razão do sotaque, aliás adorável do coimbricense. Nasceu no Recife, aos 6 de Março de 1853. Viveu em Portugal ignoro quantos anos de sua mocidade. Aí formou-se em Direito, e profundamente se penetrou do sentimento de vernaculidade lingüística. Tinha para isso um sexto sentido, uma intuição instintiva, e não admira que, embora muito jovem, fôsse admitido ao convívio de Guerra Junqueiro, João de Deus, Gonçalves Crespo, João Penna e aceito à casa de Castilho António.

Apurado no vestir, disertor no falar, castigado no escrever, — era, a todos os respeito, um elegante.

Mário Barreto chamou-lhe mestre na dedicatória do livro "Atividades do Dicionário e da Gramática", observando que era "muito benemerito do nosso idioma pelo longo e egregio exercício do professorado e pelos seus escritos, poucos mas bons". E, como quem o tinha em tão grande conta, já lhe obtivera um prefácio para os "Fatos da Língua Portuguesa".

Esses escritos "poucos mais bons", não vão além de dois volumes. Conheço-lhe os "Adejos", coleção de versos, publicados aos dezoito anos ainda em Coimbra, no ano de 1871. Sob a epigrafe "Pela Vida Fora..." apresentou-nos a Revista de Língua Portuguesa vários trabalhos seus, crônicas, apreciações literárias, cartas, lições de filologia, e versos também, ramalhados das folhas e revistas, em 1922.

Foram "poucos mas bons" e em todo caso bastantes a lhe darem uma poltrona na fundação da Academia Brasileira de Letras, ao lado das mais expressivas penas.

Dedicado cultor dos estudos lingüísticos, foi Silva Ramos dos primeiros a adotar a grafia simplificada portuguesa. Introduziu-a imediatamente neste Colégio em 1911, e em Novembro de 1915 alcançou que o mesmo sistema se antepusesse na Academia Brasileira à reforma fonética patrocinada por Medeiros e Albuquerque.

Desde que publiquei os meus primeiros artigos de intenção filológica no "Correio da Manhã", em 1923, fui por ele algumas vezes incentivado. Mas de certa feita lhe mereci um réspite. O caso foi que num inquérito ortográfico aberto nesse mesmo jornal, respondera eu no dia 5 de Agosto, isso em 1930, que era "pela grafia simplificada portuguesa, conquanto a considerasse perfectível ai numa meia dúzia de pontos". Dias após, autorizado por M. Paulo Filho, procurei o velho Silva Ramos — que esgotava os últimos meses de vida — para solicitar-lhe a valiosa opinião. Mal o vejo, diz-me, como quem repreende um discípulo:

— Li a sua resposta. Mas confesso que não me agradou. Que res-trições pode Você fazer ao sistema de Gonçalves Viana? Olhe que o aceitaram integralmente o Mário, e o Sousa da Silveira, na Escola Normal; e no Colégio Pedro II, o Otáclia, o Veras Nascentes, o Jaques, e o Clóvis. Não, meu amigo. Nem está certo, nem lhe fica bem. Deixe-se disso! Aquilo é uma obra-prima!

Confirmando depois este seu ponto de vista, no "Correio" de 28 de Agosto. Talvez o seu derradeiro escrito. Tinta-e-poucas linhas. Pouco, mas bom.

*

Quanto a Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, o creador do "Miccocsmo", esse foi um rei no seu mundo e no seu tempo. Filho desta cidade, nela encerrou a sua labuta aos oitenta anos, em 7 de Dezembro de 1927. Cinco dias antes ainda comparecera, com todo o seu vigor, pelas colunas de "O Jornal", denunciando uma "Divisão Nacional" possível, e pleiteando às vésperas da Revolução de 30, se deslizessem rancores entre Brasileiros.

Foi creatura quase que inteiramente deste Colégio. Efectivamente aqui ingressara aos treze anos incompletos, e daqui saía bacharel em letras, em 67, para a Escola Central, onde se formou em Matemática, e ciências físicas. Nesta Casa alçou o espirito, cultivando as suas tendências estéticas, que o tornaram um dos maiores escritores brasilei-